UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Estela Kohlrausch

Envelhecimento e música:
o lazer sério em narrativas de amadores(as)

Porto Alegre
2021

Estela Kohlrausch

Envelhecimento e música:
o lazer sério em narrativas de amadores(as)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Orientador: Johannes Doll

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Kohlrausch, Estela
Envelhecimento e música: o lazer sério em narrativas de amadores(as) / Estela Kohlrausch. -- 2021.
100 f.
Orientador: Johannes Doll.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação. 2. Envelhecimento. 3. Perspectiva do Lazer Sério. 4. Música. I. Doll, Johannes, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Estela Kohlrausch

Envelhecimento e música:
o lazer sério em narrativas de amadores(as)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em 05 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Doutor Johannes Doll - Orientador
UFRGS

Professora Doutora Simone Valdete dos Santos - UFRGS

Professora Doutora Luciana Prass - UFRGS

Professor Doutor Saulo Neves de Oliveira - Prairie College (Alberta, Canadá)

DEDICATÓRIA

Ao Francisco Fajardo, por sua amorosidade inspiradora.
À Edi Celi Kohlrausch, pelo apoio e exemplo.
Ao Alex Procknow, *in memorian*.

AGRADECIMENTOS

"Se queres chegar depressa, caminha sozinho. Se queres chegar longe, caminha acompanhado" (ditado africano).

Minha caminhada sempre foi acompanhada e guiada pela minha família: agradeço imensamente pelo amor da minha mãe Nilve Kohlrausch, do meu pai Anibal José Kohlrausch, da minha irmã Fernanda Kohlrausch, cunhado Laerson Luis Link e sobrinha Laura Kohlrausch Link. Agradeço ao Cassiano Spanemberg Kottwitz pelo amor e compreensão, por não medir esforços para fazer nossas vidas melhores a cada dia.

Agradeço aos colegas e professores(as) do PPGEdu: em especial ao meu orientador, Professor Dr. Johannes Doll, que fez dessa caminhada um processo muito acolhedor e edificante; e ao grupo de pesquisa Educação e Envelhecimento que, com suas experiências e críticas, me ajudou a construir todos os detalhes dessa pesquisa.

Sou muito grata pelos(as) amigos(as) que nunca desistiram de mim, me apoiam, auxiliam e inspiram. Essa dissertação foi possível porque vocês caminham comigo: leem meus rascunhos, ouvem minhas angústias e estão sempre me lembrando como a vida é bela.

Essas páginas só foram escritas graças às contribuições dos(as) entrevistados(as), agradeço por cederem seu tempo e terem me dado esse voto de confiança.

Aos integrantes do Grupo Instrumental Ferrabraz, porque fizeram e fazem a música ter um sentido e significado muito especial na minha vida.

Às integrantes d'As Mulheres de Bah! que me entenderam e apoiaram.

Aos alunos(as), pais, mães, familiares e colegas da Eagle Idiomas, Escola Waldorf Querência e Casa da Música POA, que entenderam a minha ausência.

Agradeço às(aos) professoras(es) Drª Simone Valdete dos Santos, Drª Luciana Prass e Dr. Saulo Neves de Oliveira, por serem exemplos de profissionais, pesquisadores(as) e por me ajudarem a construir esta pesquisa com suas contribuições nos momentos de banca.

O que separa o nascimento da morte é o tempo. A vida é o que fazemos dentro desse tempo; é a nossa experiência. Quando passamos a vida esperando pelo fim do dia, pelo fim de semana, pelas férias, pelo fim do ano, pela aposentadoria, estamos torcendo para que o dia da nossa morte se aproxime mais rápido. Dizemos que depois do trabalho vamos viver, mas esquecemos que a opção “vida” não é um botão “on/off” que a gente liga e desliga conforme o clima ou o prazer de viver. Com ou sem prazer, estamos vivos 100% do tempo. O tempo corre em ritmo constante. A vida acontece todo dia, e poucas vezes as pessoas parecem se dar conta disso.

Ana Claudia Quintana Arantes

RESUMO

Embora a população idosa no Brasil venha crescendo rapidamente, existem poucos trabalhos que abordem as experiências musicais nessa faixa etária na perspectiva do lazer. Dessa maneira, esta pesquisa tem como objetivo compreender como as pessoas percebem sua prática musical e seu processo de envelhecimento a partir da teoria da Perspectiva do Lazer Sério (PLS). O lazer sério é marcado por um esforço significativo para desenvolver uma carreira, identidade e obter benefícios duráveis, sendo que isso resulta numa forte identificação pessoal com a atividade. Para entender o processo de envelhecimento, a base teórica foi a Teoria da Continuidade, pois esta explica como as pessoas buscam preservar suas estruturas internas e externas usando estratégias vinculadas a seu passado pessoal e social. Tal pesquisa qualitativa contou com entrevistas semiestruturadas como instrumento para produção de dados, cujo roteiro conta com perguntas fechadas, que buscam identificar características sociodemográficas do(a) participante além de perguntas e tópicos flexíveis elaborados com base no Inventário de Lazer Sério (SLIM). Perguntas abertas, de caráter geral sobre a temática, também fazem parte da entrevista. Foram entrevistadas oito pessoas, de ambos os sexos, com idades entre 48 e 73 anos, que residem no Rio Grande do Sul e são musicistas amadores(as), no contexto da pandemia de Covid-19. Para os entrevistados, a prática musical foi percebida como algo central e que se mantém ao longo da vida, mesmo sofrendo adaptações. Todas as pessoas entrevistadas iniciaram sua prática musical antes da aposentadoria, contrastando com a ideia de que o tempo livre da aposentadoria seria uma condição para a prática de lazer. A característica proeminente das falas sobre o lazer se refere ao prazer que ele traz para a vida da pessoa, não sendo necessariamente visto como oposto ao trabalho. O grupo percebe que há uma variedade de lazer na sua vida, e que a prática sistemática e o envolvimento na atividade não tiram o prazer, mas trazem outras dimensões e benefícios. A presença da prática musical amadora no processo de envelhecimento pode contribuir positivamente para a manutenção de aspectos pessoais e sociais.

Palavras-chave: Educação; Envelhecimento; Perspectiva do Lazer Sério; Música
.

ABSTRACT

Although the elderly population in Brazil has been growing rapidly, there are few studies that explain the musical experiences in this age group from the perspective of leisure. In this way, this research was designed to understand how people perceive their musical practice and their aging process from the Serious Leisure Perspective (SLP). The serious leisure is marked by a significant effort to develop a career, develop an identity, and obtain lasting benefits, which result in a strong personal identification with the activity. To understand the aging process, the theoretical basis was the Theory of Continuity because it explains how people seek to preserve their internal and external structures using strategies linked to their personal and social past. This qualitative research had semi-structured interviews as instrument for data production. The interview script has close-ended questions that seek to identify the sociodemographic characteristics of the participant and open-ended questions prepared based on the Serious Leisure Inventory and Measure (SLIM). Questions from a general nature on the theme are also part of the interview. Eight people were interviewed of both sexes, aged between 48 and 73 years, who live in Rio Grande do Sul, and were amateur musicians, in the context of the COVID-19 pandemic. For the people interviewed, musical practice was perceived as something central that remains throughout life, even undergoing adaptations. All people interviewed started their music practice before retirement, contrasting with the idea that free time from retirement would be a condition for leisure practice. The prominent feature in the speeches about leisure refers to the pleasure that the activity brings to the person's life, not necessarily being seen as opposed to work. The group perceives a variety of leisure activities in their lives and systematic practice and involvement in the activity do not take away the pleasure, but bring other dimensions and benefits. The presence of amateur musical practice in the aging process can positively contribute to the maintenance of personal and social aspects.

Keywords: Education; Aging; Serious Leisure Perspective; Music**.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- *QrCode Playlist*……..…..11
Figura 2 - Mensagem padrão enviada…….….32
Figura 3 - Escala de Envolvimento PLS ……...55
Figura 4 - Lazeres citados ……..62
Gráfico 1 - Faixa etária……36
Gráfico 2 - Sexo/Gênero ……37
Gráfico 3 - Moradia ……39
Gráfico 4 - Escolaridade ……40
Quadro 1 - Cor/Raça/Etnia ……38
Quadro 2 - Classificação dos instrumentos musicais tocados ……48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASSMURS – Associação dos Músicos do Rio Grande do Sul

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FACED – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre

PIA – População em Idade Ativa

PLS – Perspectiva do Lazer Sério

PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PwC – PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda

SESC/SP – Serviço Social do Comércio de São Paulo

SLIM – Inventário de Lazer Sério

SOC – Seleção, Otimização e Compensação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ……11
2 OBJETIVOS……...16
2.1 OBJETIVO GERAL……16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS ……16
3 REVISÃO TEÓRICA……17
3.1 ENVELHECIMENTO E APRENDIZAGEM ……17
3.2 TEORIA DA CONTINUIDADE ……21
3.3 LAZER E A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO ……23
3.4 DE QUE MÚSICA FALAMOS? ……31
4 METODOLOGIA……34
4.1 PRODUÇÃO DOS DADOS ……....36
4.1.1 Aproximação do Campo ……36
4.1.2 Caracterização dos(as) Participantes ……39
4.1.2.1 Aproximação às Trajetórias Musicais……46
4.1.2.1 Aproximação aos Instrumentos Musicais……52
4.1.3 Entrevistas ……54
4.1.4 Transcrições das Entrevistas ……..57
4.2 ANÁLISE DOS DADOS ……..58
5 MUSICISTAS AMADORES(AS), ENVELHECIMENTOS E A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO ……60
5.1 “UMA COISA PUXA A OUTRA”: INTERESSES E MOTIVAÇÕES NA APRENDIZAGEM DE INSTRUMENTO MUSICAL……60
5.2 RELAÇÕES ENTRE LAZER E PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO …….66
5.2.1 Lazer ……67
5.2.2 “Hoje eu faço as lembranças para amanhã” ……69
5.2.3 Prática Musical, Envelhecimentos e a Perspectiva do Lazer Sério ……...73
5.3 “PANDEMIOU TUDO” ……77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS ……83
REFERÊNCIAS ……86
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ……95
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista ……...99

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de uma pesquisa está intimamente conectada à curiosidade e aos acontecimentos biográficos tanto pessoais, quanto acadêmicos e profissionais. Essas vivências nos motivam a buscar mais conhecimento e a aprofundar aspectos que nos instigam, nos confrontam e despertam o desejo de construir um conhecimento que seja significativo também socialmente.

Com esta dissertação, não foi diferente: ela surgiu do interesse em pesquisar como as pessoas percebem sua prática musical[1] e seu processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS). O trabalho foi realizado sob a orientação do Professor Doutor Johannes Doll, na linha de pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de agosto de 2019 a agosto de 2021. Frequentei o mestrado com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O período de pesquisa foi fortemente marcado pelos efeitos da pandemia de Covid-19. Pandemia é uma palavra para designar que *todas as pessoas* foram atingidas, porém vemos a cada dia o quanto é desigual a forma com que ela nos perpassa. Quando iniciei o mestrado, não poderia imaginar quantas mortes estavam por vir, nem o distanciamento ou as mudanças e adaptações que seriam necessárias para seguir. Escrevi essa dissertação sofrendo pelas perdas, mas acreditando que através da educação, música e ciência podemos construir um mundo melhor.

Desde cedo, a música esteve presente na minha vida, sendo parte fundamental da minha biografia. Iniciei minhas práticas musicais na infância, segui buscando formação acadêmica e atuo como musicista e educadora musical desde então. Nesse processo, surgiu o Grupo Instrumental Ferrabraz[2] que me reaproximou do prazer de fazer música e do desejo de estudar para aprimorar minha prática.

---

[1] A prática musical foi entendida neste trabalho como uma atividade ativa em que uma pessoa ou um grupo faz música, o que pode ter múltiplos significados como tocar um instrumento musical, cantar, compor, gravar, arranjar, apreciar músicas, escrever e ler partituras.

[2] Para conhecer o trabalho do Grupo Instrumental Ferrabraz, acesse a fanpage no Facebook ou o canal no Youtube.

Tendo a oportunidade de trabalhar com aulas particulares de instrumento e em grupos musicais com pessoas adultas e idosas, percebi que esses perfis de alunos(as) requestam uma abordagem diferenciada e me perguntava: o que é necessário ser feito para tornar o processo de aprendizagem mais significativo para esse público? Como se estabelece a relação com o instrumento e sua prática? O que a música pode significar na vida dessas pessoas e para o desenvolvimento das atividades das aulas? Existem relações entre o envelhecimento e a prática musical?

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como as pessoas percebem a sua prática musical e o próprio processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério. Como objetivos específicos, pretendeu-se identificar interesses e razões para a aprendizagem de instrumentos e descrever as relações entre o envelhecimento, a prática musical e a Perspectiva do Lazer Sério.

Para estudar e entender o processo de envelhecimento na perspectiva sociológica, Robert Atchley desenvolveu a Teoria da Continuidade explicando que, ao envelhecer, especialmente a pessoa idosa se esforça por manter estruturas externas (sociais) e internas (biográficas). Essa percepção de continuidade é importante para que a pessoa consiga desenvolver novas habilidades, porque não parte de algo inteiramente novo, mas que faz parte do seu conjunto de conhecimentos e habilidades prévios. Também a aprendizagem ao longo da vida[3] pressupõe que *viver é aprender* e que a aprendizagem ocorre desde o dia em que nascemos até o da nossa morte.

Pesquisas em neurociência confirmam que o cérebro é capaz de adquirir novas habilidades e que existe uma reorganização das atividades cerebrais da pessoa idosa. Isso fortalece a possibilidade de que alguém possa aprender a tocar um instrumento na idade adulta e na velhice (REUTER-LORENZ; LUSTIG, 2005).

A questão do envelhecimento no Brasil pode ser percebida pela grande mudança na pirâmide demográfica. Conforme as Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade: 2010-2060 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018), a população estimada do Brasil é de 210 milhões de pessoas, sendo 102 milhões de homens (48,89%) e 107 milhões de mulheres (51,1%). Para 2060, projeta-se que a população seja de aproximadamente 110 milhões de homens (48,6%) e 117 milhões de mulheres (51,39%). Em relação à

[3] Na Lei n. 13.632/2018 (BRASIL, 2018), a educação ao longo de toda a vida passa a ser um dos princípios do ensino brasileiro.

faixa etária, em 2010, a população acima de 60 anos era de aproximadamente 20 milhões (10,70%) e estima-se que passará para 73 milhões (32,17%) em 2060.

Pensando nesses números sob o aspecto etário, percebe-se que a população mais jovem irá diminuir e a população idosa, aumentar, bem como o percentual da população em idade ativa (PIA) também irá diminuir (CAMARANO, 2014). Assim, a sociedade ficará envelhecida: haverá mais idosos e menos jovens.

A longevidade alterou bastante a forma de nos relacionarmos pessoal e socialmente, bem como as questões referentes ao trabalho e à aposentadoria. A aposentadoria está sendo repensada em diversos locais do mundo, sendo fortemente incentivadas as iniciativas privadas em detrimento das públicas, aumentando cada vez mais a responsabilidade individual, no lugar da dos governos, sobre seu futuro. Assim, há um gradativo aumento das desigualdades sociais, especialmente entre os(as) idosos(as) e os(as) adultos(as) que estão para se aposentar e que não tiveram boas chances de vida nesse mundo em constante transformação (PHILLIPSON, 2016).

Um aspecto importante para se ter em mente quando se fala em pessoas idosas ou no envelhecimento é a heterogeneidade desse grupo (COSTA; SOARES, 2016). As diferenças entre um(a) idoso(a) aos 60, aos 80 ou aos 100 anos de idade são bastante significativas, bem como suas condições de saúde, financeiras e relações sociais. Essa heterogeneidade gera necessidades diferentes e exige adaptações na oferta de serviços e alterações nas políticas públicas.

Dentro dessa heterogeneidade, existem pessoas que buscam por atividades prazerosas e de lazer (ROWE; KAHN, 2015) porque, especialmente após a aposentadoria, têm mais tempo e condições financeiras de realizar alguns sonhos, como tocar um instrumento musical. A imagem presente no dito popular: “cachorro velho não aprende truque novo” reforça a ideia de que não é mais possível aprender quando se tem mais idade. Essa crença no senso comum de que só é possível aprender música na infância é bastante forte, não se restringindo ao público adulto ou idoso.

Uma característica atribuída comumente às pessoas idosas é a resistência ao novo, como se não quisessem aprender mais nada. Essa percepção pode gerar nas pessoas idosas a autocensura e, dessa forma, buscam adequar suas ações às possíveis expectativas do outro. Como destaca a antropóloga e escritora brasileira Mirian Goldenberg “[...] o mercado continua reproduzindo as imagens dos velhos do

século passado e não enxerga os ‘novos velhos’, que têm projetos de vida, saúde, amor, felicidade, liberdade e beleza” (2016, p. 8). A educação auxilia também a enfrentar o preconceito em relação aos velhos e a perceber suas qualidades e capacidades, podendo ser iguais ou diferentes das dos jovens.

A educação para e com idosos é uma resposta às mudanças sociais, sendo o convívio e troca de saberes intergeracional importante para o desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, torna-se necessária a reflexão sobre a formação dos(as) profissionais que atuam com esse público, pois “[...] na maioria dos casos, essa formação acontece de modo complementar por intermédio de cursos de especialização, seminários ou formação continuada” (DOLL, 2008, p. 21).

Além de atividades de aprendizado, há uma busca por atividades prazerosas e significativas como uma alternativa de lazer. Este pode ser caracterizado como uma prática não associada à sobrevivência (comer, dormir), que não é trabalho (sem remuneração) e nem uma atividade familiar ou comunitária/social. Percebe-se que “[...] as atividades de lazer fazem parte dos processos socioeducativos que ocorrem na vida cotidiana e, por essa razão, sempre educam” (STIGGER, 2009, p.73).

Para entender e discutir tal conceito, minha base teórica será a Perspectiva do Lazer Sério (PLS), em especial, a forma com que essa teoria aborda a ideia de amadorismo. Os estudos da PLS tiveram início na década de 1970 com o professor Robert Stebbins (1938 -), no Canadá. Desde 2012, os pesquisadores brasileiros Saulo Neves de Oliveira e Johannes Doll divulgam a PLS no Brasil, pois apesar dessa perspectiva estar presente em contexto internacional, ainda aparece pouco nos estudos e discussões nacionais sobre o lazer.

Quando a prática do lazer se torna sistemática, substancial e realizadora, surge uma carreira de lazer sério. A carreira pode tanto oferecer uma possibilidade de continuidade de valores ligados ao trabalho quanto tornar a velhice algo novo, permitindo usar espaços diferentes dos usualmente associados à essa fase da vida (asilos, lares e grupos de convivência) (OLIVEIRA; DOLL, 2017).

O foco do trabalho está na relação entre a música e o(a) amador(a) dessa área, mais especificamente, da prática musical instrumental. Entendo que a prática coral possui características próprias e que merece um estudo específico. Não se buscou somente atuações em orquestras ou bandas, por exemplo, por entender que a prática amadora não se restringe a determinados grupos, gêneros ou estilos musicais. A partir da observação de diversos(as) amadores(as) e profissionais,

Stebbins percebeu que os(as) amadores(as) se distanciavam da concepção comum de lazer como algo somente bom, pois desenvolviam essas atividades com seriedade.

Após este capítulo introdutório e o capítulo com os objetivos geral e específicos, o terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórica da dissertação e se divide em quatro partes: envelhecimento e aprendizagem, Teoria da Continuidade, Perspectiva do Lazer Sério e música. Já o quarto aborda o método de pesquisa e suas etapas. Posteriormente, serão apresentadas as análises realizadas a partir dos dados, em um quinto capítulo dividido em três seções. Por fim, o sexto e último capítulo apresenta as considerações finais e será seguido das referências e apêndices.

Para a leitura dos próximos capítulos (ou em outro momento que achar oportuno) convido você a acessar uma *playlist*[6] através do *link* na nota de rodapé ou do *QrCode* (Figura 1) abaixo. Ela foi elaborada com base em alguns grupos, artistas e músicas que os(as) participantes (Antônio, violino; Déo Oliveira, surdo; Girassol, tamborim; John, contrabaixo; Sérgio, saxofone; Luna, agogô; Mariana, agogô e Rimeda, harmônio) se referiram durante as entrevistas. O intuito é aproximar você, leitor(a), de um mundo que não coube na dissertação, mas constitui parte do universo (sonoro) pesquisado. Tem música para acompanhar toda a leitura: ouça sem moderação!

Figura 1 - *QrCode Playlist*

Fonte: elaboração própria

[6] Disponível em: https://url.gratis/fxKBwa. Acesso em: 04 jun. 2021.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como as pessoas percebem a sua prática musical e o próprio processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A. Identificar interesses e razões para a aprendizagem de um instrumento musical.
B. Descrever as relações entre o envelhecimento, a prática musical e a Perspectiva do Lazer Sério.

3 REVISÃO TEÓRICA

Nesta seção, procuro apresentar as principais teorias que fundamentaram as escolhas e reflexões desta dissertação. Trago alguns conceitos e pressupostos que serão centrais na discussão: envelhecimento e aprendizagem, Teoria da Continuidade, Perspectiva do Lazer Sério, música.

3.1 ENVELHECIMENTO E APRENDIZAGEM

O envelhecimento é um processo da vida relativo à passagem do tempo e está fortemente ligado ao caráter biológico e à idade. Porém, aspectos social e cultural agem nesse processo gerando uma multiplicidade de velhices heterogêneas. O estudo sobre o envelhecimento é interdisciplinar, envolvendo diversas áreas e temas relacionados à pessoa idosa (NETTO, 2018).

O educador inglês Peter Jarvis nos auxilia a pensar o processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida através do conceito:

> A aprendizagem humana é a combinação de processos ao longo da vida, pelos quais a pessoa inteira — corpo (genético, físico e biológico) e mente (conhecimento, habilidades, atitudes, valores, emoções, crenças e sentidos) — experiencia as situações sociais, cujo conteúdo percebido é transformado no sentido cognitivo, emotivo ou prático (ou por qualquer combinação) e integrado à biografia individual da pessoa, resultando em uma pessoa continuamente em mudança (ou mais experienciada). (JARVIS, 2013, p.35-36).

A aprendizagem da pessoa idosa não corresponde necessariamente a uma educação voltada à preparação para o trabalho, para passar em vestibular ou a uma maneira de adquirir instrumental técnico. Apesar desse grupo etário ser responsável pelo sustento de muitos lares brasileiros[7], a maior parte dele busca aprender alguma nova habilidade, idioma ou atividade para seu crescimento pessoal, bem-estar, saúde física e mental.

Em estudo realizado no Canadá sobre a relação entre aprendizagem e envelhecimento bem-sucedido, as razões que mais frequentemente foram citadas por aqueles(as) que participam de atividades educativas são:

> [...] por interesse, por alegria de aprender, para preencher o tempo de forma

[7] Para saber mais, ver CAMARANO, 2020.

> produtiva e para conhecer pessoas e se socializar. Outras razões citadas foram para lidar com um evento de vida como uma morte na família, e para preencher lacunas na educação anterior. (SLOANE-SEALE; KOPS, 2012, p. 30).

Percebendo a importância e necessidade desse tipo de trabalho com pessoas idosas, a primeira iniciativa brasileira foi realizada pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC/SP) nos anos 1960, e teve como ideia central a de que um envelhecimento bem-sucedido consiste em manter ou substituir as atividades iniciadas na meia-idade (DOLL *et al.*, 2007). A participação em atividades culturais contribui para o desenvolvimento ao longo da vida, em que se destaca a importância de novas aprendizagens para a manutenção de um envelhecimento saudável. Essas aprendizagens auxiliam no bom funcionamento físico, psicológico e social na velhice (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012).

A psicóloga, professora e pesquisadora brasileira Anita Neri descreve o paradigma do desenvolvimento ao longo da vida da seguinte maneira:

> O desenvolvimento foi definido por Baltes como um processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestrados por influências genético-biológicas e sócio-culturais de natureza normativa e não-normativa, marcado por ganhos e perdas concorrentes e por interatividade indivíduo-cultura e entre os níveis e tempos das influências. (NERI, 2006, p. 19)

A maneira de gerir estas perdas e ganhos e ter um envelhecimento bem-sucedido foi a premissa para o desenvolvimento da Teoria Seleção, Otimização e Compensação (SOC)[8]. Conforme esta teoria, o envelhecimento bem-sucedido é considerado como um processo adaptativo que envolve esses três componentes, utilizados de acordo com circunstâncias sociais e pessoais (BALTES; BALTES, 1990). Um dos exemplos citados pelo casal de pesquisadores em psicologia, Margret e Paul Baltes (1990, p. 26), é o do pianista Arthur Rubinstein[9] que, em entrevista à televisão, contou que com o envelhecimento ele reduziu o seu repertório (seleção), passou a praticá-lo com mais frequência (otimização) e diminuiu a velocidade de tocar, ampliando a impressão de velocidade quando realiza movimentos rápidos (compensação).

---

[8] Seleção se refere à capacidade da pessoa se adaptar, tanto reduzindo quanto se envolvendo em objetivos novos ou transformados; otimização refere-se a maximizar os cursos de vida em relação à quantidade e qualidade; compensação consiste em adaptar capacidades que foram perdidas ou reduzidas, tanto por meios tecnológicos (aparelho auditivo, óculos) quanto mentais (novas estratégias mnemônicas).

[9] Arthur Rubinstein (1887-1982) foi um pianista polonês considerado um dos melhores do século XX.

Longevidade, por exemplo, costuma ser um indicador de sucesso na vida da pessoa, mas envolve diversos fatores como saúde física e mental, competência social, autonomia e independência, além de satisfação pessoal. Diferentemente do que se imaginava sobre a velhice como sendo uma fase de perda progressiva e declínio, entende-se que é um processo com características distintas. A partir de novos exames de imagens e testes, percebe-se que a pessoa idosa usa de maneira diferente o cérebro, o que evidencia uma reorganização funcional e compensação para a realização das atividades cerebrais (REUTER-LORENZ; LUSTIG, 2005).

A capacidade que o cérebro tem de gerar novas redes e circuitos neurais a partir de novas experiências se chama neuroplasticidade. As pesquisas nesta área confirmam que é possível adquirir novas habilidades ao longo da vida e indicam que "[...] áreas corticais de ambos os hemisférios podem ser "recrutadas" para compensar o declínio cognitivo durante o envelhecimento" (REIS; PETERSSON; FAÍSCA, 2009, p.8).

Borelli, Schilling e Portuguez (2021) destacam que o envelhecimento cerebral envolve tudo que passamos e experimentamos ao longo da vida, sendo bastante complexo. Apesar das perdas, os autores destacam que há uma melhora na memória semântica e vocabulário. Para cuidar da saúde do cérebro destacam que é necessário tratar doenças clínicas, evitar o fumo e álcool, cuidar da saúde mental, realizar exercícios físicos e manter contato social.

Em geral, as orientações para o envelhecimento tratam principalmente de aspectos relacionados à saúde e ao cuidado. Contudo, a Organização Mundial da Saúde (OMS), através do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (2015), destaca que uma das maneiras para o desenvolvimento da autonomia da pessoa idosa consiste em criar oportunidades de crescimento e aprendizagem ao longo da vida. A existência de documentos jurídicos como esse formam a base legal e asseguram que o idoso tenha direito à independência, participação social, cuidados, autorrealização e dignidade, bem como orientam ações para um envelhecimento saudável e ativo.

Em 2020, foi declarado o período entre 2021 e 2030 como a "Década do Envelhecimento Saudável" (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020a), uma estratégia global da OMS sobre envelhecimento e saúde. O envelhecimento saudável consiste em manter a habilidade funcional que permite o bem-estar e tem como áreas de ação: 1) mudar a forma como pensamos, sentimos

e agimos com relação à idade e ao envelhecimento; 2) garantir que comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas; 3) entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde, centrados na pessoa, e adequados à pessoa idosa; e 4) propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem.

O envelhecimento é tema de um amplo arcabouço normativo visa assegurar direitos à pessoa idosa. No que diz respeito às normas federais ligadas à questão do envelhecimento e que asseguram esses direitos, temos a Constituição Federal Brasileira de 1988 (BRASIL, 2020 [1988]), a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003). Essas normativas somam-se a planos internacionais sobre o envelhecimento como o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012) e a Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 2015).

Esses documentos destacam a importância de pensar um envelhecimento saudável e ativo para toda a população, mas entendem a complexidade e heterogeneidade desse grupo populacional. Os pesquisadores e demógrafos Ervatti, Borges e Ponte Jardim (2015) observam que no Brasil há maior concentração de mulheres entre os idosos, que esse grupo etário vive majoritariamente nas regiões sudeste e nordeste e um terço da população idosa possui baixa escolaridade (entre 4 e 8 anos). Em relação à educação, a longevidade é um dos fatores que permite às pessoas poderem estudar.

O Estatuto do Idoso garante a educação como um dos direitos dos(as) idosos(as) e que sejam criadas oportunidades bem como materiais e metodologias adequados às especificidades dessa fase da vida. Também o envelhecimento deve ser incluído nos currículos escolares para que o(a) idoso(a) seja valorizado(a) e a discriminação e preconceito, eliminados. O mesmo documento garante a meia entrada e acesso preferencial em eventos culturais como forma de incentivo à participação nessas atividades.

A participação em diferentes atividades não se refere somente a capacidades individuais, mas também refletem situações sociais. Uma das que gera diferença significativa no envelhecimento é a aposentadoria, pois altera os papéis sociais e condição financeira dos(as) idosos(as). Em *A Sociologia da Aposentadoria* (1976), do gerontólogo e sociólogo americano Robert Atchley, são abordadas questões

referentes ao processo em que a aposentadoria ocorre e o que ela pode significar para as pessoas que se aposentam. Algumas delas sentem dificuldade de lidar com essa mudança, porém para outras, a aposentadoria pode ser uma fase na qual é possível reorganizar e reorientar as atividades.

Assim, por mais que questões biológicas, sociais e genéticas possam implicar limitações na velhice, é necessário que haja uma combinação de fatores individuais e sociais para um envelhecimento bem-sucedido, em seus diferentes conteúdos e tempos. Aprender, além de ser uma atividade mental, é uma atividade social importante que ajuda a construir papéis, a enfrentar as perdas decorrentes desta etapa e a exercer a cidadania. Como disse Freire (2015, p. 39), a pessoa humana é um "[...] ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é".

3.2 TEORIA DA CONTINUIDADE

Por mais mudanças que ocorram durante o processo de envelhecimento, alguns aspectos pessoais e sociais dão um sentido de continuidade para a vida. A Teoria da Continuidade foi desenvolvida pelo gerontólogo e sociólogo americano Robert C. Atchley (1938-2018) e tem como premissa central que os(as) adultos(as) e idosos(as) buscam preservar suas estruturas internas e externas usando estratégias vinculadas a seu passado pessoal e social.

As psicólogas e pesquisadoras Susan T. Charles e Joanna Hong (2016), em revisão sobre teorias de bem-estar e envelhecimento, comentam que os(as) pesquisadores (as) encontraram em seus estudos taxas relativamente altas de bem-estar emocional nas pessoas idosas, apesar dos declínios relacionados a processos físicos e cognitivos. Para as autoras, a teoria da continuidade identifica que os(as) idosos(as), ao permanecerem ativos(as) e engajados(as), mantém altos níveis de bem-estar, adaptando-se ao envelhecimento.

Segundo Atchley (1989), as ligações pessoais e sociais com o passado são a base para planejar o futuro e responder às mudanças do envelhecimento. O termo continuidade se refere a uma estrutura básica coerente que persiste no tempo, mas que permite mudanças. Como essas mudanças se baseiam no passado, geram continuidade.

Essa teoria auxilia a entender melhor pessoas que experienciam um envelhecimento normal, ou seja, habitual, relativo a padrões de envelhecimento humano encontrados comumente e que são diferentes de cultura para cultura. Considera-se, portanto, envelhecimento normal aquele que não é patológico, nem anômalo (ATCHLEY, 1989).

Ainda de acordo com o autor, existem dois tipos de continuidade: a interna e a externa. A continuidade interna requer memória e é definida pelo indivíduo em relação a uma estrutura interna formada por ideias, temperamento, afeto, experiências, preferências, disposições e habilidades. A continuidade externa é definida pelos outros e pelas relações com ambientes físicos e sociais, relações entre papéis e atividades familiares e sociais. Assim, a continuidade é promovida tanto individual quanto socialmente.

Há três graus de continuidade: pouca continuidade, ótima continuidade e continuidade demais. No primeiro, a vida é imprevisível, podendo gerar descontinuidade; já no segundo, as mudanças e continuidades estão dentro de sua capacidade de lidar com as demandas pessoais e sociais; por fim, no terceiro grau não há mudanças suficientes para enriquecer a vida. Esses graus são percepções e avaliações dos próprios indivíduos.

A continuidade interna é importante para a tomada eficaz de decisões no dia a dia, para sentir-se com integridade (inteireza) do ego, sendo usada como base da autoestima e promovendo fácil manutenção da interação e apoio sociais. Está ligada com o autoconceito, a autoestima e a identidade. Com base na continuidade interna, as pessoas transformam suas experiências em temas, tais como: "as pessoas podem fazer qualquer coisa se trabalharem o suficiente" ou "minha família é minha vida" (ATCHLEY, 1989, p. 187) e os usam para justificar suas vidas, para construir sua história com inevitabilidade, naturalidade e retidão. O oposto disso seria a descontinuidade interna que, se for grave o suficiente, pode prejudicar a saúde mental.

A continuidade externa conecta a pessoa às suas performances anteriores, ao apoio social e às interações entre aqueles que afirmam sua própria visão de si. É um importante meio de lidar com as mudanças físicas e mentais que podem acompanhar o envelhecimento, além de ser uma maneira eficiente de encontrar um campo a partir do qual novas metas são buscadas após a viuvez ou a aposentadoria, por exemplo. Manter relacionamentos (com amigos, família etc.), é

um objetivo importante para a maioria das pessoas idosas e esses reforçam sua identidade.

Com base na continuidade externa é possível que a pessoa distinga as coisas entre aquelas que podem fazer bem e aquelas que não podem, conhecendo seus pontos fortes para obter satisfação com a vida e para minimizar os efeitos negativos do envelhecimento na capacidade. Também a continuidade dos ambientes é significativa, pois novos ambientes podem diminuir nossa capacidade de usar hábitos para lidar com tarefas da vida cotidiana: "[...] as Páginas Amarelas[17] não informam em quem você pode confiar para fornecer um serviço de alta qualidade" (ATCHLEY, 1989, p. 189). Geralmente, a continuidade externa só se torna inadequada quando há uma séria perda da capacidade física e mental necessárias à sua manutenção.

A Teoria da Continuidade auxilia a pensar a prática musical no processo de envelhecimento, pois compreende que os valores e hábitos são parte constituinte do indivíduo e o auxiliam tanto a se reconhecer como a se adaptar às mudanças. O contexto histórico e social e as preferências individuais influenciam a pessoa a preservar seus papéis sociais ou construir novos espaços.

Sendo a prática musical uma parte concreta da personalidade, por fazer parte do estilo de vida, sua manutenção ou adaptação pode auxiliar na reorganização da vida e na percepção de si de maneira consistente, contínua e positiva. A presença da prática musical no processo de envelhecimento da pessoa a mantém envolvida socialmente, tanto ao estabelecer relacionamentos intergeracionais quanto pelas contribuições para a continuidade de práticas culturais.

A presença da música antes e na velhice pode ser um motivo de satisfação duradouro e uma alternativa disponível de desenvolver aspectos intelectuais, motores, expressivos e sociais. A música na velhice pode contribuir para o desenvolvimento total do cidadão e a Teoria da Continuidade auxilia a perceber as adaptações como possibilidades de continuidade nessa fase da vida.

3.3 LAZER E A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO

Distribuímos as horas do nosso dia em diversos tipos de atividades, algumas

[17] Páginas Amarelas é uma lista telefônica de empresas e serviços que caiu em desuso com a disseminação da internet.

consideradas cuidados essenciais como alimentação, repouso e higiene. Também podemos reservar algum tempo para atividades domésticas, trabalho, convívio social, aprendizagem e lazer. O lazer é um direito garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018 [1948]) e pela Constituição Brasileira (BRASIL, 2020 [1988]). Nesta, os artigos 6º e 227º, dizem ser obrigação do Estado incentivar o lazer como uma forma de promoção social (art. 227). Somos, assim, incentivados a desenvolver hábitos saudáveis, pois estes podem garantir saúde e bem-estar.

Conforme o dicionário *Michaelis On-line*, a palavra lazer é de origem latina (*licere*) e possui dois significados: 1) descanso, folga, ócio, repouso; e 2) diversão ou ocupação que se escolhe para os momentos de tempo livre, distração, entretenimento, recreação. Essas diferentes concepções trazem tanto a ideia de que o lazer seria um não-fazer quanto de que poderia ser uma atividade para ocupar o tempo livre (LAZER, 2015).

Nas palavras do filósofo grego Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.), o ócio contém em si mesmo prazer, felicidade e ventura, sendo o princípio constitutivo de todas as coisas. “Com efeito, se trabalho e ócio são indispensáveis (embora o ócio seja preferível ao trabalho e até à finalidade deste) pesquisemos como deve ser usado o tempo de lazer” (ARISTÓTELES, 1998, p. 565). Aprofundando a discussão sobre educação musical (especialmente no livro VIII, capítulos 5 a 7), o filósofo discute o caráter disciplinador da música e que ela está na educação para que se aprenda a ocupar o ócio, sendo um "divertimento à altura dos homens livres” (ARISTÓTELES, 1998, p. 567), que conduz “a algum modo de virtude” (e “contribui para o descanso e o cultivo da inteligência” (ARISTÓTELES, 1998, p. 573). Na discussão de Aristóteles, a música faz parte da formação do homem livre[21], mas “[...] a música deveria ser estudada na medida suficiente para possibilitar a fruição das boas melodias e ritmos” (1998, p. 585 e 587). Ela pode ter diferentes propósitos e, por influenciar as ações e sentimentos das pessoas, é importante estar presente na formação dos cidadãos.

Os professores brasileiros Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Júnior, no livro *Introdução ao Lazer*, apresentam o lazer de uma perspectiva histórica. Observam que, no Império Romano, o lazer passou a ser regulado pelo

[21] Não escravo, homem e adulto.

Estado na conhecida política *Panem et circenses*; na Idade Média, há uma forte presença da Igreja Católica e a associação da diversão ao pecado; na Modernidade e era industrial o lazer foi entendido como algo perigoso e subversivo, pois nesses momentos os trabalhadores podiam se reunir e refletir sobre sua situação. Foi nessa época que "[...] espetáculo e consumo se tornariam dimensões de grande importância na configuração do ideário e imaginário da modernidade" (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p.10). Em relação ao lazer na sociedade contemporânea, os autores destacam sua proximidade com a indústria do entretenimento e que "[...] por trás dela encontra-se a potencialização dos velhos mecanismos de obtenção de lucros diretos e indiretos já implementados pelas classes dominantes na origem do capitalismo" (MELO; ALVES JÚNIOR, 2012, p. 13). Esse pequeno panorama histórico e suas diferentes concepções nos permitem perceber que o lazer não é um campo neutro, mas um espaço social constituído por lutas (econômicas, sociais e políticas) que atuam interna e externamente.

Sobre o lazer entre pessoas idosas no Brasil, Araújo e Rocha (2019) pesquisaram dois grupos (um de dança e outro musical) na cidade do Rio de Janeiro. Utilizaram o conceito de lazer como um diferente tipo de consumo contemporâneo, que inclui serviços, produtos, ideias, experiências, bem-estar e aprendizagem. Entendem que o lazer expressa valores, diferenças, pensamentos e que os benefícios podem ser físicos, cognitivos, psicológicos e pelos sentimentos que conectam as pessoas. Na pesquisa, encontraram situações em que algumas pessoas aposentadas reconstroem suas identidades através do lazer, utilizando recursos simbólico e material para realizar velhos ou completamente novos planos. No grupo musical estudado, perceberam a nostalgia tanto individual quanto coletiva, porque as músicas despertam memórias de bons momentos tais como histórias de amor, reconectando as pessoas com tempos especiais nas suas vidas.

Neste trabalho, entendemos o lazer a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS), elaborada pelo sociólogo americano Robert Stebbins. Lazer é pensado aqui envolvendo tanto uma abordagem individual quanto contextual, sendo uma atividade não coagida, contextualmente enquadrada durante o tempo percebido como livre, que as pessoas querem fazer e, usando suas habilidades e recursos, realmente fazem de uma forma satisfatória, gratificante ou ambas (STEBBINS, 2020, p. 15). O adjetivo sério, de caráter popular, remete à importância que esta atividade tem na vida das pessoas.

A PLS aborda as características distintivas, semelhanças e inter-relações de três dimensões do lazer, consideradas igualmente importantes (OLIVEIRA; DOLL, 2012): 1) lazer sério, que possui seis qualidades distintivas (perseverança, carreira, esforço, benefícios duráveis, *unique ethos*[22], identificação; 2) lazer casual, como jogo, relaxamento, entretenimento passivo, entretenimento ativo, conversação social, estimulação sensorial, voluntariado casual e atividades aeróbicas; e 3) lazer baseado em projeto, cujo objetivo é o de cumprir determinada tarefa.

Para esta pesquisa, a dimensão de lazer sério será fundamental, pois nela há um esforço significativo para desenvolver uma carreira, identidade, obter benefícios duráveis, sendo que isso resulta numa forte identificação pessoal com a atividade (OLIVEIRA; DOLL, 2012, 2014, 2017). A atividade realizada "[...] é visualizada como central na vida da pessoa que a pratica. Essa centralidade requer um envolvimento sistemático com a atividade, percebida pelo sujeito como substancial, interessante e realizadora, que se realiza/manifesta/expressa através de uma carreira de lazer" (DOLL *et al*., 2018, p. 1141).

O conceito de *core activity* (atividade central) se refere a um conjunto distintivo de ações ou etapas inter-relacionadas que devem ser seguidas para alcançar o resultado que o(a) participante busca (DOLL *et al*., 2018). *Core* pode ser traduzido como âmago e até, metaforicamente, como coração. Na prática da música instrumental a *core activity* é tocar, porém sua realização engloba, por exemplo, carregar o instrumento, afinar, fazer regulagens ou imprimir partituras. Essas ações podem não ser tão agradáveis, mas precisam ser realizadas para que a *core activity*, esta sim com valor motivacional, aconteça. Normalmente no lazer, a *core activity* é agradável, sendo através desse sentimento que as pessoas podem se sentir positivas em relação à vida em geral (STEBBINS, 2020).

O Inventário de Lazer Sério busca avaliar as seis qualidades distintivas do lazer sério nas dezoito dimensões que as compõem:

> 1) perseverança: persistir diante de dificuldades, buscando superá-las; 2) progresso na carreira: perceber melhorias e avanços ao longo do tempo; 3) contingências da carreira: identificar momentos decisivos que influenciam o envolvimento na atividade; 4) esforço: dedicar-se de modo significativo em busca de aperfeiçoamento na atividade; 5) autoimagem: reconhecer a si; 6) autoexpressão: demonstrar quem se é, sua personalidade e valores; 7) autorrealização: exercer seu talento ou potencial máximo; 8) enriquecimento pessoal: acrescentar valores à vida em geral; 9) expressão de habilidades:

[22] *Ethos* é um espírito de comunidade manifestado pelos(as) participantes que compartilham atitudes, práticas, valores, crenças, objetivos, um mundo social específico (STEBBINS, 2020).

> demonstrar habilidades e/ou conhecimentos sobre a atividade; 10) renovação: revigorar-se, revitalizar-se; 11) satisfação profunda/gratidão: sentir-se profundamente grato, edificado; 12) prazer: divertir-se, “curtir”; 13) retorno financeiro; 14) atração do grupo: buscar interagir com pessoas que também têm essa atividade como algo central em suas vidas; 15) manutenção do grupo: promover a coesão do grupo; 16) realizações do grupo: valorizar as conquistas do grupo; 17) etos único: compartilhar ideias, sentimentos e ideais do grupo; 18) identificação: ser reconhecido pelas pessoas como praticante/integrante do grupo. (DOLL *et al.*, 2018, p.1142).

Outra classificação dentro da teoria utilizada nesta pesquisa se refere aos tipos de envolvimento (DOLL *et al.*, 2018, p. 1141) que as pessoas possuem com as atividades de lazer que praticam. Eles podem ser dos tipos: 1) amador: possui uma ligação com os profissionais dessa mesma atividade, bem como uma relação com o seu público., não exercendo contudo a atividade como meio principal de subsistência; 2) voluntariado: atividade altruísta e não coagida, realizada no tempo livre e intencionalmente produtiva; e 3) *hobby*: pode ser classificado em cinco tipos – colecionador, *maker*[23], participante de atividades não competitivas, participante em esportes e jogos além de *hobby* em artes liberais (STEBBINS, 2020, p.23).

Amador, fora do âmbito da PLS, é uma palavra que designa a pessoa que ama, aquela que é amante ou apreciadora de alguma coisa ou alguém, mas também pode ser aquele que é inexperiente em algum assunto ou atividade (AMADOR, 2021). A pesquisa se centrou no envolvimento amador entendido a partir da PLS, onde a pessoa tem uma prática sistemática, substancial e realizadora de lazer, possuindo uma carreira e pertencendo ao sistema profissional-público-amador. A carreira está ligada a uma mudança, um desenvolvimento e um empenho na atividade que se desenvolve com o lazer desde a iniciação até sua interrupção (e.g. morte ou desistência). Esse percurso compreende uma ideia de início e uma perspectiva de futuro, a “[...] carreira se expõe na aquisição e na expressão de um conjunto de habilidades, conhecimentos e experiências específicos da atividade” (OLIVEIRA; DOLL, 2016).

O envolvimento como amador na PLS pode acontecer nas artes, ciências, entretenimento e esporte. O(a) amador(a) possui similaridades com o(a) profissional[25] da área, mas para o(a) amador(a), a atividade realizada como lazer não é sua fonte principal de renda, tampouco seu modo principal de vida. Conforme

---

[23] Pessoa é capaz de fabricar, construir, reparar e alterar objetos com as próprias mãos.

[25] O autor opta por uma perspectiva mais econômica que sociológica, entendendo o profissional como alguém que depende do rendimento de uma atividade que outras pessoas exercem com pouca ou nenhuma remuneração.

Stebbins (1977), amadores(as) e profissionais da música não agem uns(as) contra os(as) outros(as), pois ambos(as) se relacionam com a música, mas cada um(a) possui o seu espaço e identidade, colaborando entre si. A presença de musicistas amadores(as) no público, por exemplo, pode motivar a escolha de repertório para apresentações.

Na revisão do professor canadense Roger Mantie sobre música e/como lazer, o autor aponta que a relação entre os conceitos de lazer e música pode ser problemática e que há poucas teorizações, estando os discursos acadêmicos mais centrados na música em si do que na aprendizagem ou no engajamento das pessoas com ela. O autor parte dos estudos de Stebbins para lembrar o quão multifacetado o caminho para o amadorismo pode ser e que os(as) musicistas e educadores(as) obcecados(as) em “qualidade” poderiam repensar a prática musical considerando que a definição “acertando” parece mais situada e menos universal (MANTIE, 2013, p.137). Assim, pode-se entender que a participação na e utilização da música pelas pessoas possui papéis diversos, como aprendizagem, experiência, motivação e satisfação. O autor ainda enfatiza que o lazer nunca é apolítico, pois há forças estruturais que inevitavelmente comprometem a liberdade e escolha, aspectos estimados nas teorias de lazer, sendo que a música pode ser usada tanto como uma cópia mecânica quanto como uma forma de resistência.

O amadorismo surge quando emergem novos padrões de excelência e a pessoa se depara com uma escolha crítica em sua carreira como participante: restringir a identificação com a atividade em um grau suficiente para permanecer, mas sem atender plenamente aos novos padrões (STEBBINS, 1979). Essa escolha situa o(a) musicista amador(a) em um papel de marginalidade, pois está entre o trabalho e o lazer, gerando uma incompreensão por parte da família e amigos (STEBBINS, 1978b).

O(a) amador(a) gosta de dedicar seu tempo a se desenvolver na sua atividade de lazer, o que pode ser dificultado durante o período de atividade profissional, quando grande parte do tempo é dedicada ao trabalho. Uma característica encontrada nos(as) amadores(as) é a de *incontrabilidade*, pois pode facilmente se perder no tempo usado para a atividade (como passar a noite tocando e depois ficar com sono durante seu trabalho) e no dinheiro que despende para isso, bem como no nervosismo e falta de confiança na hora de tocar.

Em artigo, Stebbins (1978a) aborda a questão da mudança que a

aposentadoria pode representar na vida das pessoas amadoras, pois possibilita que tenham mais tempo livre e se dediquem seriamente a alguma atividade. Iniciar uma prática de lazer antes da aposentadoria, destaca o autor, é uma maneira de poder investir quando os recursos pessoais são melhores (porque muitas pessoas têm sua renda diminuída quando se aposentam), permitindo descobrir as habilidades para as quais se tem vocação, além de poder desenvolvê-las a certo nível que dê satisfação ao realizá-las. Outro aspecto trazido pelo autor é que, como a idade é bem variada, da adolescência à velhice, essa intergeracionalidade nas atividades traz benefícios para o envelhecimento porque ajuda a compensar a perda de pessoas queridas e a saída do mercado de trabalho.

As relações que os(as) amadores(as) estabelecem na sua prática envolvem os(as) profissionais da área e o público, sendo organizadas no sistema profissional-público-amador (STEBBINS, 1978b). O público oferece suporte financeiro em troca da performance, dá *feedbacks* e desempenha papel real no desempenho, pois encontra-se no público o(a) amador(a), o(a) pré-profissional e o(a) pós-profissional. A presença de amadores(as) no público pode motivar os(as) profissionais da música a executarem determinado repertório, por exemplo. O público, ao ver um grupo musical amador ou profissional, utiliza os mesmos critérios e padrões de avaliação.

A experiência musical coletiva é uma maneira de validar os anseios dos(as) amadores(as) e ocorre de maneiras e níveis distintos. Stebbins (1978c) apresenta três níveis de envolvimento com atividades musicais coletivas: com grupos formados para situações determinadas, algumas vezes (como escolas de verão e festivais) ou regularmente. Esse envolvimento também tem relação com o tipo de grupo no qual se realiza a prática, e o autor destaca a participação de músicos(as) clássicos amadores(as) em orquestras e música de câmara.

Sobre a participação em orquestras de amadores(as), Stebbins (1978c) salienta seu caráter urbano e a relação com a existência de orquestras profissionais na região estudada. Já na música de câmara, destaca que esta requer forte compatibilidade social e psicológica e sua duração está relacionada com a força dos relacionamentos interpessoais. A experiência como músico(a) clássico(a) amador(a) permite tanto conhecer o repertório, quanto aprimorar o julgamento estético desses, que muitas vezes, são o público dos(as) músicos(as) profissionais, sendo os(as) amadores(as) os(as) críticos(as) mais experientes das performances profissionais.

A motivação ou impulso leva a pessoa a experimentar uma atividade de lazer, pois seus custos são vistos como mais ou menos insignificantes em comparação às recompensas que ela pode trazer. O significado da atividade para o(a) participante é a motivação para nela se engajar, e tal recompensa é diferente dos benefícios duráveis, mas constituem dois lados da moeda social. Em qualquer uma das recompensas, os(as) participantes devem ter adquirido níveis suficientes de habilidade, conhecimento e experiência para estar em posição de usar essas aquisições. Desse modo, adquire-se um conjunto de experiências que levam ao desenvolvimento máximo do potencial dessa pessoa.

Outros conceitos recentemente incorporados à PLS são provenientes da Psicologia Positiva: fluxo (do inglês *flow)* e entusiasmo (do inglês *thrill*[26]). O fluxo é um estado mental em que a pessoa está envolvida em uma atividade intrinsecamente gratificante e na qual é exigido alto grau de concentração e envolvimento, a sensação de tempo é distorcida e perde-se a autoconsciência durante a atividade. Para que o fluxo ocorra, precisa haver um equilíbrio entre o nível de habilidade exigida e o desafio apresentado. Já os *thrills* são os eventos e ocasiões que se destacam emocionalmente e tendem a ser associados às recompensas de autoenriquecimento, autorrealização e autoexpressão. Apesar de serem bastante abstratas, *thrills* e fluxos são importantes na PLS, porque motivam a pessoa a continuar buscando por experiências semelhantes (STEBBINS, 2020, p. 29-30).

Para que *thrills* ocorram, é necessário um certo nível de domínio técnico de uma atividade amadora, o que não ocorre com outro tipo de envolvimento. A emoção de tomar um banho de mar é qualitativamente diferente de surfar numa onda gigante, em que o(a) surfista necessita de experiência, conhecimento e habilidade. Várias emoções vêm com as atividades de lazer sério e são parte especial da experiência de lazer.

A PLS traz contribuições significativas para entender o que uma atividade de lazer pode significar para quem a pratica. Cada pessoa pode estabelecer diferentes relações de dimensões e envolvimentos com o lazer, porém aqui nos interessa os(as) amadores(as) em música, porque essa prática pode trazer benefícios duráveis, gerando identificação, realização e recompensa.

---

[26] Refere-se à situação que produz sensação repentina de excitação e prazer.

3.4 DE QUE MÚSICA FALAMOS?

A música, na definição dos dicionários, é a arte de combinar sons, de executar uma peça musical. Mas também é considerada remédio para a alma, uma maneira de se expressar, e está ligada a campos como arte, ciência, memória, sentimentos, emoções, aprendizagens, prazer e terapia. Nesse caso, a música é aquela atividade de lazer com a qual a pessoa se identifica e é identificada.

A prática regular de música tem efeito positivo em aspectos cognitivos, emocionais e sociais tanto de pessoas saudáveis quanto com leve grau de demência (SÄRKÄMÖ *et al*., 2014). Ainda em relação a esta pesquisa, a prática diária de música desempenha importante função psicológica para um envelhecimento positivo, aumentando o bem-estar, diminuindo o isolamento social, melhorando aspectos cognitivos, além de reduzir o risco de desenvolvimento de demência.

Para quem inicia ou retoma a prática de um instrumento musical quando adulto(a), maduro(a), ou idoso(a), poderá ter o desafio de reconstruir a ideia de que só se aprende música na infância e de que é preciso ter “dom” para isso. Como relata o educador musical brasileiro Marcelo Caires Luz:

> [...] é preciso trabalhar com grupo de idosos, tendo como objetivo o desenvolvimento de experiências transformadoras de suas realidades, no sentido educacional amplo e, especificamente na Educação Musical. Essa educação deve motivar os participantes com a possibilidade concreta de aprendizagem que pode ser, gradativamente, alcançada, atendendo as expectativas próprias de cada fase desse trabalho. (LUZ, 2005, p. 21)

Além dos trabalhos coletivos, o desenvolvimento de habilidades em instrumentos musicais exige bastante envolvimento individual. O educador musical americano Don Coffmann (2006) desenvolveu uma pesquisa com seis bandas de sopro em um programa comunitário na Austrália e a questão financeira (ter condições de adquirir ou não um instrumento, pagar pelas aulas) foi um fator determinante para aprender e tocar um instrumento musical.

Andrew Goodrich (2019) pesquisou como as interações sociais contribuem para que as pessoas usem seu tempo em práticas musicais. Ele percebeu que as pessoas participam não só pelo desejo de permanecer tocando, mas também pelo repertório. Além disso, um dos aspectos mais importantes encontrados pelo autor como razão para tocar em grupos musicais é a questão das relações sociais em

momentos não-musicais, fora do ensaio e apresentação. Esses momentos são oportunidades que não ocorreriam sem a música e atuam como o fio condutor para ficarem juntos(as). Identificar esses aspectos nos grupos e seus(suas) integrantes pode auxiliar os educadores a criarem interesse em permanecer fazendo música ao longo da vida.

As pesquisadoras Creech e Hallam (2020), no capítulo sobre aprendizagem e participação de adultos em contextos musicais, destacam que, para os(as) adultos(as), fazer música em grupo ou em aulas individuais é uma experiência importante, pois os(as) conecta com outras pessoas, possibilita novas amizades e prove um senso de pertencimento, além de ser um suporte social em tempos difíceis. Os objetivos de cada participante são diferentes (conhecimentos musicais, amizades, satisfação pessoal), mas quando as expectativas são muito altas, podem provocar frustrações e ser uma barreira para desenvolver seu conceito pessoal como musicista. Além disso, aspectos cognitivos-motores podem gerar frustração e ser um desestímulo na aprendizagem. Líderes têm papel importante para inspirar e motivar, criar espaços e tempos que incorporem as experiências de aprendizagem, respeitando as necessidades individuais. As pesquisadoras ainda destacaram que as pessoas estudam com maior intensidade o repertório que estão mais familiarizados por ouvir e que fazem menos exercícios não vinculados ao repertório familiar. Para elas, a aprendizagem musical de adultos acontece em ambientes que sejam caracterizados como abertos e inclusivos, tendo o(a) aluno(a) como centro da aprendizagem. Além disso, quando se articula junto a eles passado, presente e futuro, o senso de pertencimento aumenta e a pessoa tende a ficar mais tempo envolvida na prática dessa atividade. Mesmo que em alguns momentos da vida outras responsabilidades ou demandas prevaleçam e seja necessário parar, retornar indica que a música possui valor e lugar, podendo explorar, adquirir e restaurar “eus” musicais possíveis.

Participar de alguns grupos musicais instrumentais pode pressupor conhecimentos prévios dos(as) seus(suas) participantes, então, para neles ingressar, os(as) adultos(as) e idosos(as) procuram aulas particulares de instrumento musical. Nesse sentido, questiono: o que a música significa para as pessoas que tocam amadoramente um instrumento musical?

A prática musical dentro da PLS pode ser relacionada com o conceito de *core activity*, pois é essa atividade principal que atrai e encoraja as pessoas a se

engajarem (STEBBINS, 2020). Os(as) participantes percebem uma combinação de valores culturais (como sucesso, realização, liberdade de ação, personalidade individual, entre outros) enraizados nessa atividade central.

4 METODOLOGIA

Este capítulo é dedicado a explicar como essa pesquisa foi pensada e construída com o objetivo de compreender como as pessoas percebem a sua prática musical e seu processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério. Para responder a essa questão, foi utilizada uma abordagem qualitativa buscando conhecer, descrever e compreender fenômenos que estão situados cultural e historicamente.

Esse tipo de abordagem visa elucidar a perspectiva do(a) participante, sua maneira de ver o mundo e suas ações. Para ilustrar essa qualidade da pesquisa qualitativa, transcrevo uma metáfora da psicóloga e escritora brasileira Ecléa Bosi:

> Imagine-se um arqueólogo querendo reconstruir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral... (BOSI, 1994, p. 414).

Para recompor os sentidos da prática musical e do processo de envelhecimento dos(as) participantes, optou-se pela produção dos dados através da realização de entrevistas semiestruturadas. A entrevista, conforme o sociólogo e pesquisador brasileiro Otávio Cruz Neto (2002), é um instrumento no qual o(a) pesquisador(a) busca informações nas falas, sendo uma conversa que tem como fim coletar os fatos vivenciados pelos sujeitos-alvo da pesquisa. A escolha de entrevistas semiestruturadas se deve ao fato de poder considerar e aprofundar os assuntos referentes à prática do lazer sério e do processo de envelhecimento, além da possibilidade de conhecer as opiniões, sentidos e atitudes das pessoas.

O roteiro da entrevista (Apêndice B) conta com perguntas e tópicos flexíveis que orientaram as mediações entre a pesquisadora e o(a) entrevistado(a). Foi elaborado com base na Teoria da Continuidade de Atchley e no Inventário de Lazer Sério (DOLL *et at.,* 2018) que busca avaliar as seis qualidades distintivas do lazer sério nas dezoito dimensões que as compõem, citadas anteriormente.

É importante estar ciente de que foi construída uma relação entre a pesquisadora buscando por informações e os(as) participantes que são a fonte das informações almejadas. Estes(as), por estarem numa situação de entrevista, podem modificar sua fala para corresponder àquilo que eu posso representar para eles(as).

Um exemplo dessa situação pode ser percebido na fala do entrevistado: “Voltando à questão musical, que é o que te interessa” (Déo Oliveira, surdo), na qual ele explicita que sua narrativa está intimamente ligada ao que ele entende como sendo o foco da pesquisa, pois tanto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) quanto pelas minhas falas, ele pode criar essa ideia do que interessa para a entrevista e busca corresponder a ela.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2015) adverte em seu texto *A Ilusão Biográfica* que a narração da história de vida contém uma preocupação em dar sentido, coerência e lógica para aquilo que é contado. O sujeito que conta já traz suas interpretações dos fatos e os relaciona com outros acontecimentos, tanto pessoais quanto sociais. Porém, a relação estabelecida entre o(a) pesquisador(a) e o sujeito faz com que o relato varie entre um oficial e uma confidência, dependendo de qual representação o sujeito faz da situação em que a entrevista ocorre e com base nas suas experiências anteriores.

Nesse sentido, um aspecto importante para a pesquisa é a ética, presente em todo o processo de investigação e que vai muito além de uma regulamentação ou normatização do que pode ou não ser feito. Pensar eticamente a pesquisa é importante para evitar abusos em nome do desenvolvimento da ciência. As relações entre a pesquisadora e os(as) participantes foram constantemente reforçadas deixando sempre claras as questões de consentimento, esclarecimento e sigilo dos dados.

Optei por não trabalhar com o grupo musical que coordeno, nem com meus(as) alunos(as), que estariam de acordo aos critérios de seleção estabelecidos para os(as) entrevistados(as), permitindo um distanciamento e estranhamento que pudessem auxiliar a aprofundar as questões de pesquisa e produção de dados. Apesar de não ter relação direta com as pessoas, o fato de eu ser do campo musical pode ter facilitado tanto a indicação quanto a participação das pessoas no estudo.

Percebe-se pelas falas que os(as) participantes entendem o tipo de trabalho em que estão participando e a contribuição que dados da entrevista proporcionam às reflexões: “Então estou muito contente em poder colaborar contigo, para o trabalho acadêmico” (Sérgio, saxofone) e “[...] eu fico bem feliz e até um dos motivos de eu querer participar é realmente contribuir um pouco com isso [trabalho científico], que acho superimportante” (John, contrabaixo).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A), no qual

constam as informações da pesquisa, foi enviado ou entregue por escrito, considerando as características individuais, sociais, econômicas e culturais do(a) participante. O termo garante os direitos do(a) participante de ser informado(a) da pesquisa, de desistir de participar em qualquer momento, o respeito à sua privacidade, a confidencialidade das informações pessoais e identidade, bem como traz informações sobre indenizações e ressarcimentos. A participação nesta pesquisa e os procedimentos utilizados obedeceram aos critérios de ética presentes na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com número CAAE 35662220.3.0000.5334.

Após o consentimento, foi enviada por e-mail ou entregue ao(à) participante da pesquisa uma via assinada pela pesquisadora. No início de cada entrevista, houve uma conversa para esclarecer possíveis dúvidas sobre o conteúdo do termo e da pesquisa. Buscou-se evitar qualquer forma de imposição ou constrangimento, com especial atenção às limitações decorrentes do afastamento social: tendo sido importante buscar o momento, condição e local mais adequados. As entrevistas foram gravadas e suas transcrições foram apresentadas e validadas pelos(as) participantes.

No final da entrevista, foi reforçado que se houvesse alguma informação que a pessoa não gostaria que fosse utilizada, poderia tirar sem problema algum. Alguns(as) participantes fizeram diversas alterações nas transcrições para ficarem mais de acordo com o que queriam dizer. Entendo que isso não desqualifica a escolha pelas entrevistas, mas sim valoriza a autoria dos(as) participantes. Também foi solicitado que escolhessem o nome pelo qual gostariam de ser chamados para manter o anonimato. Um dos participantes solicitou manter sua identidade aberta e outros questionaram a necessidade dessa alteração, sendo respeitada a opção em usar o nome real ou fictício sugerido.

4.1 PRODUÇÃO DOS DADOS

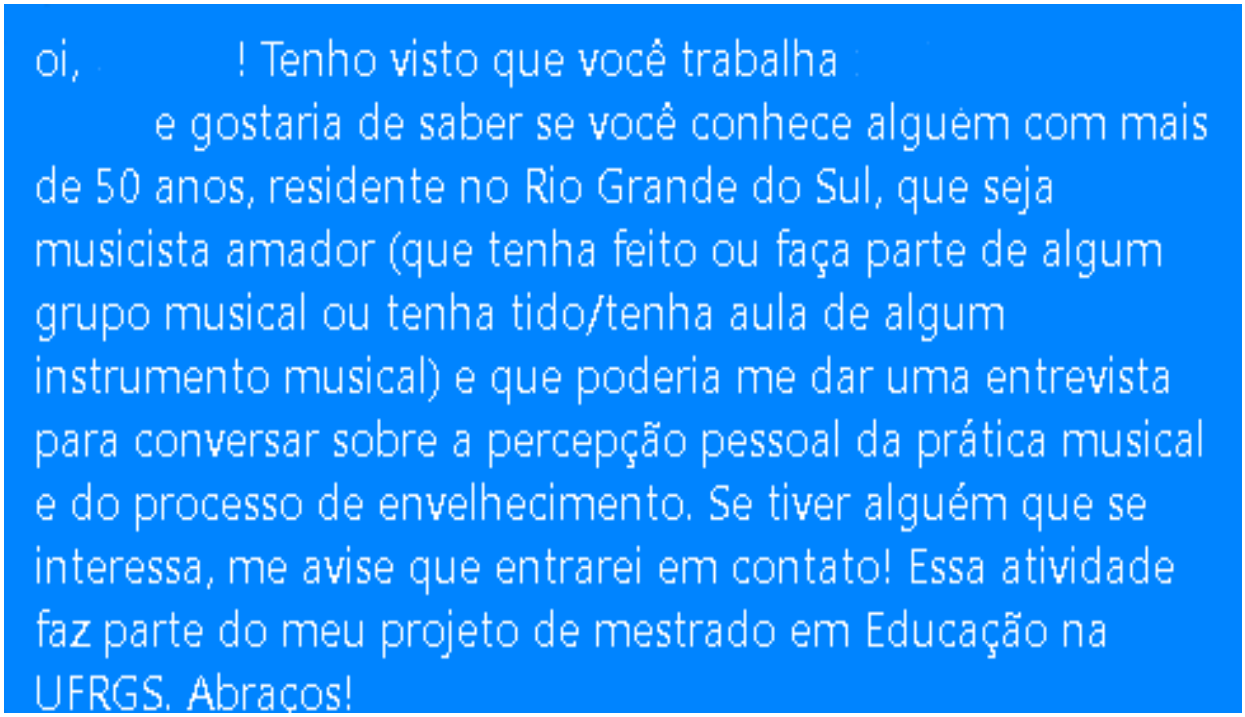
4.1.1 Aproximação do Campo

Para estar familiarizada com os roteiros e com as diferentes plataformas, realizei entrevistas pilotos, que detalharei na seção sobre as entrevistas. Essas não

foram utilizadas para a produção dos dados, mas apenas para me preparar para o campo. Nesse período, entrei em contato por mensagem de texto ou e-mail com professores(as) de música, regentes, musicistas e pessoas envolvidas com o campo explicando meu projeto e perguntando se conheciam pessoas que poderiam indicar para participarem da pesquisa. A partir desse contato inicial, as pessoas indicaram participantes para a pesquisa. Os contatos foram realizados principalmente através de mensagens de texto no mensageiro do Facebook, porém alguns foram realizados através de e-mail, Instagram e WhatsApp. Nenhum contato inicial foi feito através de ligação nem por chamada de áudio ou vídeo.

Como a maioria dessas pessoas já me conhecia, não precisei me apresentar. A mensagem padrão (Figura 2) seguia basicamente essa estrutura, explicando os critérios para seleção dos(as) participantes, objetivo e finalidade conforme a imagem a seguir:

Figura 2: Mensagem padrão enviada


oi, ! Tenho visto que você trabalha
e gostaria de saber se você conhece alguém com mais de 50 anos, residente no Rio Grande do Sul, que seja musicista amador (que tenha feito ou faça parte de algum grupo musical ou tenha tido/tenha aula de algum instrumento musical) e que poderia me dar uma entrevista para conversar sobre a percepção pessoal da prática musical e do processo de envelhecimento. Se tiver alguém que se interessa, me avise que entrarei em contato! Essa atividade faz parte do meu projeto de mestrado em Educação na UFRGS. Abraços!

Fonte: elaboração própria

Essas pessoas que eu conhecia por serem professores(as), regentes ou estarem envolvidos(as) com algum grupo musical, foram me informando e indicando pessoas que consideravam se encaixar no público-alvo da minha pesquisa. Pedi para que avisassem a pessoa indicada sobre quem eu era e que entraria em

contato. Percebo que sempre fui muito bem recebida por essas pessoas, mesmo que não nos conhecêssemos anteriormente.

Os(as) informantes têm papel fundamental, mesmo sem participação direta na produção dos dados, pois sua mediação fez com que eu parecesse mais confiável diante de pessoas que não conhecia. Dessa forma, através do(a) informante, as pessoas convidadas a participar possuíam alguma referência sobre quem eu sou, podendo ter se sentido mais seguros(as) em participar e colaborar com a pesquisa. Alguns(as) possíveis informantes não responderam às mensagens iniciais enviadas, algumas nem foram visualizadas até o final do período de produção dos dados. Isso não prejudicou a pesquisa em nenhum sentido, pois faz parte do seu delineamento esse espaço de escolha dos possíveis pesquisados em participar ou não. Sendo assim, as pessoas que participaram não foram coagidas a participarem. Buscou-se preservar as individualidades e liberdades de cada um(a) em todas as etapas.

Além das pessoas entrevistadas, foram feitos alguns contatos que não resultaram em entrevista: uma pessoa não respondeu ao contato inicial, outra solicitou o TCLE e não deu mais retorno e uma terceira ficou de entrar novamente em contato para combinarmos a data da entrevista e isso não aconteceu. Considero que, em linhas gerais, a aceitação foi bastante positiva, pois oito pessoas quiseram participar.

Apesar desse aspecto positivo, penso que esse tipo de abordagem poderia restringir as possibilidades de representatividade e heterogeneidade. Como a pesquisa busca uma compreensão do que foi produzido com os dados, esse limite não representa um problema metodológico. Apesar de ter sido feita por indicação, eu conhecia previamente somente uma das pessoas.

As “não respostas” também fizeram com que eu relesse o texto enviado e buscasse maneiras mais amigáveis de fazer a abordagem inicial. Minha ideia inicial era de já deixar tudo dito, porém o texto ficava de um tamanho diferente do que se costuma receber/enviar nos mensageiros. Dessa maneira, fracionei os conteúdos e busquei utilizar uma linguagem aproximada do informal, deixando mais espaço para a pessoa se interessar ou não em me auxiliar informando possíveis participantes.

As abordagens iniciais com os(as) participantes também buscaram combinar a formalidade e rigor acadêmicos, com a informalidade das redes sociais ou WhatsApp. Encontrar esse tom foi um desafio, mas também uma maneira de me colocar no lugar da pessoa que não me conhece e está sendo convidada a colaborar

numa pesquisa. Busquei elaborar cada mensagem de maneira que, se eu recebesse uma mensagem assim, me sentiria bem e disposta a participar.

Após o contato inicial e alguns esclarecimentos sobre a pesquisa, foi enviado o TCLE e foram esclarecidas dúvidas sobre o conteúdo, principalmente durante as entrevistas. A maioria declarou que o termo estava claro, porém uma dúvida que surgiu foi sobre a pessoa estar ou não nos critérios estabelecidos para serem participantes, o que foi esclarecido. Em função da Covid-19, a maioria dos TCLEs foi enviado e confirmado de maneira virtual, bem como a realização das entrevistas e análise das transcrições. A maioria das entrevistas foi realizada virtualmente para evitar deslocamento ou contato com pessoas a mais e, assim, minimizar as chances de contágio que poderiam surgir se as entrevistas fossem realizadas presencialmente. Somente uma entrevista foi realizada de maneira presencial e com TCLE impresso, pois o entrevistado mora em zona rural, sendo o acesso à internet limitado e bastante instável. Todos os protocolos de segurança foram seguidos: distanciamento mínimo, uso de máscaras, ambiente ventilado e uso de álcool gel.

Cada participante pode optar pelo melhor horário, dia e meio para realizar a entrevista. Três entrevistas foram realizadas à noite, cinco à tarde e nenhuma pela manhã. Todas foram realizadas em dias úteis e no período entre 23 de outubro e 19 de novembro de 2020.

Gostaria ainda de acrescentar que, para mim, foi uma grata satisfação a alegria que os(as) entrevistados(as) manifestaram em participar e colaborar com a pesquisa, bem como a oportunidade de conversar sobre os assuntos relativos a ela. Além do tempo dedicado à entrevista em si e a leitura de sua transcrição, os(as) participantes me enviaram materiais que produzem registros dos assuntos abordados e se mantiveram à disposição para outras conversas e esclarecimentos. Penso que isso pode indicar que houve um envolvimento significativo, e as pessoas se sentiram confiantes e seguras na pesquisa, podendo indicar que o procedimento foi respeitoso e ético.

4.1.2 Caracterização dos(as) Participantes

Para a pesquisa, foram selecionados(as) adultos(as), com idades entre 48 e 73 anos, de ambos os sexos, que tocam instrumentos musicais, amadores/as, e que residem no Rio Grande do Sul. A prática musical deveria ser parte da sua identidade

social, sendo que a indicação pelos(as) informantes já sinaliza esse aspecto. Os critérios para inclusão das pessoas foram: residir ou atuar no Rio Grande do Sul; ser amador(a) em algum instrumento musical; estar envolvido(a) com aula ou grupo musical durante o período de produção de dados (2020/2) ou nos seis meses anteriores[27] à pandemia; e estar com idade aproximadamente entre 50 e 70 anos. Os critérios de exclusão foram não cumprir algum desses requisitos e participar de alguma atividade musical junto com a pesquisadora. Por essa delimitação de perfil, as pessoas entrevistadas foram aquelas que permaneceram realizando a prática musical e não aquelas que a abandonaram (*dropout*).

Sendo uma pesquisa qualitativa, o perfil dos participantes buscou a diversidade de pessoas em relação a gênero, etnia e classe, de maneira a inspirar reflexões sobre o tema proposto. Dessa maneira, a coletividade dos(as) participantes não é representativa para a população brasileira, nem para a sul-rio-grandense[28]. A questão da amostragem e saturação em pesquisa qualitativa é abordada por Minayo e considera que "[...] uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo" (2017, p. 10).

A quantidade de participantes nas pesquisas qualitativas, conforme Gray (2012, p. 148), não deve ser grande demais a ponto de dificultar a extração de dados e nem pequena demais para saturação teórica e dos dados, sempre considerando o propósito de aprofundamento, abrangência e diversidade no processo de compreensão. Assim a quantidade de participantes foi de oito pessoas. Também houve uma preocupação para que os dados produzidos pudessem ser analisados, evitando sua subutilização.

Durante a entrevista, foram perguntadas algumas informações sociodemográficas com o intuito de identificar possíveis relações entre essas categorias com a prática musical relatada e o processo de envelhecimento. A

---

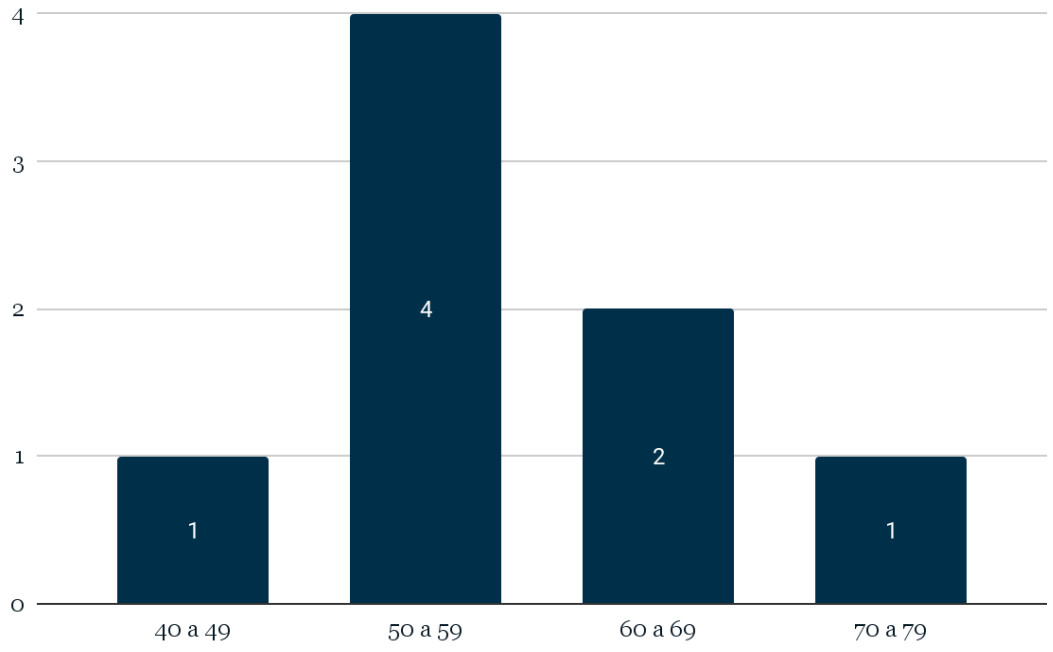
[27] Como as atividades presenciais estão suspensas devido à pandemia do novo coronavírus e nem todas aulas ou ensaios estão acontecendo online, o critério busca garantir que a pessoa possua um tempo de envolvimento com a atividade.

[28] Por exemplo, a divisão da população do Rio Grande do Sul estimada em 2020 é de 48,67% de homens e 51,33% de mulheres segundo os dados do IBGE (2018). Já neste trabalho, a proporção é de 62,5% para homens e 37,5% para mulheres.

pesquisa não busca uma generalização, mas sim uma aproximação sobre como esses fatores podem estar associados entre si.

As idades dos(as) participantes variaram entre 48 e 73 anos e sua média foi de 58,75 anos. A maioria (5 pessoas, 62,5%) das pessoas está na faixa etária entre 48 e 59 anos (Gráfico 1), não sendo considerada legalmente idosa; já as demais (3 pessoas, 37,5%) têm idade entre 60 e 73 anos. A idade cronológica é um indicador importante no regime burocrático moderno, mas usá-la como único indicador para pensar o processo de envelhecimento é questionável, pois ignora variáveis significativas como os parâmetros sociais de moradia, saúde, economia além da realidade subjetiva e interpessoal do envelhecimento (KATZ, 2016).

Gráfico 1: Faixa etária

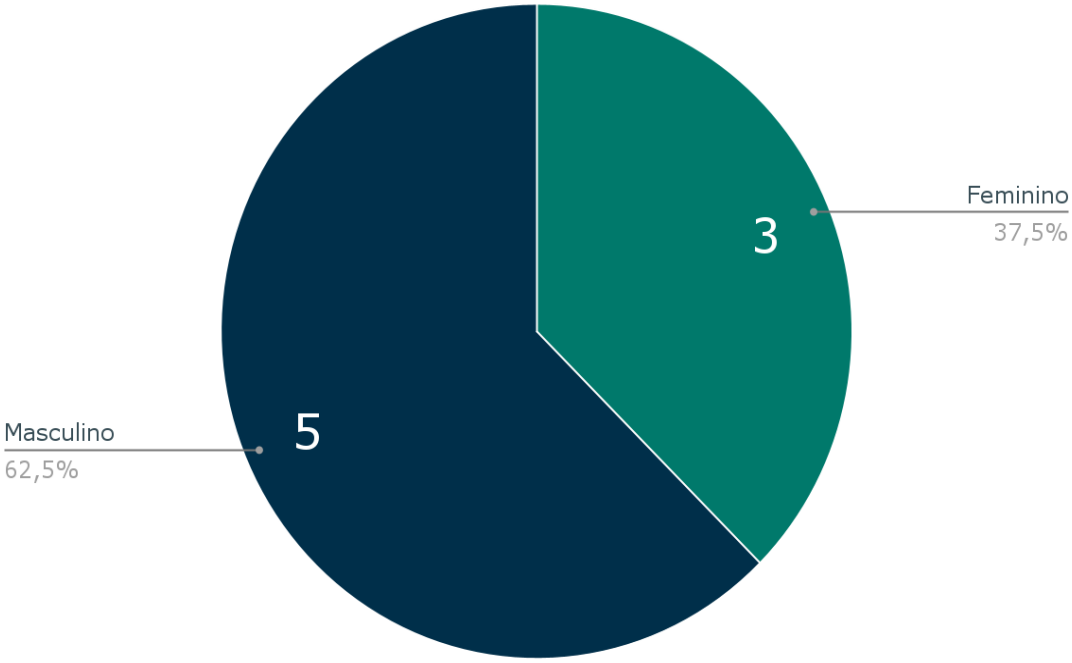


Fonte: elaboração própria

Após perguntar a idade, foram realizadas questões sobre o local de nascimento e cidades de moradia. Somente uma pessoa entrevistada não nasceu em Porto Alegre; atualmente três das pessoas entrevistadas não residem na capital. Algumas pessoas nunca se mudaram, outras, após períodos em outras localidades, voltaram para sua cidade natal, sendo que todas sempre residiram no Rio Grande do Sul. A necessidade de mudar de cidade está fortemente associada ao estudo e trabalho.

Na questão sobre sexo/gênero[29] (Gráfico 2), como as categorias não foram enumeradas, cada pessoa pôde escolher como preferia referir a si mesmo(a). Na hora de realizar a pergunta, foram citados somente os conceitos sexo e gênero, não foi perguntado sexo *ou* gênero, nem sexo *e* gênero, para que a pessoa pudesse responder como melhor se identifica. Nenhuma pessoa utilizou somente alguma categoria referente a sexo (homem/mulher); todos(as) responderam seu gênero (feminino/masculino) e somente uma respondeu sexo e gênero (mulher/feminino). Nenhum(a) dos(as) participantes referiu a si com outra categoria de gênero ou sexo. Fica evidente nesse grupo uma forte identificação de gênero. Essa pesquisa não pretende investigar essa questão, porém entendo o quanto as discussões de gênero auxiliam a problematizar as relações sociais e a constituição dos sujeitos sociais.

Gráfico 2 - Sexo/Gênero



Fonte: elaboração própria

Assim como na categoria anterior, percebe-se a multiplicidade de respostas e identificações na categoria de cor/raça/etnia (Quadro 1). Novamente a pergunta foi

[29] Compreendemos a pluralidade dessa discussão e utilizamos aqui os conceitos como apresentados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021) sendo que palavra “sexo” se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres, enquanto “gênero” se refere às diferenças socialmente construídas em atributos e oportunidades.

realizada elencando as possibilidades cor, raça e etnia para que a pessoa pudesse responder como melhor se identifica.

Quadro 1 - Cor/Raça/Etnia

Antônio	E[30]- Eu sou um tricross. P- Tricross? E- Meu pai é de origem alemã, minha mãe é de origem italiana e árabe, síria. Meu avô, pai da minha mãe, é da Síria. Veio clandestino em um navio para cá e casou com uma de origem italiana. Então eu sou uma mistura de alemão, italiano e árabe.
Déo Oliveira	É, sou negro.
Girassol	Branca.
John	Ah, eu sempre digo brasileiro, né? É uma classificação…. Realmente não saberia responder exatamente essa pergunta. Dentro da classificação social eu sou considerado branco.
Sérgio	Negro.
Luna	Isso é uma coisa que eu não sei responder, porque eu sou branca, registrada como branca, mas saí para o lado árabe. É uma cor assim, não sei. Isso eu não vou responder, meu filho nasceu mais claro, minha filha nasceu como eu, essa cor. Ela sempre está perguntando, quando tem que responder: “Ah, não sei. Te registrei como branca”. Mas gente não, né? É muito difícil essa resposta. Eu sou branca? Sou média? Não sei. Essa cor aí que eu tenho.
Mariana	Branca. É...
Remida	Eu sou branco. De ascendência germânica.

Fonte: elaboração própria

Pode-se perceber que duas pessoas responderam somente sua cor (branca), três pessoas se referiram somente a questões étnicas (negro, italiano, germânico, sírio). Uma pessoa declarou sua cor e etnia (branco, germânico). Duas pessoas trouxeram a questão da classificação social, do registro para se definir, porém não consideram que se encaixam nessas categorias, especialmente na questão cor. “Eu sou branca? Sou média? Não sei. Essa cor aí que eu tenho” (Luna, agogô). A opção por trazer perguntas abertas a essa questão permitiu perceber que algumas categorias não são nitidamente definidas, assinalando a importância de se ampliar o debate.

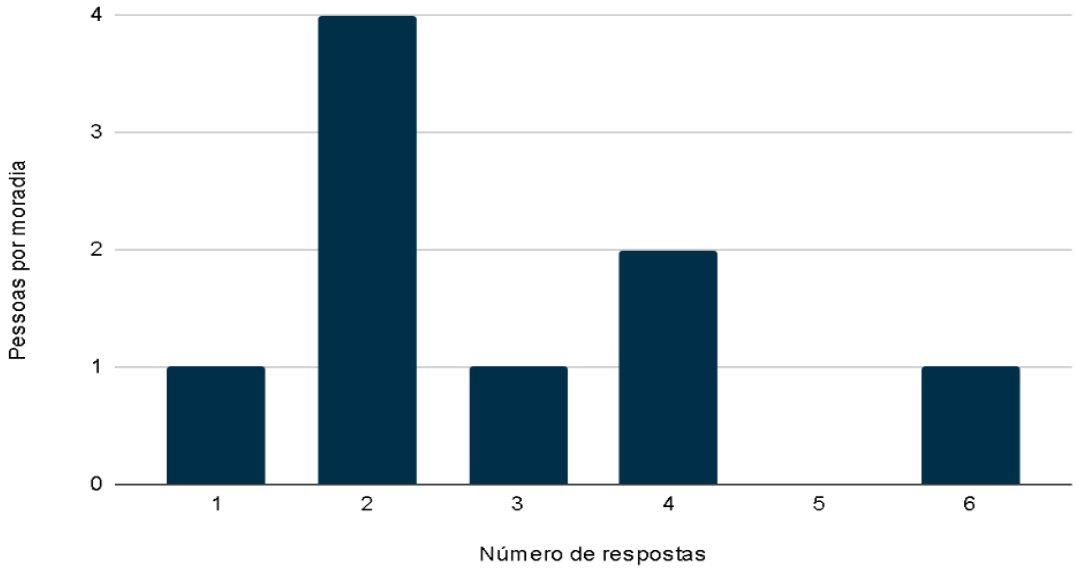
[30]Conforme as legendas da transcrição: E- entrevistado(a) e P -pesquisadora

Sobre o estado civil, a maioria (cinco pessoas, 62,5%) declarou estar casado(a). O arranjo familiar de ser separado(a) foi citado e é considerado aqui como válido, pois mais importante que as categorias citadas é poder perceber como a pessoa define para si essa questão. Nenhum dos(as) participantes se declarou viúvo(a), nem solteiro(a).

Somente dois entrevistados possuem neto(a), todos os demais possuem 1 ou 2 filhos(as). A média de filhos por pessoa é de 1,75 se desconsiderar o enteado. Já considerando, a média sobe para 1,875. A média de netos é de 0,25. Alguns participantes manifestaram o interesse em ter netos(as) ou imaginam que terão. Esse dado reflete mudanças na taxa de natalidade no Brasil, que vem diminuindo consecutivamente nos últimos quatro anos e, em 2020, estava em 1,76 filhos por mulher (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2017a).

A metade dos entrevistados mora com mais uma pessoa (Gráfico 3), sendo esta o filho(a) ou companheiro(a). Uma pessoa disse que mora com a companheira, sogra e filhos. Em uma das situações, a pessoa mora metade da semana sozinha e outra metade com mais duas pessoas. Essa realidade de poucas pessoas na mesma moradia contrasta com os dados brasileiros em que a média, segundo o Censo de 2010 (CENSO 2010, 2011), era de 3,3 pessoas por moradia e apontam que a tendência é o declínio acompanhar as baixas taxas de fecundidade.

Gráfico 3 - Moradia

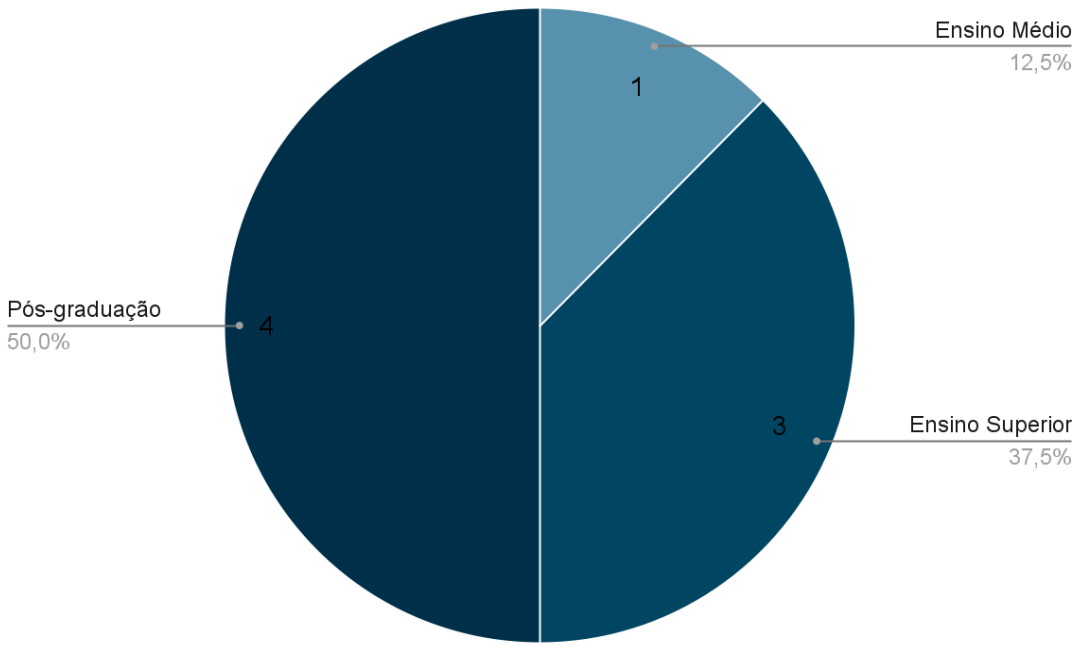


Fonte: elaboração própria

Na categoria sobre escolaridade (Gráfico 4), somente um entrevistado declarou possuir ensino médio completo (12,5%). Três pessoas (37,5%) declararam possuir ensino superior e as demais (quatro pessoas, 50%), pós-graduação (especialização, MBA ou mestrado). Esse nível de escolaridade é bem superior à média da população brasileira, onde 51% da população de 25 anos ou mais possui no máximo o ensino fundamental completo e 15,3% concluíram o ensino superior (PNAD..., 2017).

Gráfico 4 - Escolaridade

grafico



Fonte: elaboração própria

Somente duas das pessoas entrevistadas (25%) não são aposentadas. Esse aspecto chama a atenção porque das pessoas entrevistadas, 50% não é idosa, o que sinaliza essa característica social de se aposentar cedo e que a aposentadoria não está sempre relacionada com pessoas legalmente idosas, mas todas as pessoas consideradas idosas entre os(as) entrevistados(as) estão aposentadas. O tempo de recebimento da contribuição também varia bastante, sendo que o maior é de 12 anos. As pessoas que recebem o benefício desde 2018 e 2019 comentaram que permanecem trabalhando tanto como autônomas quanto em empregos fixos.

Daquelas que não são aposentadas, uma é autônoma e não contribui para previdência social, somente para a privada. A outra pessoa é concursada e tem seu desconto em folha.

A renda familiar é um aspecto bem contrastante desse grupo estudado com a realidade sul-rio-grandense. Enquanto o rendimento mensal domiciliar per capita estadualé de R$1.759,00 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, c2017b) e o salário-mínimo regional de R$ 1.237,15 (RIO GRANDE DO SUL, 2020), todas as pessoas que informaram sua renda familiar, indicaram um valor superior a cinco salários-mínimos mensais, o que resulta numa renda per capta superior à média estadual.

4.1.2.1 Aproximação às Trajetórias Musicais

Algumas vezes podemos sentir que os dados apresentados por números absolutos, porcentagens e estatísticas estão além das pessoas sobre as quais eles falam. Considero muito importante pensar como o grupo de pessoas entrevistadas se constitui como um todo, porém, essa soma das partes não representa a grandiosidade de cada indivíduo. A intenção desta seção é trazer alguns aspectos que permitam conhecer brevemente as trajetórias musicais dos(as) participantes. A ideia não é apresentar todos os acontecimentos como marcadores de uma vida com fatos sucessivos, mas como um encadeamento, talvez, descontínuo ou sobreposto (BOURDIEU, 2015).

Trazer as histórias das pessoas é uma tarefa complexa: como colocar em palavras o que foi compartilhado nas entrevistas? Como aproximar você que lê do encanto que senti ao ouvir os relatos? Certamente, os limites da própria pesquisa não permitem trazer tudo que essas pessoas representam, tudo que viveram. Contudo, escrevo essas breves trajetórias sobre o prisma das experiências musicais buscando, com profunda admiração e carinho, traduzir o que ouvi.

As pessoas serão apresentadas por ordem alfabética do seu nome fictício e instrumento principal para que essa referência auxilie na distinção entre os(as) participantes, buscando contribuir na leitura. Quando, a partir da entrevista, não foi possível identificar somente um instrumento como principal, o(a) participante foi perguntado(a) com qual se identifica e qual utiliza mais. As trajetórias buscam preservar a maneira com que as pessoas se descreveram.

Antônio, violino

Desde a infância, Antônio gostava de música nativista gaúcha e música clássica, sendo um gosto musical considerado peculiar. Como tinha mais irmãos, o pai julgou que as aulas de música não eram necessárias e sua primeira aula foi somente aos 14 anos, quando começou a trabalhar de carteira assinada e conseguiu pagar. Seu primeiro instrumento foi um violão Giannini, presenteado por sua mãe e que hoje é tocado por seu filho. Apesar de ter interesse em outros instrumentos, eles não eram acessíveis na época em que iniciou seus estudos. Por ter sofrido um acidente na infância que rompeu seus tendões da mão direita, quando estava para chover sentia bastante dor e os movimentos ficavam mais difíceis, o que o afastou da prática musical por algum tempo.

Aos 17 anos, conheceu a professora de piano aposentada, dona A..., amiga de seu pai. Ela recém havia perdido seu único filho e, ao perceber o interesse e gosto de Antônio pela música, lhe ofereceu aulas de piano e sua casa para ensaiar o instrumento. Com o intensificar das atividades na faculdade, parou com as aulas e seguiu sendo ouvinte: com a carteirinha de estudante tinha direito a assistir gratuitamente aos concertos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e acompanhou, sempre que possível presencialmente, as Califórnias da Canção Nativa[36]. Manteve sempre a amizade com dona A…[37] e, em 1999, Antônio decidiu dar de presente de Natal para ela uma apresentação de violino. Contratou um violinista que conhecera no casamento da sua cunhada e, depois dessa apresentação que deixou sua amiga emocionada, decidiu que faria aulas de violino para tocar para ela.

Em janeiro de 2000 começou a tocar, em março tocava melodias simples e em maio tocou para dona A…, que posteriormente o presenteou com o seu violino. No ano de 2001, começou a integrar uma orquestra e, desde lá, participou de diversos grupos, festivais e continua fazendo aulas particulares, apesar de ter trocado de professor diversas vezes. Toca diariamente violino para chamar os

[36] Festival de música tradicional do Rio Grande do Sul, surgiu em 1971 no município de Uruguaiana-RS.
[37] Os nomes pessoais não são citados para manter o anonimato.

búfalos na sua propriedade rural, mas especialmente para cumprir a promessa de manter vivo o instrumento que ganhou.

Déo Oliveira, surdo

Eis alguém que sempre gostou muito de música, desde pequeno aproveitava todas as oportunidades de ouvir e não eram poucas, pois seu irmão mais velho colocava som em festas. No colégio, participou tanto da banda marcial quanto dos festivais de música, sendo que num desses, o grupo com o qual participou ganhou um violão. Por sempre ser visto com o violão, foi convidado a integrar a banda de uma baterista que já tinha tido uma banda e possuía todo material e equipamento para shows. Apesar de a banda não ter sido um sucesso, foi nessa circunstância que fez a prova da Ordem dos Músicos, fator importante para integrar um grupo de samba, banda da casa de um restaurante, com carteira assinada e tudo. Nas férias, foi acompanhar um grupo para tocar baile de carnaval na praia e, quando voltou, resolveu constituir família e se afastou do meio musical.

Depois de 20 anos fora, com um novo relacionamento após a separação, voltou a conviver com seus amigos músicos, cantando e tocando em rodas de samba, dando canja[38] em algumas apresentações. Em 2011, foi convidado para integrar uma banda, depois participou como convidado em alguns grupos e, em 2014, formou o seu próprio, no qual canta e toca surdo. Participou tocando e cantando em um documentário curta-metragem sobre uma barbearia que se transformou em clube de choro, sendo a trilha sonora e a fotografia premiadas no Festival de Cinema de Gramado. Participa de uma confraria de samba, faz aulas de técnica vocal e canta num coral em um centro municipal de educação, mas por causa da pandemia essa atividade e os shows andam parados, aguardando o momento em que for possível voltar.

Girassol, tamborim

A história musical de Girassol começa com a mãe, professora de acordeon formada em nível técnico. Durante a infância, cantava com ela e ocasionalmente

[38] Gíria que se refere a cantar ou executar uma música sem combinação prévia com o grupo, sendo uma participação especial.

teclava algumas notas, mas a música era uma brincadeira. O primeiro instrumento que aprendeu a tocar, durante a faculdade, foi pandeiro nas aulas de capoeira. Gosta muito de cantar e tem uma banda caseira com seu marido e a família dele: o cunhado toca violão, a cunhada violão e piano, o sogro tocava acordeon e o marido, bateria.

Em casa, sempre teve acesso a diferentes instrumentos musicais, mas como aluna começou em 2015, na primeira turma de um grupo de percussão feminina. Transitou entre diversos instrumentos, como surdo, rebolo, agogô e tamborim, optando em ficar neste último em função do peso e de sua dor crônica causada por uma discopatia na cervical. Somado a isso, Girassol é bailarina de um grupo de danças folclóricas e, por vezes, ajuda na banda que acompanha o grupo. Atualmente, percebe a dança e a música de forma bastante integrada, buscando equilibrar essas atividades com a sua condição de saúde.

John, contrabaixo

Na adolescência, John tinha uma turma de amigos bem unidos, era só acordar que já se procuravam para jogar taco ou outras brincadeiras da época. Um dia, foram à casa de uma das amigas que tinha um violão, ele e seu amigo P... ficaram mexendo no instrumento e, como ninguém usava o instrumento ali, puderam levá-lo. Começaram a buscar informações de como tocar, algo difícil porque não tinham nenhuma referência. Souberam que no outro lado da cidade tinha alguém que tocava, então subiram no ônibus e foram lá para pegar umas dicas. A essa altura dos fatos, outro amigo, que já tocava, se apresentou e formaram uma banda, pela alegria de se reunir com os amigos e tocar em conjunto, podendo compartilhar entre si os conhecimentos musicais e aprendizados. A banda se apresentou diversas vezes, com músicas autorais (optaram por criar músicas porque achavam que não conseguiam imitar as que tocavam nas rádios) e com o tempo foi se definindo quem tocaria o quê. Assim, John foi para o contrabaixo e aprendeu a tocar através de dicas de amigos e conhecidos, bem como de revistas. Além das dificuldades de aprender a tocar, outro grande problema era: onde ensaiar? Quando a bateria entrou na banda, aumentou bastante a intensidade sonora, então o grupo passou a alternar os locais de ensaio e carregar os instrumentos para lá e para cá. Por causa da ida

ao quartel, estudo e trabalho, essa banda se separou geograficamente e terminou, mas em 2019 voltou a se reunir em estúdio para relembrar e tocar.

Depois do tempo do quartel, John voltou para sua cidade natal e, com outros amigos, fez uma banda cover de rock gaúcho. A banda parou, mas a música não. Tocou com vários outros músicos, fez participações em shows e depois de um tempo, foi convidado para tocar nas bandas covers em que toca até hoje. Os filhos também são músicos: o mais velho é guitarrista e o mais novo é violinista e John pode dar o suporte que não teve, pois é envolvido com a música. Atualmente, tem desenvolvido tanto com sua esposa quanto com sua banda alguns trabalhos de músicas autorais.

Sérgio, saxofone

Para Sérgio, a música estava sempre presente: a mãe cantava, os primos tocavam, sua família sempre gostou de música. Quando fundaram a banda no colégio em que estudava, se voluntariou e começou a tocar percussão e seus primeiros dobrados na corneta. O professor precisou se afastar, então ele e outros amigos lideraram a banda por um tempo. Sérgio se afastou disso no período em que trabalhou com sua formação como eletricista, mas seguiu com uma discoteca móvel (colocando som em festas e em um clube perto da sua casa). Quando entrou no quartel e perguntaram sobre suas habilidades, saber tocar a corneta foi um diferencial (somado à formação técnica e porte físico) e depois do recrutamento foi fazer o curso de corneteiro, seguindo nessa função até se aposentar.

Tocou percussão numa banda de *swing* e samba que fez shows até na Argentina e, nessa época, também aprendeu um pouco de trompete. Como considera possuir bom ouvido e boa memória, aprendeu primeiro questões práticas que teóricas (coisa que está aprofundando atualmente). Passou 20 anos exclusivamente atuando como corneteiro, mas com vontade de voltar e tocar saxofone tenor. Então, depois da faculdade concluída e de estar aposentado, foi estudar saxofone tenor e, em seis meses, já estava tocando na banda da igreja onde fazia aulas. Quando saiu de lá, ingressou em outras duas bandas nas quais toca até então e uma com intenso trabalho virtual durante a pandemia. Mais recentemente, começou a tocar saxofone soprano.

Luna, agogô

Luna veio de uma família musical: o pai tocava violino e a mãe cantava. Nos encontros familiares e entre amigos, cantavam e dançavam. Um dia, a mãe dela decidiu que a Luna tinha que aprender acordeon, porque a professora atendia em domicílio. Luna gostava muito de cantar e se reunir com os amigos, então tentou por um mês tocar violão e depois parou. Quando a filha nasceu, frequentou até os três anos dela aulas de musicalização.

Ao começar o carnaval de rua de Porto Alegre, pensou: “um dia vou tocar numa escola de samba”. Assistiu atônita aos blocos de rua e os acompanhou por alguns anos, até que uma amiga a indicou um grupo de percussão feminina. Em 2016 ela entrou nesse grupo tocando chocalho e após um mês teve sua primeira apresentação. Nunca mais saiu do grupo, mas trocou de instrumento, agora ela toca agogô. Além disso, algumas vezes se reúne com um grupo coordenado por sua amiga e vai cantar e tocar (ovinho, chocalho) nos corredores de algum hospital, algo que a emociona.

Mariana, agogô

Desde cedo escutou muita música, mas não tem uma história de tocar um instrumento musical desde pequena. O seu marido sempre gostou de música, toca guitarra e já teve banda. Essa presença da música tomou outro espaço após assistir a um grupo feminino de percussão, foi nesse momento que Mariana pensou que aquele grupo era muito bacana e na vontade que tinha de fazer alguma coisa. Somou-se a elas assim que abriu uma nova turma de iniciantes. Há três anos começou a tocar e gosta muito dos encontros, de tocar em conjunto. Depois de experimentar diversos instrumentos, como surdo e caixa, aos poucos foi se identificando com o agogô.

Em 2018, a vida de Mariana mudou completamente, pois seu filho sofreu um acidente e ficou paraplégico. Por aproximadamente um ano ela ficou afastada das atividades musicais, mas com o desejo de voltar, e voltou. Ela percebe essa volta como algo muito bom em sua vida. Para equilibrar o tempo que dispõe com a quantidade de dedicação que o instrumento exige, ela percebe no agogô esse instrumento que permite seguir tocando dentro dos seus limites, mas que ao mesmo

tempo proporciona continuar tocando e aprendendo. Agora, ao escutar outros grupos, o som do agogô lhe chama a atenção e consegue identificá-lo em meio aos demais instrumentos. Uma vez foi convidada por um grupo de colegas para preparar uma música em homenagem à despedida de uma professora da escola em que trabalha.

Rimeda, harmônio

A primeira aula de música que teve foi com seu primo, porque ele já tocava no coral de trombones que o pastor da comunidade onde moravam (zona rural) iniciara. Rimeda e seu irmão iam à noite à casa do primo para aprender. Para continuar os estudos, foi aluno interno numa escola em que seu gosto pela música pôde ser desenvolvido. Lá aprendeu a tocar harmônio, *fiddle*, e seguiu com os instrumentos de pistão (trompete, trombone), podendo sair do universo fechado do internato com grupos musicais para apresentações e encontros. Com o acesso a diferentes materiais, copiava as partituras e as levava da escola para o coral de trombones da sua terra natal.

Quando terminou os estudos, foi contratado para ser professor e tocar harmônio, depois órgão, na igreja da comunidade. De maneira jocosa, comenta que perdeu esse emprego porque num domingo, depois de um baile, foi sem dormir para tocar no culto e adormeceu sobre o instrumento, não atendendo ao chamado na hora de executar o hino durante a celebração. Trabalhou um tempo ainda como harmonista, mas entrou no serviço público e se dedicou também à criação dos filhos. Atualmente, adaptou sua prática musical ao canto coral e apreciação musical (ópera e canções em alemão). Toca algumas vezes o trombone e o teclado, mas sente que falta um pouco de meta. Sonha em retomar o coral de trombones, mas sente dificuldade de reunir músicos ainda aptos e de adequar esse tipo de arranjo à nova liturgia.

4.1.2.1 Aproximação aos Instrumentos Musicais

Pretendo rapidamente responder aqui à seguinte pergunta: quais instrumentos apareceram nas entrevistas e foram/são tocados pelas pessoas? O intuito aqui não é o de realizar uma abordagem organológica, mas sim aproximar as

pessoas não familiarizadas a esses instrumentos a tais classificações. Para a elaboração dessa tabela foi utilizada somente as principais divisões da classificação dos instrumentos de Von Hornbostel e Sachs (1914) por ser a mais comumente utilizada.

Nesse sistema, cada categoria é subdividida e considera-se o estímulo de produção do som, o elemento vibrante e seus métodos de produção. Nos idiofones, o som é produzido pelo corpo do próprio instrumento, nos membranofones por uma membrana, nos cordofones pela vibração de uma ou mais cordas, nos aerofones pela vibração do ar e nos eletrofones o som é produzido e ampliado eletricamente.

Quadro 2 - Classificação dos instrumentos musicais tocados

idiofones	**membranofones**	**cordofones**	**aerofones**	**eletrofones**
agogô bateria[40] berimbau chocalho reco-reco triângulo	bateria[2] bongô caixa caixeta pandeiro rebolo repique surdo tamborim/caixeta tumbadora/conga[41] xequerê	cavaquinho *fiddle* piano violão violino violoncelo	acordeon/gaita[3] corneta harmônio órgão saxofone soprano saxofone tenor trombone trompete/pistão[3] voz	baixo elétrico guitarra teclado

Fonte: elaboração própria

Percebe-se que a quantidade de instrumentos citados (trinta e quatro) é aproximadamente quatro vezes maior que o número de pessoas entrevistadas (oito). Conforme as trajetórias anteriormente apresentadas e os dados presentes nesse quadro, percebemos que a maioria experimentou mais de um instrumento musical, sendo os membranofones e aerofones os mais citados.

Não foi contabilizada a quantidade de vezes que cada instrumento foi citado, mas alguns foram/são tocados por mais participantes. Nas entrevistas, percebe-se que essas trocas de instrumentos ocorrem por diversos fatores, podendo ser:

---

[40] A bateria, por ser um conjunto de instrumentos, nessa classificação pertence tanto a membranofones quanto a idiofones.

[41] Alguns instrumentos possuem variações regionais do seu nome.

- Saúde: “[...] eu tenho bastante dor crônica, tenho discopatia na cervical. [...] Isso é uma coisa que me limita um pouco a dedicação de ficar tocando instrumento [...].” (Girassol, tamborim)
- Oportunidades de acesso a instrumentos: “Era 1977. O que era fácil de tu adquirir naquela época? Era violão. Acordeon era caro, violino vinha de *luthier* estrangeiro, piano era o preço de um carro. Não tinha teclado, não tinha nada.” (Antônio, violino)
- Acesso a grupos: “[...] outro colega de quartel [...] estava tocando na banda da igreja. Disse ‘eu posso ir lá? Eles dão aula? [...] tem professor de sax lá?’; ‘tem, nosso maestro toca sax’.” (Sérgio, saxofone)
- Acesso às aulas: “[...] quando cheguei para assistir à aula de coral, na sala do coral, eu vi uma bateria no canto. [...] Aquela bateria me olhava, eu olhava bateria. Um dia [perguntei ao professor]: ‘*Posso dar uma sentadinha e tocar?*’” (Déo Oliveira, surdo)
- Conhecer os instrumentos a partir de experiências: “quando a gente entra [no grupo de estudos de percussão], a gente vai experimentando todos os instrumentos, e aos poucos eu fui me identificando mais com o agogô.” (Mariana, agogô)
- Necessidade do grupo: “No início, todo mundo meio que tocava violão e aí foi se definindo: eu fui para contrabaixo, o P... foi para bateria, o A... para guitarra e o C..., que já escrevia as letras, foi para o vocal. E aí se formou realmente uma estrutura de banda.” (John, contrabaixo)

Essas trocas de instrumentos podem indicar que meus(minhas) interlocutores(as) buscaram tornar a prática musical presente em suas vidas, mesmo algumas vezes precisando fazer adaptações ou escolhas devido aos fatores citados. Para esta análise, mais importante que o instrumento em si é a prática musical.

4.1.3 Entrevistas

Assim que saiu a aprovação do projeto pelo CEP, entrei em contato com algumas amigas para fazer entrevistas piloto e testar todas as possíveis maneiras de

fazer as chamadas e gravar os áudios. Foram realizados testes usando chamadas pelo Facebook, Zoom, Google Meet/Hangouts e WhatsApp, sendo que no projeto ainda havia outros meios, mas que não foram utilizados, tais como: chamada telefônica, Skype e Mconf.

As entrevistas piloto foram importantes para eu ficar menos preocupada em fazer todas as perguntas, pois me permitiu estar mais familiarizada com o roteiro e, assim, poder me concentrar no que a pessoa me contava e me aprofundar nesse sentido. Também foram importantes para experimentar a captação – qual a melhor qualidade, quais equipamentos tinha disponíveis e a duração da bateria, memória, como as pessoas podiam me ouvir e ver melhor, qual seria a alternativa caso algum equipamento falhasse. Também experimentei diferentes configurações de áudio e, por captar o áudio da chamada de vídeo por aparelhos externos, não pude usar *headset*, porque senão gravaria somente a minha fala.

Apesar de todos esses testes, em uma das entrevistas esqueci de ativar o microfone em uma das gravações, o que ressalta a importância de ter mais de um equipamento simultâneo gravando. Penso que isso é uma questão importante por valorizar o momento que aquela pessoa está se dedicando à pesquisa, sem receber diretamente nada em troca. Perder o que a pessoa disse faria com que me sentisse desvalorizando aquele empenho da pessoa entrevistada.

Destaco alguns aspectos sobre vantagens e desvantagens que percebi em cada plataforma:

- Facebook: a pessoa precisa ter um perfil para poder usar, sendo possível usar tanto no celular quanto no computador, e a chamada costuma ser estável.
- Zoom: a pessoa não precisa ter uma conta, mas sim instalar o aplicativo no celular ou o executável no computador para utilizar o serviço. A chamada costuma ser bastante estável, o agendamento e possibilidade de gravação pelo próprio Zoom é bastante eficiente.
- Google Meet: a pessoa precisa ter uma conta e aplicativo específico para utilizar, é possível usar tanto no celular quanto no computador, a chamada costuma ser estável.
- WhatsApp: a pessoa precisa ter uma conta e aplicativo específico para utilizar, chamada de vídeo só é possível fazer no celular, porém, não é

possível captar o áudio no mesmo aparelho. A qualidade da chamada costuma ser a pior dentre as opções citadas.

Uma opção que não foi utilizada, mas que também necessitaria que a pessoa tivesse uma conta e aplicativo instalado, é o Skype. A chamada costuma ser muito boa, porém, não foi a alternativa de nenhum dos participantes.

Para captura de áudio durante a entrevista, foram utilizados sempre dois gravadores de voz de celulares. Quando as chamadas foram realizadas pelo Zoom, o próprio programa realiza a gravação quando assim configurado e salva após o encerramento da chamada.

Testei diversos aplicativos e extensões de gravação de tela e de áudios, mas fui selecionando os que melhor se adaptavam à situação, ou seja, de fácil manuseio e gratuitos. Optei por utilizar um atalho do Windows que faz a captura de tela, ele gera um arquivo de áudio e vídeo, porém, assim que extraí o áudio do arquivo, o vídeo foi excluído, sendo armazenado somente o de áudio. Por esse atalho é possível gravar ininterruptamente por 1 hora, então, nas entrevistas que foram mais longas, precisei reiniciar a gravação. Saber esses atalhos e como os programas respondem foi muito importante para estar familiarizada com as tecnologias e evitar que algum problema na gravação ocasionasse a perda dos áudios. Apesar de ter feito essa gravação extra, para as transcrições foram utilizadas gravações realizadas pelo gravador de voz do celular por não terem cortes. Quando algum ruído dificultava a compreensão para a transcrição em um dos áudios, também foi conferido em outro.

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, através de tecnologias digitais (chamadas de vídeo) devido às medidas de afastamento social decorrentes da pandemia da Covid-19 em vigor no período, sempre preservando a integridade física e emocional dos sujeitos, bem como sua privacidade e saúde. Mesmo sendo utilizado somente o áudio, penso que ter feito a entrevista por chamada de vídeo foi importante para podermos nos ver, sendo o recurso mais aproximado de uma entrevista presencial. A escolha do meio de realização da entrevista não-presencial foi definida em conjunto com o(a) participante para ser uma alternativa que a pessoa se sentisse confortável, segura e tivesse acesso, evitando qualquer tipo de constrangimento em relação ao uso dessas tecnologias.

As entrevistas foram realizadas em diferentes plataformas: duas pelo Zoom, quatro pelo Meet, uma mista com Meet, WhatsApp e Facebook e uma presencial,

seguindo os protocolos sanitários. As entrevistas foram marcadas com antecedência, realizadas individualmente e de maneira que fosse de fácil acesso para os(as) participantes. Tiveram diferentes durações, com uma média 2 horas e 12 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

4.1.4 Transcrições das Entrevistas

Para a transcrição, inicialmente foram realizados alguns testes de aplicativos que convertem o áudio em texto. Escolhi um chamado *VB-Audio Voice Meeter* (TRANSCRIÇÃO..., 2017). Apesar de o texto conter diversos erros, nenhuma pontuação e até não captar nada em alguns momentos, essa ferramenta ajudou a me localizar no áudio. Tentei também usar as legendas geradas automaticamente pelo Youtube (criei um vídeo com uma imagem estática qualquer e o áudio da entrevista, subi o vídeo como privado na minha conta pessoal e, depois de copiar a legenda, o deletei de lá). Nesse caso, a qualidade do texto gerada foi pior que a do programa mencionado.

A transcrição foi realizada preservando o sentido da fala, mas não foi feita de maneira literal. Algumas repetições de palavras, expressões e manias de fala foram omitidas, sem afetar o contexto do conteúdo. Optou-se por esta maneira de transcrever porque o interesse está nas informações relatadas. O trabalho de transcrição gera uma escuta bastante atenta e ouvir as entrevistas novamente nos permite aprofundar nossos pensamentos sobre o que foi dito.

A transcrição da entrevista foi enviada para cada um(a) dos(as) participantes para que fossem realizadas as correções e ajustes que o(a) participante desejasse. Foram encontrados erros de digitação e formatação, mas alguns participantes também perceberam em suas falas alguns erros (por exemplo: nome de rua, data) e quiseram alterar. Essas correções foram realizadas individualmente e, em um caso, através de outra chamada de vídeo em que o texto da transcrição foi relido em conjunto e reformulamos algumas expressões que permitiram que o sentido da fala fosse mais compreensível. Para a análise dos dados, foram utilizadas somente as transcrições com todas as sugestões propostas pelos(as) entrevistados(as), pois entende-se que é de sua autoria esse documento, destacando que o mais importante na entrevista era o sentido da fala do que a fala estritamente realizada no

momento da entrevista. Essas alterações não modificam, somente fortalecem o sentido que as pessoas queriam dar às suas falas.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

A análise é um processo de tratamento que produz estrutura, ordem e significado aos dados visando interpretar e compreender os mesmos. A relação entre fundamentação, produção e análise de dados pode ser descrita da seguinte maneira:

> Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta de dados. (MINAYO, 2012, p. 622).

Optei por realizar uma análise qualitativa seguindo os princípios destacados por Gray (2012, p. 399) de indução analítica, princípios e práticas de codificação, lugar de análise de dados secundários e reflexividade do(a) pesquisador(a). Assim, a interpretação e análise dos dados auxilia na compreensão dos sentidos, significados e representações.

Nesta pesquisa realizei uma análise de conteúdo que “[...] tem por objetivo classificar o conteúdo dos textos alocando as declarações, sentenças ou palavras a um sistema de categorias” (FLICK, 2013, p. 134). A categorização seguiu as etapas para análise de conteúdo propostas pelo professor e pesquisador brasileiro Roque Moraes (1999) e que serão descritas a seguir.

A primeira etapa da análise de conteúdo consistiu na preparação das informações, codificando os documentos das transcrições conforme a data em que ocorreram as entrevistas e o nome da pessoa entrevistada. A fase seguinte foi de transformação do conteúdo em unidades, relendo o material, definindo possíveis unidades de análise e agrupando em unidades de contexto.

A terceira fase foi a de classificação das unidades em categorias, na qual os dados foram por mim classificados segundo as bases teóricas da Perspectiva do Lazer Sério (PLS). Na quarta fase foi produzido um texto síntese para cada uma das unidades de análise com o conjunto de significados presentes nas mesmas e, na quinta e última fase da análise de conteúdo, foi realizada uma interpretação em que

se busca compreender o conteúdo, em que se exploraram os “[...] significados expressos nas categorias da análise numa contrastação com esta fundamentação” (MORAES, 1999, p. 15). Para a interpretação das categorias, optei pela abordagem indutiva-construtiva, pois esta tem como premissa os dados, sendo que a finalidade não é a de generalização, mas sim de compreensão dos fenômenos investigados.

Para organizar, analisar e encontrar informações das entrevistas, foi utilizado o programa *Nvivo Release 1.3*, licenciado pela UFRGS. Optei por utilizar esse programa para entender como ele poderia auxiliar na operacionalização da análise, substituindo recursos tradicionais como papel e canetas coloridas. Comecei a análise de maneira analógica, imprimindo todas as transcrições (210 páginas) e marcando as possíveis categorias. Depois, iniciei a elaboração de um documento que agrupasse as informações por categoria, copiando e colando cada uma das partes. Considerei esse procedimento bastante demorado e fiquei apreensiva de que poderia esquecer de copiar alguma informação ou colocar alguma referência errada. Por esses motivos, busquei pelo programa e fiquei bastante satisfeita com a agilidade de fazer esse mesmo trabalho. Eu havia demorado oito manhãs para criar os documentos e, pelo aplicativo, demorei quatro horas, sendo que, em ambos os casos, utilizei as categorias que havia marcado pelo sistema analógico.

O primeiro desafio foi entender o que o programa se propunha e como ele poderia me auxiliar. Sendo assim, tentei encontrar pessoas que já haviam utilizado o programa para conseguir informações, li o manual e comecei a buscar tutoriais que mostrassem situações concretas do que poderia fazer. Assim, comecei a realizar alguns exercícios para conhecer os modos de operação e comandos, como criar nuvem de palavras e mapas conceituais. A partir do mapa conceitual, o programa gera as categorias (nós) e subcategorias (*subnós*). Novas categorias e subcategorias podem ser incluídas conforme surgirem. É possível marcar essas categorias de forma manual ou por busca de texto, mas considerei que não seria a alternativa que mais se adequava à análise dos dados. Cada um desses nós gera um documento com os recortes e a referência de onde o texto foi retirado, podendo ser exportado em diferentes formatos (doc, pdf).

Considero que o uso do programa *Nvivo Release 1.3*, facilitou bastante a análise porque automatiza algumas atividades mecânicas, de maneira a construir os documentos a partir da intenção das pessoas que analisam.

5 MUSICISTAS AMADORES(AS), ENVELHECIMENTOS E A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO

Este capítulo busca responder aos objetivos que propus nesta pesquisa. Assim, está organizado em três seções: a primeira versa sobre os interesses e motivações para a aprendizagem de instrumento musical; a segunda sobre relações entre envelhecimento, prática musical e a Perspectiva do Lazer Sério (PLS) e, por fim, alguns impactos da pandemia de Covid-19 na prática musical e o processo de envelhecimento.

5.1 “UMA COISA PUXA A OUTRA”: INTERESSES E MOTIVAÇÕES NA APRENDIZAGEM DE INSTRUMENTO MUSICAL

Aprender a tocar um instrumento musical é um processo iniciado por alguma razão, nem sempre muito definida, que impulsiona a pessoa a criar os meios de conseguir aprender. Depois, a pessoa vai encontrando razões para permanecer nessa prática. O nível de envolvimento na prática de lazer pode ser compreendido com base no diagrama abaixo (Figura 3), no qual se pode ter uma ideia de percurso. Porém, é importante saber que nem todas as pessoas começam com um projeto antes de serem participantes e que o ponto em que cada pessoa se encontra nessa escala de envolvimento não implica melhora.

Figura 3 - Escala de Envolvimento PLS

Fonte: adaptação de *The Serious Leisure Perspective Website*

Para entender como esse processo de se envolver em atividades musicais ocorreu com as pessoas entrevistadas, busquei identificar interesses e motivações para a aprendizagem de um instrumento musical. As possibilidades surgidas nas entrevistas não esgotam as existentes, porém indicam que a prática musical como

lazer possibilita o envolvimento em diferentes níveis, conforme as biografias das pessoas entrevistadas. Destaco que não há interesse ou motivação absolutamente válido para todas as pessoas e, quando existe uma carreira mais longa, é possível modificar o envolvimento, mas mantendo a *core activity*.

Tocar um instrumento parece levar a pessoa em direção a alguma coisa que ela buscava. Ter acesso a um instrumento musical pode auxiliar, mas também é necessário que haja algo interno que leve a pessoa a se movimentar em direção à aprendizagem. Desse modo, tanto condições materiais como as oportunidades disponíveis, em qualquer fase da vida, influenciam as possibilidades de desenvolver o interesse em diferentes áreas musicais. A pessoa consegue desenvolver novas habilidades, por considerar que isso faz parte do seu conjunto de conhecimentos e habilidades (ATCHLEY, 1989).

A maioria das trajetórias começa com relatos sobre alguma pessoa do núcleo familiar que cantava, tocava ou ouvia música. Por mais diversos que sejam os arranjos familiares e suas transformações, as relações que estabelecemos com nosso meio cultural se iniciam a partir da família. No aspecto musical, a maioria das famílias das pessoas entrevistadas manifestou apoio no seu desenvolvimento, inclusive podendo existir pais e mães que incentivam os(as) filhos(as) e, posteriormente, filhos(as) que incentivam os pais e as mães. Para algumas pessoas, os irmãos(ãs) mais velhos(as) marcaram seu gosto musical, mas também quando se casaram, seus(as) cônjuges e familiares ampliaram esse contexto sonoro em que a pessoa estava inserida.

Girassol (tamborim) lembra que sua mãe era professora de acordeon e que: “A gente pegava o acordeon, brincava com acordeon, mas nunca soube tocar acordeon: só ficava teclando ali.” Por outro lado, John (contrabaixo) relata que, quando ele e seu amigo conseguiram um violão emprestado, “[...] a gente começou a tentar buscar informação de como tocar. Foi até bem difícil nesse início, porque a gente não tinha nenhuma referência.” Esses dois relatos expõem diferentes contextos sobre o início da aprendizagem musical e, apesar dessa diferença existir, não é algo determinante para os rumos da *carreira*, pois esta envolve também o desenvolvimento de competências e habilidades, a manutenção da permanência, bem como a saída (OLIVEIRA; DOLL, 2017).

Para as pessoas que moravam na zona rural ou em cidades no interior do estado, houve dificuldade de ter acesso às aulas e os relatos trazem qualidades

distintivas do lazer sério: a *perseverança* e o *esforço*, qualidades de persistir e superar dificuldades e frustrações. Além de não ter com quem aprender, outras coisas inerentes à prática, como afinar o instrumento, eram desafiadoras:

> Também no início não tinha muita coisa à disposição, até tecnologia. Hoje a gente tem um afinador que a gente prende, é um clipezinho que prende no violão, baixo, na guitarra… aí tu tocas, ele dá a nota e tu afinas. E naquela época eu lembro uma coisa, que ficou bem gravada e a gente até hoje brinca com isso: é que nós andávamos duas quadras com violão até um orelhão, aí chegava no orelhão, pegava o "tuuu" e afinava a quinta corda por aquele barulho, por aquele "tuuu" do telefone. E aí vinha para casa com aquele violão e com aquela corda, afinava todos os instrumentos com o som daquela corda. Era uma coisa bem trabalhosa. (John, contrabaixo).

Outro espaço significativo de vivência musical na infância foi a banda da escola e eventos musicais ou artísticos produzidos nessa instituição. Déo Oliveira (surdo) comenta que "[...] a gente tinha, além da aula de música, os festivais de música do colégio, eu participava da banda marcial pequenininha." Também a igreja foi relatada como um local para iniciar as aprendizagens musicais, na fala de Rimeda (harmônio): "O Pastor B... tinha iniciado o grupo de trombones aqui na I..., uma coisa muito especial." Conforme Stebbins (2020), a comunidade (família, vizinhos, amigos) situa as pessoas no espaço social de determinado lazer, o que contribui para a construção da identidade social da pessoa.

Mesmo com diferenças iniciais, uma fala recorrente foi de que a pessoa *sempre* gostou de música. Nas falas das entrevistadas: "Eu sempre gostei de música" (Luna, agogô) e "[...] [a música] sempre foi muito presente na nossa vida" (Mariana, agogô). Podemos, assim, perceber a presença constante da música, mesmo sem a pessoa estar tocando. O advérbio *sempre* significa algo presente em todo o momento, a cada instante, e nos remete tanto à continuidade, pois está ligado ao passado percebido do indivíduo (ATCHLEY, 1989) quanto à *core activity*, que é a essência da prática de lazer e que se adapta aos altos e baixos da vida (STEBBINS, 2020).

A trajetória de Antônio (violino) é um exemplo dessa presença da música em diferentes ocasiões. Ele considera que *sempre* teve um gosto musical peculiar e menciona seu início da vida laboral como o momento e oportunidade para iniciar as aulas de algum instrumento, o que o levou primeiramente a fazer aulas de violão e piano. Com o início da faculdade de veterinária, as unhas compridas necessárias para tocar violão e as dores nos tendões reconstituídos o fizeram tomar uma decisão: "[...] parei: vou ser só ouvinte". Depois, pela vontade de tocar violino para

sua amiga e professora de música que não podia mais tocar, optou em retornar: “A minha primeira aula foi em 12 de janeiro de 2000. Comecei a tocar, alugava um violino do C..., comecei a tocar também no conjunto instrumental dele” (Antônio, violino).

Essa interrupção está incluída na PLS, na qual a carreira não é pensada como algo linear ou como um progresso de um ponto a outro, mas sim como um senso de continuidade temporal de atividades associadas (STEBBINS, 2020, p. 72). Outro caso de interrupção foi relatado por Déo Oliveira (surdo):

> Fiquei 20 anos fora. [...] Fiquei de 79 a 99. Eu me separei do primeiro casamento no final de 98, logo em seguida entrei no relacionamento com minha atual esposa. Ela que me permitiu voltar ao convívio com os músicos, meus amigos. Mas foram 20 anos fora. Por quê? Eu encarei a questão de pai de família: era só trabalho. Só trabalho mesmo, foi terrível. Não passamos tanta necessidade, mas realmente: quem casa quer casa.

Essa sensação de que foi terrível ficar afastado da prática, demonstra a falta que os benefícios duráveis (sociais e psicológicos) geram para o indivíduo. Mariana (agogô) ficou afastada por menos tempo, por situações familiares: “[...] eu parei. Não toquei mais, mas queria voltar e voltei. Acho que é bem bom ter voltado”. Percebemos aqui que, apesar de não estar diretamente envolvida com a prática musical, havia o desejo de voltar e essa volta é percebida como algo positivo, por estar em contato novamente com os benefícios que a prática musical traz em sua vida. Considerar “[...] possíveis alternâncias, interrupções e retomadas dentro dos estágios de envolvimento no lazer sério e de suas fases de desenvolvimento se tornam elementos-chave quando consideramos o estudo ancorado em uma perspectiva que compreende o desenvolvimento ao longo da vida dos sujeitos” (OLIVEIRA; DOLL, 2017, p. 233).

Atualmente, Antônio (violino) percebe o quanto os grupos o motivam e estimulam a ensaiar e tocar, característica ligada ao *unique ethos*. Essa qualidade se refere ao compartilhamento de práticas, valores, crenças e objetivos com o grupo de pessoas que também praticam o mesmo tipo de lazer (OLIVEIRA; DOLL, 2014). A possibilidade de tocar é percebida por ele como uma maneira de retribuir para o público o que sempre gostou de apreciar, demonstrando enriquecimento pessoal, expressão de habilidade, renovação e satisfação profunda (DOLL *et al.*, 2018). Percebe-se que os interesses e motivações são múltiplos e podem variar conforme nossa trajetória na atividade.

A maneira de aprender a tocar, seja ela formal ou não, marca, mas não restringe, como a pessoa segue estudando e se relacionando com a música. A educadora musical brasileira Patrícia Santiago, em artigo sobre a prática deliberada e informal no aprendizado de música instrumental, destaca que a prática de tocar de ouvido "[...] é, além de prazerosa, essencial para a formação do músico instrumentista, uma vez que requer uma escuta musical atenta e persistente e que favorece o desenvolvimento da capacidade de ouvir a si mesmo." (2006, p. 56).

John (contrabaixo) comenta que "[...] como eu sou bem autodidata, quase... teoria: eu sou zero em teoria musical, não sei nem muito de escalas. Eu gosto de tirar a música, ouvir e imitar, com esse repertório de imitações tu acabas encontrando coisas que tu podes fazer." O conhecimento que ele desenvolveu através dessa maneira de aprender o auxilia a tocar novos repertórios. Sérgio (saxofone) avalia que: "[...] essa habilidade de tocar de ouvido, como eu vou te explicar, com passar do tempo ela fica… Ela não é tão prática sempre. Tem umas coisas que tu sabes às vezes, vai tocando. Tem uma hora, tu tocas de ouvido, mas 'peraí, esse trecho não está bom'." Apesar da preferência pela abordagem de tocar e cantar de ouvido, ou seja, sem utilizar recursos da leitura e escrita musical formal, Déo Oliveira (surdo) não exclui essa possibilidade e pondera que:

> Eu não sei ler a partitura, mas tu unes: um mais um, dá dois. O que eu ouço, o que o cara canta e as bolinhas. Daqui a pouco eu vejo que as bolinhas estão se repetindo na mesma posição, a outra já desceu duas linhas, três linhas. Enfim, alguma coisinha. Eu digo: "ah, isso aqui então". Aí me dá mais vontade de aprender. A hora que der acho que eu vou tentar nessa linha aí, mesmo que não seja para tocar nada, mas para cantar. Isso é uma coisa que eu ainda vou fazer. Mas a idade, para mim, eu sinto que dá para fazer muita coisa ainda.

Em pesquisa sobre lazer e aprendizagem autodirigida, o professor checo Roberson (2005) destaca que esse é um processo de alto engajamento e um dos pilares na teoria de aprendizagem de adultos(as). A aprendizagem autodirigida ocorre a partir de aconselhamento informal, dicas de amigos ou parentes e também por acessos a livros ou vídeos, podendo ocorrer de maneira intercambiável com outras formas de aprender (STEBBINS, 2020). Girassol (tamborim) comenta que iniciou a tocar de maneira mais sistemática quando entrou no grupo em que participa, onde se considera aluna. Apesar disso, sua aprendizagem de instrumento não se restringe a esse espaço, pois: "Como a gente tem essa questão do pessoal de casa que toca, às vezes o meu marido me ensina alguma coisa, eu toco."

Outra situação significativa para juntar a vontade de tocar com a prática em si, é assistir apresentações. A relação entre os(as) musicistas e o público é entendida na PLS como interdependente. Mariana (agogô) comenta que “[...] eu fui ver um show de primeiro ano das B... e achei aquele grupo de mulheres tão bacana. Eu já tinha vontade de fazer alguma coisa e aí eu me juntei a elas.” Nesse momento, ela ainda não estava envolvida em atividades musicais, mas a experiência de ser público a fez perceber que poderia participar do grupo e isso a motivou a se envolver e buscar por conhecimentos específicos. Da mesma forma, Sérgio (saxofone) relata o momento em que descobre um grupo e vai participar: “Isso era novembro, não me interessa se era novembro, eu sei que em novembro praticamente está terminando todas as atividades, mas eu vou chegar para no ano que vem eu seguir. E assim eu fiz.” A identificação desse momento significativo para o seu envolvimento na atividade é denominada contingência da carreira e na PLS é definida como: “[..] circunstâncias que marcam o percurso da pessoa de formas determinantes” (OLIVEIRA; DOLL, 2017, p. 226).

Os grupos, nos quais as pessoas participam ou sonham em participar, se tornam muito importantes para definir metas e manter a motivação. Dentro da biografia das pessoas entrevistadas, a dimensão da *atração do grupo* (DOLL *et at.*, 2018) apareceu de maneira significativa. Essa se refere à preferência dos(as) participantes em se relacionar com pessoas ou grupos que também sejam envolvidos com a mesma atividade de lazer, no caso, a música. Nesse sentido, Luna (agogô) diz: “Eu gosto de coisas de grupo”. A prática musical coletiva é certamente um ponto relevante em todas as falas e experiências relatadas, apesar das diferenças de instrumento, tempo de participação ou propostas musicais.

As pessoas trouxeram em suas falas o orgulho que sentem de fazer parte dos grupos aos quais pertencem, os percebendo dentro do contexto musical em que circulam. E, sentir esse pertencimento, essa conexão, pode ser uma das maiores contribuições numa sociedade cada vez mais individualista. A prática musical pode nos permitir viver essa aproximação por percebermos na outra pessoa algo com que nos identificamos e assim, não a vemos como alguém tão diferente de nós mesmos(as). Essa percepção de algo em comum nos remete a ideia do *unique ethos*, espírito de comunidade entre participantes do mesmo lazer sério. Nesse mundo social, as pessoas expressam (atitudes, crenças, valores) e realizam (práticas, objetivos) o *unique ethos*.

A finalidade da prática individual e coletiva, conforme os relatos, não é necessariamente a apresentação, mas o tocar propriamente dito, a *core activity.* Luna (agogô) expressa qual é a *core activity* quando explica: “Gosto de tocar, entendeu? Chegar lá e tocar. E pronto. É o que importa.” A fala de Sérgio (saxofone) corrobora essa percepção: “[...] gosto muito de tocar. E gosto muito de tocar em grupo”. Assim, o grupo musical pode ser um espaço em que se somam diferentes instrumentistas, mas com um mesmo sentimento: gostar do que faz.

O momento do ensaio é visto como prazeroso, divertido e Luna (agogô) também relata a qualidade de renovação, pois sente-se revigorada nos ensaios: “Me transborda. Eu já nem sei, saio de lá assim: quem eu sou? Voa. Naquele momento vai embora, mesmo que a aula seja mais pesada, porque repete, porque erra, porque não sei o quê. Não importa, tu estás ali. [...] É um marco aquele momento naquele dia.”

Todas as pessoas entrevistadas percebem que o enriquecimento pessoal que a presença da música (e outras artes) traz para suas vidas é bastante significativa. Nas palavras de Girassol (tamborim): “[...] é um divisor de águas na vida da gente, quando em algum momento tu te dedica para a arte. [...] Eu acho que faz toda diferença na vida da gente, no sentido que a gente dá para vida.” Do mesmo modo, Rimeda (harmônio) percebe que “[...] música enriquece a vida.”

A maneira com que a pessoa inicia sua prática musical pode variar bastante e seu envolvimento depende da sua biografia. Para as pessoas entrevistadas, a aproximação ocorreu relativamente cedo no curso de vida, mesmo que a prática sistemática tenha sido posterior ou alterada conforme eventos pessoais. O modo ou momento em que alguém inicia sua prática não condiciona seu nível de envolvimento na atividade.

Os grupos desempenham papel importante para a prática das pessoas entrevistadas, por serem constituídos de pessoas com interesses em comum (a prática musical). Nas atividades coletivas, algumas diferenças (etárias, econômicas, de gênero, étnicas) podem não ser percebidas, porque o centro da atenção está na prática musical. O envolvimento e a carreira podem sofrer interrupções ou adaptações, mas as pessoas buscam pela presença da música em suas vidas.

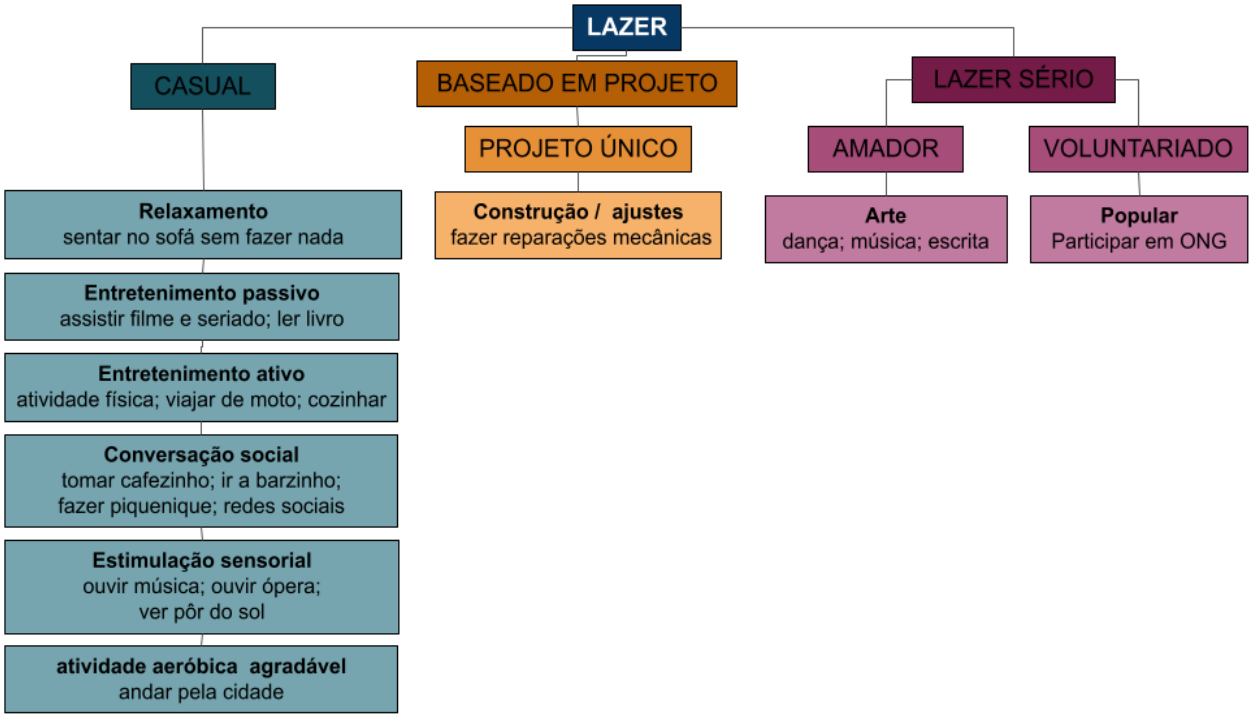
5.2 RELAÇÕES ENTRE LAZER E PROCESSOS DE ENVELHECIMENTO

Após essa aproximação a alguns dos interesses, motivações e fatores que estão envolvidos na aprendizagem de instrumentos musicais das pessoas entrevistadas, irei apresentar algumas relações encontradas entre envelhecimento, prática musical e a Perspectiva do Lazer Sério. Para isso, inicio apresentando os significados de lazer e dos processos de envelhecimento relatados, e depois as relações deles com a prática musical.

5.2.1 Lazer

A partir das respostas das pessoas entrevistadas sobre o que é lazer, foi elaborado o diagrama abaixo (Figura 4). Algumas atividades podem transitar em diferentes categorias, mas buscou-se classificar a partir do sentido percebido através dos relatos. Como podemos perceber, a maioria das respostas se referem a diversos tipos de lazer casual, especialmente conversação social e entretenimentos. Demais categorias que compõem a PLS e não foram citadas e não estão representadas aqui.

Figura 4 - Lazeres citados



Fonte: adaptado de *The Serious Leisure Perspective Website*

O lazer casual, onde se concentram os exemplos, é fundamentalmente hedônico, buscado por seu nível significativo de prazer (STEBBINS, 2020, p. 31). Esse aspecto é central nas falas das pessoas entrevistadas sobre o conceito do termo: para elas, lazer é o que gera prazer. A maioria das pessoas entrevistadas tem diferentes momentos de lazer na sua vida, como disse Sérgio (saxofone): “Sou bem eclético na variedade de lazer.” O lazer também foi relatado como algo para desestressar, ou seja, que relaxe, acalme e tranquilize. O estresse é uma tensão física ou mental, e aliviar isso pode estar associado ao bem-estar físico e mental, percebido nas práticas como prazer.

Entendo que prazer, nesse contexto, expressa essa sensação agradável que se relaciona tanto a alguma satisfação quanto ao divertimento. Em algumas atividades essa separação dicotômica prazerosa ou não-prazerosa está bem demarcada, em outras, não. Este aspecto é discutido por Stebbins (2014, p. 43) quando ele expõe que: “[...] o trabalho e o lazer, ao contrário do conhecimento convencional, não são nem totalmente separados, tampouco esferas mutuamente antagônicas da vida moderna.” Podemos perceber a proximidade entre lazer e trabalho na fala de Antônio (violino): “[...] meu trabalho já é lazer. [...] Tem algumas coisas que às vezes tu não gostas de fazer, mas tem que fazer. [...] depois que tu fazes, tu ficas se sentido tão bem.” Então, essa sensação agradável vem não só de realizar tarefas que dão prazer momentâneo ou da realização da *core activity*, mas também a partir da percepção da qualidade no resultado.

Girassol (tamborim) comenta que a atividade física que pratica é “[...] uma coisa regular e é lazer.” Essa afirmação contém o pressuposto de que a atividade de lazer não seria *séria*, mas casual. Porém, Stebbins (2014, p. 51) entende que o uso desse adjetivo “[...] agrega qualidades como seriedade, comprometimento, importância, e zelo, ao invés de sisudez, solenidade, falta de alegria, angústia e ansiedade.”

O lazer, na PLS, é uma experiência que envolve tanto a abordagem interna quanto externa vivida pelo indivíduo em seu contexto social, cultural, histórico e geográfico (STEBBINS, 2020, p. 15). Esse contexto faz a pessoa perceber a atividade como não coercitiva e para a qual deseja usar e usa seu tempo livre, habilidades e recursos. A importância da liberdade de escolha individual aparece na fala de Luna (agogô): “Lazer é fazer coisas que eu gosto e que eu escolho. Às vezes tu fazes coisas que é um lazer do outro e não o teu”.

Um dos custos pelo envolvimento sério em atividades de lazer é a marginalidade, pois familiares e amigos podem não compartilhar do mesmo sentimento, especialmente em comparação com pessoas que se dedicam a passatempos populares ou classificados como lazer casual (STEBBINS, 2020, p. 50). Conforme Rimeda (harmônio), ouvir ópera: “Para muitas pessoas é estranho, mas acho que é uma coisa que dá prazer [...] Depende da gente. Como a gente vê e sente as coisas. Aquilo que é o meu prazer, aquilo que eu gosto. Devo até chocar umas pessoas se eu disser.” Fica presente nessa fala a variedade de possibilidades e o quanto a escolha do lazer tem relações com aquilo que constitui a pessoa.

A música, seja ela ouvida, cantada ou tocada, aparece como lazer para as pessoas entrevistadas. Então, mesmo com diferentes tipos de comprometimento com a prática musical, a dimensão de lazer está presente. O lazer, para o grupo estudado, está fortemente ligado a característica de prazer, sendo esta percebida em diversas atividades, inclusive no trabalho.

5.2.2 “Hoje eu faço as lembranças para amanhã”

Ao serem perguntados(as) sobre percepções em relação ao processo pessoal de envelhecimento, as respostas variaram entre questões físicas (do/no próprio corpo), pessoais e sociais. Vale destacar que nem todas as pessoas entrevistadas são idosas e que esse processo não se restringe a uma fase da vida. O processo de envelhecimento pode ser entendido “[...] como a fase de todo um *continuum* que é a vida, começando com a concepção e terminando com a morte” (NETTO, 2018).

Para as pessoas entrevistadas, envelhecer foi visto como um risco, uma fase na qual é necessário realizar mais exames e estar mais atento(a) à periodicidade de revisões médicas. Sentem um tempo diferente nas respostas a alguns estímulos, demorando um pouco mais a responder. As dores aparecem e trocam de lugar, esperam algum grau de perda auditiva, diminuição da resistência física, aparecimento de cabelos brancos, rugas, diminuição da massa muscular e aumento da flacidez da pele e tecido adiposo. Sobre esses aspectos, como disse Girassol (tamborim): “É dureza.”

A pressão por um corpo que pareça jovem foi mais presente nas falas das mulheres, ainda mais quando se refere a relacionamentos: “[...] quem é que eu vou namorar? Não tem. [...] Os homens com 60 querem namorar alguém de 20, os de 50

também, os de 20 querem namorar as de 20. Todos querem namorar as de 20.” (Luna, agogô). No artigo *Mulheres e Envelhecimento*, Mirian Goldenberg (2012, p. 50) estuda o corpo como capital simbólico e destaca como característica marcante das falas das brasileiras a ênfase na decadência do corpo, falta de homem e invisibilidade social.

A imagem que as pessoas entrevistadas enxergam de si mesmos(as) nas fotos, espelho ou chamadas de vídeo, parece não corresponder: sentem ter o espírito e a alma mais jovens. Essa diferença entre a idade biológica, cronológica e psicológica é fortemente percebida, sendo que a idade psicológica está relacionada ao senso subjetivo de idade (NETTO, 2018). John (contrabaixo) comenta sobre quando enxerga as alterações físicas em si mesmo: “[...] eu não vejo muito, vejo de manhã quando eu escovo o dente, vejo de noite, então ela não faz muito parte do meu dia a dia.”

Com a mudança nas taxas de natalidade e longevidade, a avosidade passa a ser e acontecer de maneira distinta. Se, por um lado, seria possível acompanhar o crescimento dos(as) netos(as) devido à expectativa de vida (RAMOS, 2015), há cada vez maior adiamento do primeiro nascimento e redução do número de filhos (MIRANDA-RIBEIRO; GARCIA; FARIA, 2019). A associação direta entre a pessoa idosa e ser avô(ó) é outra questão que está se modificando em relação aos modelos tradicionais de curso de vida. Enquanto Rimeda (harmônio) comentou que: “Pois é, demorou! Demorou… É uma festa quando ela [neta] vem aqui”. Déo Oliveira (surdo) calcula que “[...] tenho um neto de 16 anos. Bisneto ainda não, mas eu acho que esse guri com 16 anos, daqui a pouco vai me dar um.” Para Sérgio (saxofone), não ser ainda avô é algo que o preocupa: “Eu não sei como é que vai ser, essa questão da idade avançando, eu não estou contando com uma coisa que eu gostaria de deixar: eu não tenho netos para deixar esse conhecimento, para eu ir passando isso.”

A forma como a sociedade enxerga o envelhecimento pode ser percebida pela mudança do olhar dos outros em relação a si, o que impacta na autopercepção, nas relações sociais e trabalhistas. Mariana (agogô) expõe essa mudança ao comentar sobre o que tem percebido durante seu processo de envelhecimento: “[...] a gente não está acostumado, das pessoas te verem mais velha e a gente não se achar tão velha”. Essa visão desfavorável, distorcida e limitante, presente no senso comum é descrita a seguir:

> Estereótipos em relação à velhice comprometem a possibilidade de uma qualidade de vida melhor. Em nosso meio, a velhice é comumente associada a perdas, incapacidade, dependência, impotência, decrepitude, doença, desajuste social, baixos rendimentos, solidão, viuvez, cidadania de segunda classe, e assim por diante. O idoso é chato, rabugento, implicante, triste, demente e oneroso. Generalizam-se características de alguns idosos para todo o universo. (PASCHOAL, 2018).

A imagem de uma pessoa idosa como alguém inútil e desatualizada pesa bastante, especialmente por ser o momento de se aposentar e dar lugar para os novos. Na Política Nacional do Idoso (Art. 10º, IV, a) os órgãos e entidades públicos ficam responsabilizados por garantir mecanismos que impeçam a discriminação da pessoa idosa em sua participação no mercado de trabalho. O Estatuto do Idoso garante o direito ao trabalho (Art. 3º) e prevê que negar trabalho a alguém por motivo de idade constitui crime (Art. 100º). Também veda a discriminação e a fixação de limite máximo de idade (Art. 27º), prevendo a criação de programas de estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho (Art. 28º).

Apesar de termos uma legislação que garante o direito ao trabalho e à não discriminação etária da pessoa idosa, o que se percebe é que essa exclusão inicia mais cedo na vida das pessoas. No Brasil, conforme a pesquisa *Envelhecimento da Força de Trabalho no Brasil* a pessoa começa a ser vista como profissional mais velho(a) a partir dos 45 anos (LINS; TONELLI; ARANHA FILHO, 2013, p.8) e 58% dos entrevistados consideram o fator idade como sendo relevante para a contratação (2013, p. 16).

O conhecimento sobre o processo de envelhecimento é importante para combater esse tipo de visão e foi relatado como um fator que auxilia a pessoa a encarar as mudanças tanto pessoais, quanto familiares e na própria sociedade. Girassol (tamborim) destaca que: “O envelhecimento deveria estar em todas as graduações, mas a gente sabe que não está” e ressalta também a importância das pesquisas para auxiliar no desenvolvimento e implementação de políticas públicas.

A falta de espaços educativos para pessoas idosas foi outro problema que apareceu: “Para minha idade, não tem mais nada. [...] Aos 18 anos a porta fechada, está fechada para o pessoal querer desenvolver música gratuitamente” (Sérgio, saxofone). Em nível nacional, contamos com alguns instrumentos normativos que garantem direitos educacionais à pessoa idosa[44], mas os projetos ainda não atingem a maioria da população. As “[...] intervenções educativas devem constituir-se um

[44] Constituição Federal (art. 205) e Estatuto do Idoso.

instrumento a serviço das necessidades e interesses dos idosos, explorando o repertório de conhecimentos por eles já adquiridos, bem como fazendo da história de vida desses sujeitos o referencial para o despertar e a compreensão de problemas, instigando-os à busca de conhecimentos e de soluções" (BARROS *et al.*, 2021, p. 14).

Uma ideia central na Teoria da Continuidade (ATCHLEY, 1989) é a de que adultos(as) de meia-idade e mais velhos(as) utilizam estratégias adaptativas para preservar e manter estruturas internas e externas. Assim, as experiências passadas são basilares para viver o envelhecimento normal, sendo as mudanças parte da continuidade por se ligarem ao passado. Girassol (tamborim) sente que as mudanças de atitude perante a vida estão relacionadas com o amadurecimento:

> Levei muitas rasteiras, nessa década dos meus 50 anos em diante. Nesse sentido, eu comecei a pensar que eu vou mudar, me tornar uma pessoa "vivendo um dia de cada vez", tentar controlar a ansiedade. Saber que eu não tenho controle sobre as coisas, as coisas vão acontecer como tem que acontecer. Me preservar de pessoas que não me fazem bem, isso é muito claro. Depois de uma certa idade, optei em ter qualidade, não quantidade. Eu acho que isso vem com o amadurecimento e vem com a idade: tu te dás conta que tu tens que estar com as pessoas que te fazem bem.

As pessoas entrevistadas estão conscientes de que houve mudanças que não serão totalmente compensadas, mas ao confrontarem seus sucessos e fracassos, aceitam-se como são e não como gostariam de ser (ATCHLEY, 1989). Esse aspecto aparece sintetizado no *tema* de Antônio (violino): "Eu só me arrependo das coisas que eu não fiz."

Os *temas* provêm da história de vida e trazem inevitabilidade, naturalidade e retidão para o que se vive (ATCHLEY, 1989). Com base na sua biografia, Rimeda (harmônio) imagina sua partida de modo semelhante à de seu pai:

> Eu acho que a gente não deve sofrer na véspera, coisa que eu falei antes. Eu invejo um pouco o meu pai, pela maneira com que ele faleceu. Depois que a mãe faleceu ele decidiu que ele também queria morrer. Eu vim muito, fiquei com ele bastante tempo conversando com ele, ele não queria comer, não se alimentava direito e eu dizia "come pai, tem que comer, tu vais morrer", "mas eu quero morrer. Eu vivi que chega. *Ich bin ausgelebt*.[45]" ele dizia. Ele estava pronto para morrer: não tinha desejos, perspectivas. Bom, ele não sofreu com a despedida, com a partida dele. Acho que isso vai acontecer comigo também.

As pessoas entrevistadas demonstram que estão satisfeitas, mas que há muito a ser realizado: a continuidade permite que a pessoa tenha objetivos em

[45] Frase em alemão, que significa o que tinha sido dito imediatamente antes: "Eu vivi que chega".

direção ao desenvolvimento (ATCHLEY, 1989). A fala de Déo Oliveira (surdo) expressa as expectativas em relação a si mesmo: “Posso fazer muitas coisas ainda. Eu acho que eu melhorei e ainda vou melhorar muito” (Déo Oliveira, surdo). Nesse sentido, as mudanças são percebidas como positivas e constituintes do que está por vir, por terem relação com aquilo que atualmente vivem. John (contrabaixo) avalia que: “As coisas que eu dou valor, acredito que eu tenho. [...] Não digo que se eu não pudesse eu não teria, não vou ser hipócrita e dizer ‘não, não quero’, mas o que está podendo ter, está legal. Está legal, está bom.”

Em linhas gerais, as pessoas entrevistadas percebem o processo de envelhecimento como algo desafiador, mas que continua sendo uma fase de sonhos e realizações. Disseram que por enquanto e ainda há muito futuro para elas, sem ignorar que aquilo que se vive pode mudar. Parafraseando a canção, para que o corpo siga levando nossa alma nos bailes da vida.

5.2.3 Prática Musical, Envelhecimentos e a Perspectiva do Lazer Sério

A prática musical é percebida dentro de cada processo de envelhecimento como algo que vai permanecer. São destacadas algumas qualidades como auxílio na manutenção das habilidades cognitivas e enriquecimento pessoal. A Teoria da Continuidade (ATCHLEY, 1989) destaca que os(as) adultos(as) de meia-idade e mais velhos(as) buscam preservar e manter as estruturas usando recursos vinculados às experiências pessoais e sociais. As duas primeiras qualidades distintivas do lazer sério estão intimamente ligadas a isso pois perseverança e carreira, envolvem a continuidade na atividade e adaptação da mesma conforme etapas de realização e envolvimento (STEBBINS, 2014, 2020).

A longevidade “[...] representa uma conquista do campo social e da saúde. Por outro lado, apresenta-se como um desafio às demandas sociais e econômicas, sobretudo nos países em desenvolvimento” (DOLL; RAMOS; BUAES, 2015, p. 10). No grupo estudado, alguns(as) participantes já se aposentaram e não possuem mais empregos formais; outros(as) se aposentaram e seguem trabalhando de maneira autônoma ou assalariada, e por fim, há os(as) que não se aposentaram e pensam no benefício ou não.

Para Atchley (1976), a aposentadoria pode ser vista como um processo, evento, função social ou fase da vida. Nesse sentido, há uma modificação também

na maneira de viver, pensar e planejar a aposentadoria. Girassol (tamborim) pondera que “[...] não vale a pena eu contribuir. Com o tempo que falta, ainda mais com essas mudanças. A gente se organizou de uma outra maneira familiarmente, com previdência privada”. John (contrabaixo) descreve o contexto de incertezas e mudanças da seguinte maneira:

> É tipo estar correndo a maratona e tu enxergas a linha de chegada um pouco distante e uma pessoa vai e muda, muda ela, aí tu segues correndo [...] ultimamente estamos num processo de redução de direitos, então cada vez menos eu penso no trabalho como uma forma de chegar na aposentadoria. Falta para eu me aposentar ainda no mínimo uns 18 anos. Há muitos anos já faltou 18 anos. Nesses 18 anos, o que que vai acontecer?

Fontoura, Doll e Oliveira ,no artigo *O Desafio de Aposentar-se no Mundo Contemporâneo* (2015), destacam que as pessoas lidam com a aposentadoria de maneiras diferentes e divergentes, pensando e organizando sua vida influenciados pelas condições laborais e pelo modo com que enxergam o processo de envelhecimento. Associar envelhecimento com tempo livre e aposentadoria é algo presente no senso comum, sendo o lazer visto como preenchimento do tempo ocioso.

Déo Oliveira (surdo) sente que a aposentadoria mudou sua relação com o tempo, pois antes os horários rígidos do seu emprego o impediam de participar de ensaios e outras atividades. Dessa forma, ele percebe uma melhora em relação à liberdade: “Me deu mais tempo, não tem hora para chegar em casa. Pode ir para qualquer lugar a qualquer hora. Com trabalho, com certeza não dá. Eu cansei de perder coisas por causa do meu horário de trabalho. Que dó que me dava.”. Sérgio (saxofone) decidiu, após sua aposentadoria, que era um momento para retomar suas atividades musicais: “[...] ‘bom, agora vamos resolver os problemas da música’. E aí eu entrei nessa *vibe* das bandas”.

De outro modo, Mariana (agogô) e Antônio (violino) seguem trabalhando normalmente e, na rotina de Luna (agogô), a aposentadoria mudou diversas coisas, mas não sua relação com a atividade musical: “[...] as aulas, as coisas todas, não mudaram. [...] Até pode ter facilitado, mas agora não mudou.”

Durante a entrevista, foi solicitado que cada pessoa fizesse um exercício de se imaginar daqui a dez anos ou mais. As pessoas pretendem se manter ativas. “Fazendo coisas, continuando ativa” (Mariana, agogô) e mantendo suas atividades musicais, por ser algo que o corpo permite e para que imaginam ter mais tempo para

se dedicar. Enquanto no esporte o fim da carreira está associado ao envelhecimento (OLIVEIRA; DOLL, 2017), os aspectos físicos parecem permitir que a prática musical esteja presente por mais tempo:

> Eu não me vejo fora da música. Até porque eu acho que é a única coisa que eu consigo fazer daqui a dez anos. O que mais eu vou fazer? Jogar futebol era uma coisa que eu adorava e até joguei um pouco, mas já faz muitos anos que eu não consegui mais. Uma coisa que eu gostaria de ser é piloto de prova, mas também não tem como. (Déo Oliveira, surdo).

Além de notar em si esses limites, perceber nos outros o processo de envelhecimento e prática musical é importante para desenvolver as possibilidades. Assim como o Arthur Rubinstein, citado por Baltes e Baltes (1990) utilizou estratégias para permanecer tocando, Antônio (violino) traz exemplos significativos de pessoas idosas e suas estratégias para manutenção da prática:

> E- Na O... tinha, não sei se tu chegaste a conhecer, tinha a H…. e o L...
> P- Sim, conheci.
> E- Aqueles cabelinhos brancos.
> P- Sim, queridos.
> E- Ele faleceu.
> P- Ele faleceu?
> E- Acho que de câncer na próstata. Uns dois anos antes dele falecer, ele saiu da O.... [...]. Eu me imaginava assim: cabelinho branco, tocando na orquestra. Com eles foi o seguinte: depois que eles pararam com a orquestra [assobio de som descendente] ladeira abaixo. Foi uma coisa impressionante. Deu para ver isso, em vivo isso.
> P- Pertinho.
> E- Pertinho. Um ano depois ele foi homenageado, ele foi, nem foi um ano, ele foi assistir um concerto e foi homenageado lá, saiu da orquestra e parece que descarrilou. Outro exemplo, que isso vai ser importante, que mudou meus parâmetros: foi o A... C... Quando o conheci, ele estava com 93/94 anos. Ele foi meu professor então. Tu vias ele tocando violino sentado, parecia que ele tinha 60 anos; quando ele se levantava, andava de andador, aí tu vias que ele tinha 94 anos. Eu tenho vídeos dele [...]. Aquilo serviu como um exemplo muito grande, porque eu comecei ter aula com ele, em 2014 que eu conheci ele. Foi numa Sexta-feira Santa que ele me ligou, não sei se foi 2013 ou 2014. Ele faleceu esse ano [2020]. Desde então, a gente se via de quinze em quinze dias. Ele disse que ele fazia ginástica para tocar violino e me mostrava tudo. Ele disse que todo dia ele pegava o violino e todo dia ele matava um tigre para continuar tocando. Ele me ensinou a ginástica que ele fazia, porque ele dizia “não pode parar, parar. Se tu parares, não tocas mais”. E a acuidade auditiva dele! Tem um livro, Música, Cérebro e Êxtase[46] - um livro azul, não me lembro o nome do autor – que fala que no envelhecimento vai perdendo os agudos. [...] Isso eu aceitava como uma verdade até conhecer o A... Com 94 anos eu lá tocando o dó, o ré, o mi na corda mi, na terceira, quarta, quinta posição e ele dizia “mais alto, mais baixo”. Eu me dizia: “o quê?”. Até disse para ele: “vem cá, o que deu errado que não está funcionando contigo? O cérebro é para perder os agudos”. Daí ele me disse: “é o costume”. (Antônio, violino)

[46] Música, Cérebro e Êxtase (1997), do pianista e compositor americano Robert Jourdain.

Esses exemplos corroboram a importância de ter referenciais de envelhecimento e música. Da mesma forma, reforçam que a continuidade de atividades, habilidades e ambientes é um resultado adquirido através do desenvolvimento dos pontos fortes, percebidos como tal, para obter satisfação com a vida (ATCHLEY, 1989).

No artigo *Práticas Musicais Coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária* (2011), as professoras Maria Carolina Leme Joly e Ilza Zenker Leme Joly destacam que esse espaço possibilita processos educativos de natureza musical, cultural e humana, podendo valorizar a diversidade, solidariedade e diferenças. A convivência na orquestra comunitária traz fatores de transformação constantes para as pessoas envolvidas. De mesmo modo, Luna (agogô) percebe no grupo em que participa que a idade não é um marcador de diferenças:

> Mas ali dentro a gente é quem toca e pronto. Tem diferenças muito grandes ali, até econômicas, com gente muito rica, tem gente mais… Em geral, as pessoas são de nível superior, quando tem idade para isso. E da idade também, bem variada. Só que eu só me dei conta depois disso. Porque para mim, eu entrei, entrei, não importa a idade. Mas todo mundo é bem, como é que é, as pessoas recebem super bem. Estou ali, não importa a idade que tu tens.

Não é em todos os lugares e situações que a imagem de ser uma pessoa mais velha passa despercebida. Os cabelos brancos, característica considerada tipificadora, normalmente são vistos como fator de experiência, porém, as pessoas que estão aprendendo sentem que não são reconhecidas nesse papel de aprendiz. Podemos perceber esse julgamento na seguinte fala: “Ele [cabelo branco] te compromete: ‘ah, esse aí de cabelo branco deve tocar que um … Esse aí já tem 30 anos com instrumento na mão’. Imagina um nível que eu não tenho” (Sérgio, saxofone). Esse aspecto chama a atenção sobre a imagem que se tem de quem pode estar estudando, e que o fato de estar aprendendo parece distante dessa fase da vida em que se tem cabelos brancos.

As pessoas entrevistadas possuem uma *carreira* musical que iniciou antes da aposentadoria, o que nos faz perceber que a prática musical tem um espaço significativo nas biografias. O lazer não é visto como oposto ao trabalho, pois ambos podem gerar prazer na sua realização. A prática musical parece oferecer espaços onde diferenças etárias podem ser significativas, oportunizando o diálogo intergeracional. A música como lazer pode acompanhar a pessoa no seu processo de envelhecimento, sendo aliada na manutenção de aspectos físicos, emocionais e

sociais. Atchley (1989) reconhece nas habilidades complexas, como a música, um potencial de exploração e elaboração quase infinito, o que pode contribuir para que as pessoas permaneçam na atividade mesmo que com algumas adaptações.

Ter essa base de conhecimento e habilidade permitem que o futuro seja um lugar muito musical, para que se realizem projetos e sonhos. Isso pode ser percebido na fala de Rimeda (harmônio) quando ele comenta o que estará fazendo em dez anos: “Aí eu acho e espero que nossos trombones aqui, a gente vai estar tocando.”

5.3 “PANDEMIOU TUDO”

A pandemia da Covid-19 atravessa essa pesquisa, estando presente em cada palavra, por sua manifestação não só sanitária, mas econômica, social e política. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2020 e os cenários imaginados pelas pessoas entrevistadas não eram muito otimistas em relação a uma possível volta para realizar as atividades presenciais e coletivas. Nesse enfrentamento, as palavras do líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro Ailton Krenak indicam um caminho: “Para combater esse vírus, temos de ter primeiro cuidado e depois coragem” (KRENAK, 2020).

O uso de máscaras, álcool gel, tratamento precoce, atividade física, afastamento social, foram alguns dos recursos citados pelas pessoas entrevistadas em sua rotina pandêmica. As medidas de proteção recomendadas pela Organização Pan-Americana de Saúde (2020b) e pelo Ministério da Saúde (2021) foram: a higiene das mãos e respiratória, evitar locais com aglomeração, boa ventilação, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, distanciamento de pelo menos um metro entre as pessoas, isolamento de casos suspeitos/confirmados e quarentena dos contatos com casos de Covid-19.

Por essas medidas de proteção, houve alterações significativas em relação às rotinas, também musicais, pré-pandêmicas. A pandemia da Covid-19 no Brasil é muito desigual, sendo que “[...] o momento atual exige de todos solidariedade intergeracional e interdisciplinar” (KALACHE *et. al*., 2020, p. 2).

Para as pessoas entrevistadas e idosas, algo que impactou bastante durante a pandemia foi a condição de ser considerada grupo de risco, pois abruptamente perderam autonomia e independência. A cientista social brasileira Simone Dourado

percebe a força estigmatizante que esta condição trouxe, inclusive tensionando a conquista de direitos:

> A determinação pura e simples de que eles [idosos] são frágeis e devem ser tutelados pelo estado, sociedade e famílias reproduz a imagem da velhice como uma fase de perdas, principalmente de autonomia para tomar decisões, e de custos – idosos são rotineiramente elencados como os que dão mais gastos ao sistema de saúde. [...] O avanço da pandemia colocou em suspenso a legitimidade da demanda dos mais velhos por políticas públicas que garantam a sua inclusão em espaços de lazer e de sociabilidade e que viabilizem sua participação política na forma como esse grupo conhece e prioriza, presencial e direta. (DOURADO, 2020, p. 157).

Déo Oliveira (surdo) iniciou a entrevista dizendo: “Velho aposentado na pandemia, está atirado aí”, fala que exprime a sensação dessa condição paralisante. Luna (agogô) narra algumas emoções vivenciadas nessa mudança:

> [...] essa questão do envelhecimento físico e com a pandemia eu acho que comecei a pensar muito. De repente, eu sou idosa. De repente, eu sou frágil. De repente, eu tenho que ser protegida. “Gente, eu sou uma pessoa que vou para rua, que faço tudo, que não tem nenhuma doença”. Isso dá um choque na gente. Essa questão de relacionar o envelhecimento com: “agora tu não podes sair para rua”. Claro, não saio mesmo, mas teve isso de repente. Coisas do envelhecimento são complicadas, um dia tu descobres que tu estás mais velha.

O peso da imagem de uma pessoa idosa frágil e sem autonomia pode impactar no olhar que a pessoa idosa tem de si. Porém, conforme Atchley (1989), as avaliações e atribuições globais que o indivíduo faz sobre si mesmo persistem, apesar das mudanças substanciais na vida cotidiana. Para que a pessoa permaneça percebendo a si mesma da mesma forma, precisa se adaptar a essas pressões sociais.

Nesse sentido, alguns grupos musicais tentaram se organizar para o formato online, mas isso se conecta com a questão orçamentária, normalmente bastante frágil. Grande parte dos(as) trabalhadores(as) do setor cultural desenvolvem suas atividades de forma autônoma ou informal, sem salário fixo ou carteira assinada. Surgiram alguns editais e a Lei Aldir Blanc (BRASIL, 2020) com o intuito de apoiar artistas impactados pelas medidas de distanciamento social por causa do novo coronavírus, pois muitos ficaram sem renda e dependendo de doações. Alguns grupos organizaram a montagem de vídeos a partir de gravações individuais, outros mesclaram atividades assíncronas e síncronas, mas uma grande parte não conseguiu continuar. Sérgio (saxofone), ao comparar o grupo que participa com

outros que conhece, percebe a falta de recursos financeiros com que a maior parte dos grupos convive:

> [..] ninguém está desenvolvendo um trabalho porque não tem condições de se reunir. O que ocorre: eles podem até fazer esse trabalho cada um na sua casa, mas depois, a questão de edição. Toda edição, mixagem: o M... está fazendo. Isso onera as bandas, eles vão ter que pagar para fazer. Nós não pagamos, o M... dá conta de tudo.

Apesar do fenômeno das *lives*[50] de grandes artistas, artistas independentes ficaram desprotegidos e desamparados. Nesse cenário pandêmico, é inevitável pensar na presença intensa das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na vida das pessoas. Para Muniz *et al.* (2021), a exclusão digital tornou-se mais evidente devido à necessidade de isolamento social, ainda mais com o uso da TIC para mediar o acesso a direitos. Os autores entendem que as TIC podem contribuir para melhorar as condições de vida das pessoas, mas é necessário ter acesso e conhecimento. Doll, Machado e Cachioni (2018), em capítulo sobre a pessoa idosa e as novas tecnologias, destacam que existem diferentes graus entre o uso e o não uso (alfabetização, letramento e fluência digital) das TIC e que é necessário criar condições para que a pessoa idosa tenha domínio das ferramentas, linguagens e recursos existentes. Também a biografia e aspectos sociais influenciam nesse contexto:

> Entre as parcelas excluídas, os idosos foram os mais afetados por se tratar de uma população que não vivenciou desde cedo o uso das tecnologias digitais e, consequentemente, viveu de maneira a não necessitar destas tecnologias nas atividades corriqueiras e no trabalho. [...] Apesar de haver forte engajamento de idosos à procura de inclusão digital, assim como em campanhas de governos, universidades e instituições de ensino em realizarem pesquisas na área, muito deste público ainda não vislumbra o uso das tecnologias como essencial na sua vida. (DOLL; MACHADO; CACHIONI, 2018).

As TIC aparecem como uma mudança significativa na vida das pessoas, especialmente em tempos de pandemia, quando seu uso se intensificou. Rimeda (harmônio) comenta que “Essas alternativas fazem com que a gente possa estar na I... e estar no mundo. É extraordinário.” Também a divulgação dos grupos musicais é potencializada pelo uso das redes sociais. Luna (agogô) aproveita as redes sociais para divulgar o trabalho do grupo musical em que participa; Sérgio (saxofone) gosta

---

[50] “Em relação a 2016, a proporção de usuários de Internet que acompanharam tais transmissões praticamente dobrou, mas segue predominante entre aqueles de classes mais altas e com maior grau de instrução.” (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2021).

e sente muito orgulho do trabalho virtual que a banda em que participa está produzindo durante a pandemia; Déo Oliveira (surdo) e John (contrabaixo), que têm bandas e fazem shows, divulgam também seus trabalhos em páginas do Facebook ou canais do Youtube.

Essa mudança de comportamento pela presença das tecnologias é percebido e tem alterado a maneira com que ensaiam, aprendem, divulgam e se relacionam. Durante a pandemia, as atividades de lazer sofreram forte impacto. Em estudo realizado por Atara Sivan (2020), foi percebido modificação nas atividades de lazer (em casa, interação online e atividades solidárias) e a busca por lazer que envolva criatividade e cuidado pode auxiliar local e globalmente os tempos pós-pandêmicos. Em relação à prática musical, essa modificação e solidariedade também foi percebida entre as pessoas entrevistadas nesta pesquisa, sendo que grupos organizaram *lives* solidárias, inclusive para apoiar outros músicos, como comenta Déo Oliveira (surdo): “Todos os sábados de tarde eles continuam ali tocando, mas é *live* solidária. O que eles [integrantes da banda] recolhem ali, qualquer coisa, eles doam para a ASSMURS, Associação dos Músicos, que fica na Glória.”

Com o uso das TIC, surge a necessidade de novos conhecimentos, equipamentos, ferramentas, engendrando, inclusive, outro tipo de relação com o público. Como disse John (contrabaixo): “Relação, só virtual agora”. O sistema profissional-amador-público (STEBBINS, 1978b) entende a interdependência entre esses três elementos que o constituem e reconhece que o público pode ter papel real no desempenho. Desse modo, podemos entender como a falta de apresentações e interações afeta a prática musical. Quando a entrevista foi realizada, havia muita insegurança em relação a um possível retorno. Déo Oliveira (surdo) comenta seu medo de voltar a fazer apresentações em lugares pequenos, devido ao afastamento entre as pessoas, especialmente algumas que nos shows gostavam de chegar perto para cantar junto. Apesar da imensa vontade de voltar aos palcos, pondera: “Já pensou? Se eu vou lá e trago alguma coisa? Ela [esposa] é grupo de risco tanto quanto eu. Passou dos sessentinha. Eu tenho muito cuidado, mas vontade de ir tocar, não falta.”

Alguns comportamentos que antes eram bem-vindos, especialmente em relação ao contato e à proximidade física, devem sofrer alterações substanciais. Nesse sentido, possivelmente a continuidade externa (ATCHLEY, 1989) será alterada, pois as percepções de familiaridade de estar e fazer em ambientes nas

interações com pessoas serão outras. Na fala de Antônio (violino), a impossibilidade de assistir presencial e fisicamente as apresentações foi percebida como um grande limite imposto pela pandemia e as primeiras experiências presenciais não têm sido a mesma coisa:

> Estou num jejum horroroso: de não assistir recital. Até estou indo, não de música erudita, foi de gaúcha, teve um há duas semanas e vai ter outro semana que vem. Jantar com todo o distanciamento, pessoas no show de um músico. [...] Tudo nos conformes, foi até a Brigada lá, tudo certo. Mas são coisas pontuais. As *lives* que a gente acaba indo, levando o C... Eles entram em contato e tal, mas não é melhor coisa que assistir um concerto, que assistir um recital [...].

O maior impacto relatado foi a mudança repentina de atividades majoritariamente coletivas e presenciais, para individuais e virtuais. Para Atchley (1989) a manutenção de relacionamentos, especialmente com amigos próximos e familiares, e ser autossuficiente, são objetivos importantes para a maioria das pessoas idosas. Os grupos musicais criam muitos relacionamentos importantes e a falta do grupo para ensaiar gerou, na maioria, algum grau de desmotivação. Como disse Antônio (violino): “Meio que tu perdes o norte, tu não tens aquele estímulo de ensaiar, de tocar. Minha vida musical ficou de eu tocar algumas coisas que eu gosto em casa, tocar para os búfalos.” Sérgio (saxofone) enxerga que, especialmente para alguns(as) integrantes mais idosos(as) da banda em que participa, “Aquele encontro semanal faz falta”, destacando a importância social da prática musical.

Apesar de ter mais tempo em casa, o que poderia favorecer a prática musical, percebemos o quanto fatores externos estão presentes no estudo e são condições para que ele ocorra. Mariana (agogô) considera que não precisar se deslocar entre seus trabalhos deu mais tempo para ensaiar. Também Luna (agogô) reconhece aspectos positivos, pois acredita “[...] bem mais seguro a gente estar fazendo assim [online], apesar dos problemas.”

A disponibilização de materiais sonoros e vídeos para o estudo foi uma alternativa encontrada pela maioria dos grupos e percebida como algo bom e que veio para ficar. Sobre as mudanças e permanências da prática docente no contexto da pandemia, Costa e Teixeira (2021) discutem a fragilidade do sistema legal sobre as atividades relacionadas à internet, pois não são estabelecidas grandes garantias à propriedade intelectual ou ao direito de imagem e advertem sobre possíveis adulterações e plágios das aulas disponibilizadas. Os materiais didático e musical produzidos pelos grupos podem esbarrar nesse problema de uso indevido.

Outro fator que pode deixar reflexos negativos se refere aos impactos do tempo de uso das tecnologias na saúde. A multiplicação do acesso, especialmente entre crianças e adolescentes, quando em demasia, podem gerar distúrbios do sono, alimentares, entre outros (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2020). Girassol (tamborim) comenta que, devido à intensidade do uso do computador não só para a prática musical, sua dor crônica aumentou e, por isso, optou em diminuir sua participação no grupo, mesmo percebendo as possibilidades dessa modalidade.

Rimeda (harmônio), que mora na zona rural, comenta que a pandemia trouxe pouca alteração na sua rotina, porém sente que outras pessoas (amigos e parentes) têm evitado fazer visitas e passeios. Em estudo realizado por Romero *et al.* (2021) sobre os efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho na população idosa brasileira, verificou-se que é frequente para essa população se sentir muitas vezes ou sempre sozinhos e que devido ao "[...] luto coletivo, alta letalidade de seu grupo etário, abandono de governantes – por meio de expressões sobre a fragilidade dos contagiados – e falta de políticas públicas de proteção social" (p. 11), esse sentimento pode se agravar na pandemia. Para os familiares e amigos dos mais de 515 mil[52] mortos pela Covid-19, fica difícil seguir sem ter a companhia das pessoas amadas que não tiveram a chance de serem vacinadas ou tratadas.

Volto a citar as palavras de Krenak, pois para enfrentarmos essa pandemia é preciso cuidado e coragem. As pessoas idosas foram alvo de grande pressão devido à vulnerabilidade decorrente da pandemia. O uso das TIC está sendo um importante aliado para manter relações e atividades, apesar de alguns aspectos inconvenientes.

[52] Dado referente a 30 de junho de 2021 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender como as pessoas percebem a sua prática musical e seu processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério (PLS). Busquei identificar interesses e motivações da prática musical e descrever relações entre essa prática, o envelhecimento e a PLS. Para que isso fosse possível, foram realizadas entrevistas com oito musicistas amadores(as) residentes no Rio Grande do Sul. O material foi confrontado com a Teoria da Continuidade, de Robert Atchley e a Perspectiva do Lazer Sério, de Robert Stebbins.

Entender o processo de envelhecimento é fundamental para elaborar propostas pedagógicas e políticas públicas que potencializem a aprendizagem ao longo da vida e garantam direitos às pessoas idosas, reconhecendo sua heterogeneidade e diminuindo as desigualdades. Conhecer as potencialidades de aprendizagem da pessoa idosa evidencia a velhice como uma fase para além das perdas comumente vistas como únicas características.

A Teoria da Continuidade compreende que, no processo de envelhecimento não-patológico ou anômalo, as pessoas dão um sentido de continuidade às suas vidas. Essa continuidade não é entendida como falta de mudanças, mas como algo que se adapta. Assim, quando a prática musical é parte constitutiva do indivíduo, sua presença no processo de envelhecimento pode contribuir positivamente para a manutenção de aspectos pessoais e sociais.

A Perspectiva do Lazer Sério nos permite pensar os diferentes tipos de e envolvimentos com o lazer. Nessa pesquisa, foi percebido que o interesse em música iniciou muito cedo, porém, a prática musical começou em momentos diversos da biografia. Apesar desse início desigual, seja em relação às maneiras de aprendizagem ou etárias, o envolvimento apresentou para todos(as) variações, com fases de aproximações e distanciamentos, sendo a retomada da atividade sempre vista como algo positivo.

Cada pessoa entrevistada tem suas particularidades em relação à música na sua vida, porém, a *core activity* é a mesma: tocar. Tocar um instrumento musical ocorre tanto individual quanto coletivamente, sendo que a participação em grupos musicais é percebida como importante, tanto por questões de trocas de conhecimento como por estabelecer propósitos. Ao contrário do que se poderia

imaginar, as apresentações musicais não são a finalidade da prática, porém constituem relações com o público e outros(as) musicistas, o que faz com que sejam significativas e positivas. As pessoas entrevistadas transitam de diferentes modos no campo musical e exercem tanto o papel de público quanto de artistas.

A característica proeminente nas falas sobre o lazer se refere ao prazer que a atividade traz para a vida da pessoa, não sendo necessariamente vista como oposta ao trabalho. O grupo entrevistado percebe variedade de lazer na sua vida e a prática sistemática, bem como o envolvimento na atividade, não tiram o prazer, mas trazem outras dimensões e benefícios.

O envelhecimento é visto com bastante nitidez para as pessoas entrevistadas, envolvendo algumas possíveis alterações físicas, mas sem retirar dessa fase a possibilidade de desenvolver novas habilidades bem como de manter a prática musical. Nenhuma das pessoas entrevistadas começou a tocar depois de se aposentar, o que contrasta com a ideia de que o tempo livre da aposentadoria seria uma condição para a prática de lazer. A aposentadoria como fase de vida tem se alterado, especialmente em relação ao que poderia se esperar de benefícios, algo que com as reformas previdenciárias parece cada vez menos vantajoso ou seguro. Dessa forma, permanecer trabalhando é uma alternativa tanto pelos aspectos financeiros quanto pela possibilidade de se manter ativo(a) socialmente.

As imagens das pessoas idosas como inúteis e inativas, fortemente presentes nos discursos da pandemia, não encontram eco nesse grupo de pessoas bastante sonhadoras e engajadas. Se, por um lado, a prática musical coletiva foi drasticamente modificada em seus mais diversos aspectos, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) trouxe possibilidades para as pessoas entrevistadas continuarem aprendendo e se relacionando. Infelizmente, esse cenário de inclusão digital não ocorre do mesmo modo para grande parte da população brasileira, que sofre com as fortes desigualdades econômicas e sociais.

As TIC permitiram realizar ensaios online, *lives* solidárias e facilitaram o acesso a diversos materiais didáticos, mas a relação com o público ou como público foi completamente alterada, interferindo inclusive nas condições de manutenção do trabalho de alguns grupos. Essa alteração soma-se a outros desafios pessoais que interferem na prática e geram momentos de aproximação ou distanciamento, constituintes da carreira musical.

A prática de lazer sério pode auxiliar a manter e a estabelecer novos papéis

sociais. A continuidade permite avaliar quais habilidades são centrais e encontrar maneiras de se adaptar às mudanças sem perder aquilo que é central. Nos ensaios coletivos, existe a troca com as outras pessoas, o que foi visto como uma oportunidade de aprender sobre convivência, aceitação e diferenças. Tais diferenças podem ser mais relativas à música do que de gênero, etárias ou econômicas, criando um ambiente bastante enriquecedor e amigável. Conhecer pessoas mais velhas que permanecem na prática musical auxilia a quebrar alguns estereótipos e a criar referenciais que auxiliem a pensar inclusive o futuro pessoal como musicista.

Ter consciência dos processos de envelhecimento e das práticas de lazer pode contribuir para a formação integral da pessoa humana, colaborando para quebrar os estigmas de incapacidade de se adaptar ao novo ou inutilidade da pessoa idosa ou adulta madura, que interferem diretamente nas relações trabalhistas e pessoais. Destaco a importância de construir uma imagem que represente as pessoas com suas potencialidades e diversidades, sendo a presença desses assuntos na formação algo digno de consideração.

A Teoria da Continuidade e a Perspectiva do Lazer Sério nos permitem perceber a música como algo central e que se mantém para as pessoas entrevistadas, apesar das adaptações necessárias. Perceber as mudanças e continuidades advindas do envelhecimento permite encontrar meios de manter aspectos centrais, sendo que a prática musical pode contribuir nesse processo.

O estudo não esgota as possibilidades de relações entre os processos de envelhecimento e a prática musical a partir da PLS. Seria interessante estudar essas relações em outros grupos sociais, e, também com pessoas que começaram a tocar após a aposentadoria. Investigar o que esse período de pandemia significará nas práticas musicais durante o envelhecimento é outro limite dessa pesquisa por não haver diferença temporal que nos permita relacionar com o passado. A realização das entrevistas de maneira presencial e a observação de grupos que as pessoas participem também poderiam ampliar o entendimento sobre o assunto estudado. A Perspectiva do Lazer Sério é uma importante ferramenta teórica e que poderia estar mais presente nas pesquisas brasileiras que abordam a música e o envelhecimento.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Fabio F. de; ROCHA, Ângela da. The redefining of later life through leisure: music and dance groups in Brazil. **Leisure Studies**, Londres, v. 38, n. 5, p. 712-727, 2019. DOI: 10.1080/02614367.2019.1636847. Acesso em: 22 set. 2021.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução e notas de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

ATCHLEY, Robert C. A continuity theory of normal aging. **The Gerontologist**, v. 29, n. 2, p. 183-190, 1989.
Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/Continuity-and-Adaptation-in-Aging%3A-Creating-Atchley/8dc0472df0eb6ea4f2aa38e52a5c91ff6bb10e24. Acesso em: 04 mar. 2020.

ATCHLEY, Robert C. **The sociology of retirement**. New York: Halsted Press, 1976.

BALTES, Paul B.; BALTES, Margret M. Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. *In*: BALTES Paul B.; BALTES, Margret M.(org.). **Successful aging**: perspectives from the behavioural sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-34. DOI: 10.1017/CBO9780511665684.003. Acesso em: 22 set. 2021.

BARROS, Aparecida da Silva Xavier *et al*. A educação no entardecer da vida. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, p. 1- 21, maio 2021. DOI:10.1590/S0104-403620210002902496. Acesso em: 22 set. 2021.

BORELLI, Wyllians V.; SCHILLING, Lucas P.; PORTUGUEZ, Mirna W. O envelhecimento e o cérebro. *In*: NUNES, Magda L.; COSTA, Jaderson C. da; SOUZA, Draiton G. de (org.). **Entendendo o funcionamento do cérebro ao longo da vida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2021. p. 99-110.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: DE MORAES FERREIRA, Janaína A. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 183-191. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf. Acesso em: 04 mar. 2020.

CAMARANO, Ana Amélia. **Novo regime demográfico**: uma nova relação entre população e desenvolvimento? Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

CHARLES, Susan T.; HONG, Joanna. Theories of emotional well-being and aging. *In*: BENGTSON, Vern L.; SETTERSTEN JUNIOR, Richard (org.). **Handbook of**

theories of aging. Nova Iorque: Springer Publishing Company, 2016. [e-book]

COFFMAN, Don D. Voices of experience: interviews of adult community band members in Launceston, Tasmania, Australia. **International Journal of Community Music**, 2006. Disponível em: https://www.seriousleisure.net/uploads/8/3/3/8/8338986/coffmanpaper.pdf. Acesso em: 18 maio 2019.

COSTA, Patricia C.; TEIXEIRA, Luiz Augusto C. Meios digitais, ensino e prática docente: mudanças e permanências no contexto da pandemia de COVID 19. **Revista Teias**, v. 22, n. 65, p. 26-40, abr./jun. 2021.

COSTA, Denise G. S.; SOARES, Nanci. Envelhecimento e velhices: heterogeneidade no tempo do capital. **Serviço Social & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 57- 68, 2016.

CREECH, Andrea; HALLAM, Maria V. S. Lifelong musical possible selves: adult music learning and participation. *In*: CREECH, Andrea; HALLAM, Maria V. S. (org.). **Contexts for music learning and participation.** Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2020. p. 123-141.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: DESLANDES, Suely F.; CRUZ NETO, Otávio; MINAYO, Maria C. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RS: Vozes, 2002. p. 51-66. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf Acesso em: 07 abr. 2020.

DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. **A terceira idade**. São Paulo, v. 19, n. 43, p. 7-26, out. 2008.

DOLL, Johannes *et al.* Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 7-33, 2007. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27274/000677539.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 19 out. 2019.

DOLL, Johannes *et al*.. Inventário de lazer sério: adaptação transcultural e evidências de validade do Serious Leisure Inventory and Measure (SLIM). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1139-1154, 2018. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/81766. Acesso em 30 mar. 2020.

DOLL, Johannes; MACHADO, Letícia R.; CACHIONI, Meire. O idoso e as novas tecnologias. *In:* Freitas, Elisabete V. de; PY, Ligia (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p. 1664-1671.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline S. Apresentação da seção temática-educação e envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, 2015.

DOURADO, Simone. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo,** São Paulo, v. 29, n. supl, p. 153-162, 2020.

ERVATTI, Leila; BORGES, Gabriel M.; PONTE JARDIM, Antonio de (org.). **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI**: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FONTOURA, Daniele dos S.; DOLL, Johannes; OLIVEIRA, Saulo N. de. O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 53-79, 2015. DOI: 10.1590/2175-623645774. Acesso em: 22 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 46- 56, jul./dez. 2012.

GOLDENBERG, Mirian (org.). **Velho é lindo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOODRICH, Andrew. Spending their leisure time: adult amateur musicians in a community band. **Music Education Research**, v. 21, n. 2, p. 174-184, 2019. DOI: 10.1080/14613808.1563057. Acesso em: 22 set. 2021.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012.

JARVIS, Peter. Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: aprendendo a ser eu. *In*: ILLERIS, Knud *et al* (org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 31-45.

JOLY, Maria C.; JOLY, Ilza. Práticas musicais coletivas: um olhar para a convivência em uma orquestra comunitária. **Revista da ABEM**, v. 19, n. 26, p. 79-91, jul./dez. 2011.

KALACHE, Alexandre *et al*. Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da pandemia Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 6, p. 1-3, 2020. DOI: 10.1590/1981-22562020023.200122. Acesso em: 22 set. 2021.

KATZ, Stephen. From chronology to functionality: critical reflections on the gerontology of the body. *In:* BAARS, Jan *et al* (org.). **Aging, globalization, and inequality**: the new critical gerontology. London, New York: Routledge, 2016. p. 123-137.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. [e-book]

LINS, João; TONELLI, Maria J.; ARANHA FILHO, Francisco J. E.. **Envelhecimento da força de trabalho no Brasil**. São Paulo: PricewaterhouseCoopers Brasil Ltda, Fundação Getúlio Vargas, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7686314/Envelhecimento_da_for%C3%A7a_de_trabalho_no_Brasil. Acesso em: 18 nov. 2020.

LUZ, Marcelo C. **A Educação musical na terceira idade:** uma proposta metodológica de sensibilização e iniciação à linguagem musical. 2005. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12402/1/Dissertacao%20Luz%20M%20C.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

MANTIE, Roger. Music and/as leisure: old wine in new bottles? **International Journal of Community Music**, v. 6, n. 2, p. 135- 139, 2013. DOI: 10.1386/ijcm.6.2.135_2. Acesso em: 22 set. 2021.

MELO, Victor A. de., ALVESJUNIOR, Edmundo de D. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2012.

MINAYO, Maria C. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4111455/mod_resource/content/1/Minayosaturacao.pdf. Acesso em 14 abr. 2020.

MINAYO, Maria C.. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csc/2012.v17n3/621-626/pt/. Acesso em 08 jun. 2020.

MIRANDA-RIBEIRO, Adriana; GARCIA, Ricardo A.; FARIA, Tereza C.. Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 36, 2019. DOI: 10.20947/S0102-3098a0080. Acesso em: 22 set. 2021.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUNIZ, Cátia R. *et al*. Uma análise sobre exclusão digital durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: quem tem direito às cidades inteligentes? **Revista de Direito da Cidade**, v. 13, n. 2, p. 700-728, 2021. DOI: 10.12957/rdc.2021.54909. Acesso em: 22 set. 2021.

NERI, Anita L. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto-SP, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a05.pdf. Acesso em: 26 mar. 2020.

NETTO, Matheus P.. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos

básicos. *In:* Freitas, Elisabete V. de; PY, Ligia (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. [e-book]

OLIVEIRA, Saulo N. de; DOLL, Johannes. A carreira no lazer: uma possibilidade a partir da perspectiva do serious leisure. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 293–331, 2016. DOI: 10.35699/1981-3171.2016.1296. Acesso em: 22 set. 2021.

OLIVEIRA, Saulo N. de; DOLL, Johannes. O serious leisure de Robert A. Stebbins. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, 2014. DOI: 10.35699/1981-3171.2014.631. Acesso em: 22 set. 2021.

OLIVEIRA, Saulo N. de; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 325-338, 2012.

OLIVEIRA, Saulo N. de; DOLL, Johannes. This is the end, my beautiful friend: lazer sério e o fim da carreira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 215-236, 2017.

PASCHOAL, Sérgio M. P. Qualidade de vida da velhice. *In:* Freitas, Elisabete V. de; PY, Ligia (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018. p. 1664-1671.

PHILLIPSON, Chris. Aging and globalization: issues for critical gerontology and political economy. *In:* BAARS, Jan *et al* (org.). **Aging, globalization, and inequality**: the new critical gerontology. London, New York: Routledge, 2016. p. 43-58.

RAMOS, Anne C. . Os avós na literatura infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, 2015. DOI: 10.1590/2175-623645343. Acesso em: 22 set. 2021.

REIS, Alexandra; PETERSSON, Karl M.; FAÍSCA, Luís. Neuroplasticidade: os efeitos de aprendizagens específicas no cérebro humano. *In:* NUNES, Cristina; JESUS, Saul N. (org.). **Temas actuais em Psicologia**. Faro: Universidade do Algarve, 2009. p. 11-26.
Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alexandra_Reis/publication/50809628_Neuroplasticidade_Os_efeitos_de_aprendizagens_especificas_no_cerebro_humano/links/57222add08aee491cb32e0a9.pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

REUTER-LORENZ, Patricia A.; LUSTIG, Cindy. Brain aging: reorganizing discoveries about the aging mind. **Current opinion in neurobiology**, Amsterdã v. 15 , n. 2, p. 245-251, 2005. Disponível em: https://sites.lsa.umich.edu/clustig-lab/wp-content/uploads/sites/598/2018/04/14_Lustig-et-al_2005.pdf. Acesso em: 03 mar. 2020.

ROBERSON JUNIOR, Donald N. Leisure and learning: an investigation of older adults and self-directed learning. **Leisure/Loisir**, Waterloo, Ontario, v. 29, p. 203–238, 2005. DOI: 10.1080/14927713.2005.9651330. Acesso em: 22 set. 2021.

ROMERO, Dalia E. *et al*. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio

de Janeiro, v. 37, n. 3, 2021. DOI: 10.1590/0102-311X00216620. Acesso em: 22 set. 2021.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L. Successful aging 2.0: Conceptual expansions for the 21st century. **The Journals of Gerontology: Series B**, v. 70, n. 4, p. 593-596, 2015.

SANTIAGO, Patrícia F. A integração da prática deliberada e da prática informal no aprendizado da música instrumental. **Per musi**, v. 13, p. 52-62, 2006. Disponível em: http://musica.ufmg.br/permusi/permusi/port/numeros/13/num13_cap_04.pdf. Acesso em 20 jun. 2021.

SÄRKÄMÖ, Teppo *et al*.. Cognitive, emotional, and social benefits of regular musical activities in early dementia: randomized controlled study. **The Gerontologist**, London, v. 54, n. 4, p. 634-650, 2014. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24009169. Acesso em 10 abr. 2020.

SCORALICK-LEMPKE, Natália N.; BARBOSA, Altemir J. G. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia**, v. 29, p. 647-655, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2012000500001. Acesso em 26 mar. 2020.

SIVAN, Atara. Leisure in times of COVID-19: reflection on Hong Kong and Israel. **World Leisure Journal**, v. 62, n. 4, p. 322-324, 2020. DOI: 10.1080/16078055.2020.1825268. Acesso em: 22 set. 2021.

SLOANE-SEALE, Atlanta; KOPS, Bill. Relação entre aprendizagem dos idosos e envelhecimento bem-sucedido. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 25-36, 2012. Disponível em: http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2284. Acesso em: 25 mar. 2020.

STEBBINS, Robert A. **Amateurs**: on the margin between work and leisure. (vol. 6). Beverly Hills: SAGE Publications, 1979. DOI: 10.1177/089124168101000106. Acesso em: 22 set. 2021.

STEBBINS, Robert A. Classical music amateurs: a definitional study. **Humboldt Journal of Social Relations**, v. 5, n. 5, p. 78-103, 1978a.

STEBBINS, Robert A. Creating high culture: the American amateur classical musician. **Journal of American Culture**, v.1, p. 616-631, 1978b.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 42-56, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/download/433/281/2312. Acesso em: 20 jun. 2021.

STEBBINS, Robert A. The amateur: two sociological definitions. **The Pacific Sociological Review**, v. 20, n. 4, p. 582–606, 1977. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1388717?seq=1. Acesso em 24 abr. 2020.

STEBBINS, Robert A. **The serious leisure perspective**: a synthesis. S/l: Palgrave Macmilllan, 2020.

STIGGER, Marco P. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, 2009. Disponível em: http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/437/353 Acesso em: 11 maio 2019.
VON HORNBOSTEL, Erich M.; SACHS, Curt. Systematik der Musikinstrumente: ein Versuch. **Zeitschrift für Ethnologie**, v. 46, n. H. 4/5, p. 553-590, 1914. Disponível em: https://archive.org/details/zeitschriftfre46berluoft/page/552/mode/2up. Acesso em: 16 maio 2021.

Obras de referência

AMADOR. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2021. Lisboa: Priberam, 2021. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/amador. Acesso em: 17 maio 2021.

LAZER. *In*: DICIONÁRIO Michaelis da Língua Portuguesa [online]. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lazer. Acesso em: 16 maio 2021.

Legislação

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020 [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 mar. 2020.

BRASIL. **Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 24 mar. 2020.

BRASIL. **Lei n. 13.632, de 6 de março de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. **Lei n. 14.017 de 29 de junho de 2020**. Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Brasília,

DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. **Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 24 mar. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei n. 15.561 de 9 de dezembro de 2020**. Dispõe sobre o reajuste dos pisos salariais no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: https://www.sgenerosrs.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Lei-Estadual-RS-n%C2%BA-15.561-2020-Piso-Regional-RS.pdf. Acesso em: 24 maio 2021.

Relatórios e documentos institucionais

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisa**: Informação Demográfica e Socioeconômica, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-12, 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/9d6f4faeda1f1fb7532be7a9240cc233.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, c2017a. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio. Acesso em: 24 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**: Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: IBGE, c2017b. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama. Acesso em: 24 maio 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados. Acesso em: 19 out. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Como se proteger? Confira medidas não farmacológicas de prevenção e controle da pandemia do novo coronavírus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 12 mai. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger. Acesso em: 25 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em: 30 jun. 2021.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet

no Brasil, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 31 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Site 1948, 2018 [1948]. Disponível em: https://declaracao1948.com.br/declaracao-universal/declaracao-direitos-humanos/?gclid=Cj0KCQjwh_eFBhDZARIsALHjIKevuVbw4PxOIMZ-3xkidIgg9ZIiGTZEiW0dnC8h4eizHwT7TfzlLmsaAhCXEALw_wcB. Acesso em: 07 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Political declaration and Madrid international plano of action on ageing**. Nova Iorque: ONU, 2012. Disponível em: https://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Convenção interamericana sobre os direitos humanos dos idosos**. Washington: OEA, 2015. Disponível em: http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2014/08/conven%C3%A7%C3%A3o-interamericana-sobre-a-prote%C3%A7%C3%A3o-dos-direitos-humanos-dos-idosos-OEA.pdf. Acesso em: 24 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6. Acesso em: 27 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Decade of Healthy Ageing**. Brasília, DF: OPAS, 2020a. Disponível em: https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2020/10/D%C3%A9cada-do-Envelhecimento-Saud%C3%A1vel-2020-2030.pdf. Acesso em: 07 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Folha informativa sobre COVID-19**. Brasília, DF: OPAS, 2020b. Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. SBP atualiza recomendações sobre saúde e crianças e adolescentes na era digital. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, 11 fev. 2020. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/. Acesso em: 26 jun. 2021.

Noticiário

CENSO 2010: Brasil tem 3,3 moradores para cada domicílio. **Portal Terra**, São Paulo, 29 abr. 2011. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/censo-2010-brasil-tem-33-moradores-para-cada-domicilio,e629c4bdea737310VgnCLD100000bbcceb0aRCRD.html. Acesso em: 24 maio 2021.

PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam no máximo o ensino fundamental completo. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 21 dez. 2017. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-no-maximo-o-ensino-fundamental-completo. Acesso em: 02 fev. 2020.

Audiovisual

TRANSCRIÇÃO de entrevista automaticamente: forma prática e eficiente, 2017. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Guia da Monografia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a07vnbsGyAQ. Acesso em: 15 jan. 2021.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARTICIPANTE

PESQUISA: Envelhecimento e Música: o lazer sério em narrativas de amadores

COORDENAÇÃO: Prof. Dr. Johannes Doll

PESQUISADOR ASSISTENTE: Estela Kohlrausch

Prezado(a) Sr(a),

Estamos desenvolvendo uma pesquisa intitulada "Envelhecimento e Música: o lazer sério em narrativas de amadores" coordenada pelo Prof. Dr. Johannes Doll. Você está sendo convidado(a) a participar deste estudo. A seguir, esclarecemos e descrevemos as condições e objetivos do estudo:

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar a percepção pessoal da prática musical e do processo de envelhecimento a partir da Perspectiva do Lazer Sério. Este projeto foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participarão desta pesquisa em torno de 10 pessoas, residentes ou atuantes no Rio Grande do Sul, de ambos os sexos, com idades entre 50 e 70 anos e que toquem amadoramente um instrumento musical. Serão convidados a participar pessoas que estavam fazendo presencialmente aula particular ou tocavam em algum grupo musical até março de 2020 ou que estejam ainda fazendo estas atividades de maneira online, não sendo ligado a nenhuma instituição específica.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você será convidado(a) a realizar uma entrevista que será gravada, se assim você permitir. A duração prevista da entrevista é entre 50 minutos e 1h30min. As entrevistas serão realizadas, preferencialmente, de forma presencial, porém poderão ser realizadas, com os mesmos critérios, através de tecnologias digitais (chamadas de vídeo ou áudio) ou por telefone caso as medidas de afastamento social decorrentes da pandemia da doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) permaneçam em vigor, sempre preservando sua integridade física e emocional, bem como sua privacidade e saúde. A escolha do meio de realização da entrevista será realizada em conjunto entre você e o pesquisador responsável para que seja uma alternativa que se sinta confortável, segura e tenha acesso, evitando qualquer tipo de constrangimento em relação ao uso das tecnologias. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, pode entrar em contato com o Prof. Dr. Johannes Doll pelo fone (51) 3308.4144 ou com Estela Kohlrausch pelo email estela.kohlrausch@ufrgs.br.

SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas/perguntas sobre aspectos sociodemográficos, sobre sua prática musical e seu processo de envelhecimento, sempre respeitando seus limites pessoais.

RISCOS: Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na pesquisa, conforme a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os riscos envolvidos são baixos e se referem

a um eventual desconforto que pode surgir ao expor suas percepções sobre a música e lazer. Tais riscos serão resolvidos com encaminhamentos que garantam cuidados e respeito de acordo com a manifestação do respondente. Se a pesquisa causar desconforto em algum momento, as atividades serão suspensas. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. A transcrição da entrevista será apresentada para que possa fazer correções ou vetar algum trecho de seu interesse, os trechos da entrevista que considerar confidenciais não serão usados na pesquisa. havendo algum dano decorrente da pesquisa, o participante terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais e/ou extrajudiciais, conforme a legislação brasileira (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954; entre outras; e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Trataremos todas as informações sem que haja identificação de particularidades de cada entrevistado. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado. Os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos do trabalho expostos acima, incluindo a possível publicação na literatura científica especializada e apresentação em eventos científicos. Os dados coletados decorrentes da pesquisa ficarão guardados sob a responsabilidade da(o) pesquisadora(or) principal por 5 anos no seguinte endereço: Av. Paulo Gama, 110, Prédio 12201, sala 817. Bairro Farroupilha. CEP: 90046-900. Porto Alegre/RS.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas que estudem a Perspectiva do Lazer Sério e que pratiquem algum instrumento musical de maneira amadora. Você receberá as publicações feitas a partir desta pesquisa de maneira impressa ou digital, desde que seja de seu interesse.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

Desde já, agradecemos a atenção e a da participação. Se houver dúvidas quanto à sua participação poderá pedir esclarecimento a qualquer um de nós, nos endereços e telefones abaixo:

Johannes Doll, Av. Paulo Gama, s/n - Prédio 12201 - 7. andar. Bairro Farroupilha. CEP: 90046-900. Porto Alegre/RS. Fone: (51) 3308.4144. E-mail: johannes.doll@ufrgs.br

Estela Kohlrausch, Av. Paulo Gama, s/n - Prédio 12201 - 7. andar. Bairro Farroupilha. CEP: 90046-900. Porto Alegre/RS. Fone: (51) 3308.4144. Email: estela.kohlrausch@ufrgs.br

Ou ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, Avenida Protásio Alves, 297, Bairro Rio Branco, CEP: 90620-110. Porto Alegre/RS. Fone:3308-2024.

O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A missão do CEP é garantir os direitos e a dignidade dos sujeitos da pesquisa.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,_____, entendi os objetivos desta pesquisa, bem como a forma de participação. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto e concordo em participar.
Local e data:_____

_____
Assinatura do participante

Eu, _____, membro da equipe do projeto ”Envelhecimento e Música: o lazer sério em narrativas de amadores”, obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do sujeito da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

_____
pesquisador responsável

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista

Dados gerais sobre a entrevista (preenchidos pela pesquisadora)	
Data	
Local	
Horário início e fim	
Nome fictício	
Telefone	
E-mail	

Dados gerais

Idade: ____ anos

Data de nascimento: ____/____/_____

Local de nascimento: Cidade: _____UF:_____

Sexo/Gênero:_____

Autodeclaração de raça/cor/etnia:_____

Estado civil:

( ) solteiro(a) ( ) casado(a) ( ) separado(a) ( ) divorciado(a) ( ) viúvo(a)

( ) outro:_____

Familiares

Filhos ( ) Sim Quantos?____( ) Não

Netos ( ) Sim Quantos?____( ) Não

Bisnetos ( ) Sim Quantos? ____( ) Não

Moradia

( ) casa própria ( ) cedida ( ) aluguel ( ) outra:_____

Quantas pessoas moram com você?

( ) moro só ( )1 ( )2 ( )3 ( )4 ( ) outro:

Escolaridade:

( ) fundamental incompleto ( ) fundamental completo

( ) médio incompleto ( ) médio completo ( ) curso técnico

( ) superior incompleto ( ) superior completo

( ) pós graduação

Qual sua profissão?_____

Aposentadoria

( ) Não sou aposentado(a) ( ) Sou aposentado(a) Ano de início do benefício:_____

Renda familiar (mensal)

( )Até 1 salário mínimo ( ) Até 2 salários mínimos ( ) Até 3 salários mínimos

( ) Até 4 salários mínimos ( ) 5 salários mínimos ou mais

Fale um pouco sobre você

Conte sua trajetória musical: quando começou? Qual seu contato inicial e atual?

O que é lazer para você?

O que a música significa para você?

Baseado na sua trajetória, como você está sentindo os efeitos e transformações do envelhecimento?

Como você se vê hoje e como se imagina em 10 anos?

Baseado na sua experiência, como você descreve sua relação com a prática de um instrumento musical?

Como é sua prática musical?

Quanto tempo você dedica para a prática musical atualmente? Pensa que este tempo pode mudar por algum fator?

Que tipos de dificuldades você encontra no fazer musical?

Como você interpretaria hoje seu desenvolvimento no instrumento?

Baseado na sua experiência, como se supera de uma dificuldade?

Como você descreve sua relação com outros músicos?

Você já recebeu algum valor financeiro por tocar ou por sua experiência e conhecimento na área?

Você considera que a música trouxe alguma coisa para você e sua vida?

Como você se sente em relação às suas experiências de tocar em público?

Você acha que as pessoas o identificam como músico?

Você acha que a aposentadoria muda/ mudou seu enfoque em relação à música?

Como você descreve o que sente ao fazer música?

Você gostaria de mudar alguma coisa na sua vida?